

COLEÇÃO GRANDES POETAS DO BRASIL

POESIAS COMPLETAS DE
EMILIANO PERNETTA



II

-PENA DE TALIÃO -
- SETEMBRO -
- MUSICA'S -

ZELIO VALVERDE

BREVEMENTE
POESIAS
COMPLETAS
DE

B. LOPES

EM QUATRO
VOLUMES, CUIDA-
DOSAMENTE
REVISTO

POESIAS COMPLETAS
DE
EMILIANO PERNETTA

le ne fay rien
sans
Gayeté

(*Montaigne, Des livres*)

Ex Libris
José Mindlin

JOSÉ DE ARROADE MURICEY
COLEÇÃO "GRANDES POETAS DO BRASIL"

POESIAS COMPLETAS
DE
EMILIANO PERNETTA

II

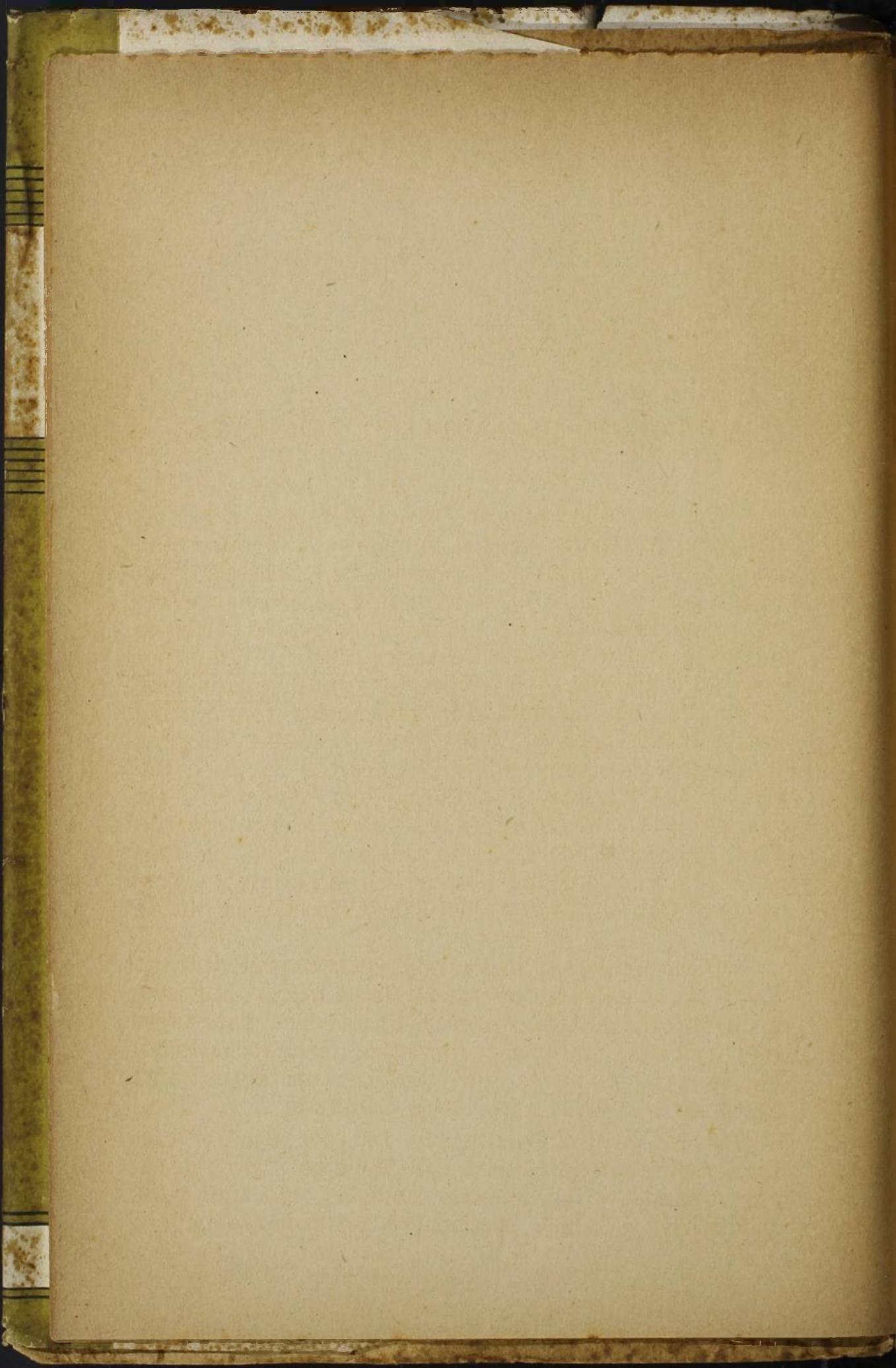
PENA DE TALIÃO
SETEMBRO
MÚSICAS

Estudo crítico
de
TASSO DA SILVEIRA

Livraria Editora Zelio Valverde
Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal, 2956
Rio de Janeiro — 1945

УЧЕБНИК ЗОЛОТАЯ МРИЯ
РИО ОНЛАЙН

PREFÁCIO



A POESIA DE EMILIANO PERNETTA

A poesia de Emiliano Pernetta, como a dos simbolistas de outros países, vem tocada fundamentalmente do canto dos mestres do Simbolismo francês. Suponho que ainda hoje, para a crítica brasileira, verificar-se influência de poetas alienígenas sobre os nossos é motivo de desinteresse e desprestígio. E' o caso de mais uma vez lembrarmos que de cada poeta ou prosador do mundo se pode dizer que vem de outro, ou de outros. Como Dante vem de Vergílio. E Vergílio, de Homero. E Camões, de Virgílio, Petrarca, Gil Vicente. E o Pascal das "Pensées", em grande parte, de Montaigne. Como Montaigne, de Flutarco e de Sêneca. Como Chateaubriand, de Tasso e Milton. Como os humoristas ingleses, de Cervantes. Como Molière, de Tirso de Molina e de Flauto...

Obra nenhuma nasce por geração espontânea. Cada obra, cada autor, cada movimento literário, cada literatura tem raízes longas, sendo este complexo jôgo de múltiplas e por vezes recíprocas influências o objeto mesmo da mais fascinante disciplina de nosso tempo: a Literatura Comparada.

A Literatura Comparada, todavia, não se limita a verificar êsse jôgo de influências. Pelo contrário: quando o faz, reconhecendo-o como universal, inevitável, e, aliás, fecundo, é exatamente com o

intuito de descobrir o que se revela como especificamente original, como nítidamente marcante de uma fisionomia diversa, inconfundível, em cada obra, em cada autor, em cada movimento, em cada literatura.

Se formos com tal ânimo compreensivo para a obra de Emiliano Pernetta, perceberemos imediatamente esta coisa: é que nessa obra, tão vivamente tocada da poesia dos mestres simbolistas de França, se extravasam, no entanto, um temperamento particularíssimo, que em nada se parece com o de Verlaine, com o de Mallarmé, com o de Rimbaud; a aventura de uma vida perfeitamente individuada de homem, que nada tem com a aventura mallarmeana, ou verlaineana, ou rimbeauescas; uma paisagem, um ambiente, um clima inteiramente diversos do ambiente, do clima, da paisagem da França daqueles Mestres; certos acentos nascidos de fundo rácico, e que nenhuma afinidade apresentam com os acentos da mesma origem que possamos notar em "L'après midi d'un Faune", ou em "Sagesse", ou em "Les Illuminations"; e, por tudo isto, uma cadência, um ritmo, uma música, que, por sob as cadências e ritmos de empréstimo, fluem em contracanto delicioso, de redutivo e perpétuo frescor.

Com a presente edição dos poemas completos de Emiliano, facilita-se a qualquer um, pela primeira vez, essa experiência tentadora. Áí estão *Ilusão*, *Pena de Talião*, *Setembro*, e também, a título puramente documental, os poemas de *Músicas*, o livro de estréia do poeta, — para que todos por fim verifiquem o que uns poucos já haviam de há muito verificado: que Emiliano foi um genuíno e singular cantor, e que sua obra é contribuição notável ao nosso acervo de alta e pura poesia.

III

Antes do mais, há de notar-se, em face, agora, de todos êsses livros reunidos, que não foi tão simples, tão linear, como parecerá das linhas iniciais dêste ensaio, a formação cultural de Emiliano. Não são apenas os simbolistas de França que ressoam nos seus cantos. Outras influências fundem-se a essa primeira, complexificando êsses cantos e dando-lhes ressonância diferente. A do Livro Eterno, por exemplo. O orientesco esplendor decorativo e verbal de certas estrofes de *Ilusão* vem da Bíblia, que Emiliano lia, de comêço com olhos incréus, mas tomado de arrebatamento e surpresa. Muitas das atitudes de espírito que nessa mesma *Ilusão* se patenteiam nasceram de emilianescas meditações do poemático filosofismo nietzscheano. A lírica portuguesa quinhentista e a voluptuosa ênfase verbal de D'Annunzio não são estranhas à estruturação definitiva da poética de Emiliano. E até do pobre Junqueiro das sátiras contra a Igreja podemos notar a marca no mais pobre dos poemas que Emiliano compôs: "A punição do hereje".

Tôdas essas correntes, não obstante, confluindo em desaguadouro de resistente feição própria, fundiram-se numa "conjunction oppositorum" sem dúvida das mais surpreendentes da poesia patrícia. O canto de Emiliano violentamente se diferencia até no próprio seio do Simbolismo brasileiro, em confronto com o canto de Cruz e Souza, ou de Mário Pederneiras, ou de Silveira Netto, ou de Alfonsus Guimaraens.

* * *

O clima, a paisagem: poucas vêzes o clima e a paisagem penetraram tão fundamente a inspiração de um poeta, no Brasil.

Para bem compreender-se esta afirmativa, é preciso que, primeiro, se atente no seguinte: o clima e a paisagem de que falo agora são os do Planalto Sereno, os da fresca e juvenil Curitiba, que outros poetas, alheios ao Paraná, já têm celebrado efusivamente.

Cabe dizer, antes do mais, que o Planalto Sereno fica fora do abraço quente dos trópicos. Quando no Brasil se trata de Simbolismo, vem logo a história de que tal movimento, nascido de climas frios, não tem possibilidades de florescer (como se não tivesse florescido...) em nosso tropicalíssimo ambiente. Pois pense-se um pouco nisto: o Planalto Sereno fica fora dos trópicos, salvo em minúscula porção setentrional de seu amplo território. Há mais, contudo: o Planalto está a novecentos, a mil, a mil e poucos metros acima do nível do mar. Tal circunstância coloca-o, de fato, climáticamente, para além de Santa Catarina e Rio Grande, para além do Uruguai, para além da região norte da República Argentina...

Dai resulta que o clima e a paisagem paranaenses, no planalto, são algo enormemente diferente da paisagem e do clima do resto do Brasil. Tem, o primeiro, a docura, e a segunda os recortes do clima e da paisagem das beiras mediterrâneas. Isto para falar agora apenas de uma de suas faces: a face primaveral, que dura de seis a oito meses anualmente. Porque há outra face, a do inverno, com temperatura a 8 graus abaixo de zero, e a cobertura branca da geada, e as noites de solidão infinita e o "céu ardente de astros". Foi só, porém, a face primaveral que se fundiu na poesia de Emiliano. O sol, como só na Grécia, na Provença, na península itálica encontramo-lo, tão claro e fluido, e tão cheio de sua-

vidade e frescor a um só tempo. A desbordante vegetação floral, multicolorida e fresca. O céu profundo e límpido, a atmosfera de diafaneidade prodigiosa, a extraordinária pureza de todas as linhas, — nas árvores esguias e altas, nas colinas com túmidas curvas femininas, nos horizontes perdidos na distância.

Esta paisagem, este clima, esta beleza amanhescente das coisas, que nada têm de comum, como já disse, com a geografia e a climática dos simbolistas franceses, constituem a substância mesma dos poemas de Emiliano da fase de serena maturidade criadora.

Posso invocar desde já o poema "Sol" no qual os nascidos na terra paranaense imediatamente reconhecem o ambiente natal com todo o seu frêmito de frescor e graça. O poema é longo. Seu tom, contudo, pode ser sugerido por qualquer pequeno fragmento. Falam as coisas e os sérres:

" O CHARCO

Água esverdeada e suja e pântano sombrio,
Mas quando o sol me doira esta miséria, eu rio.

A FLORESTA

— O delírio brutal, quando me mordes tu
A carne toda em flor, o seio todo nu,
Com teus beijos em fogo, eu, como a flor do nardo,
Rescendo de prazer e de luxúrias ardo...

UMA ÁRVORE

Quando êle bate aqui no meio da floresta,
Que sussurros, que ardor, que anseios e que festa!

VI

UMA CIGARRA

Faz tanto rumor e tamanha algazarra
Que eu suponho que o Sol é como uma cigarra...

OUTRA ÁRVORE

E que perfume tem!

OUTRA ÁRVORE

E que canções vermelhas!

OUTRA ÁRVORE

Nós somos como a flor, êle como as abelhas!

A TERRA

Quanto me queima o Sol com seus desejos brutos!

A VIDEIRA

O glória de florir e rebentar em frutos!

A PALMEIRA

Como gentil eu sou! E o aroma que trescala
Quando me lambe o Sol e o zéfiro me embala!

O ORVALHO

Ao sol eu brilho mais que a pérola de Ormuz

O PINHEIRO

Eu sou como uma taça erguida para a luz!

AS FONTES

E' um murmúrio sem fim de horizonte a horizonte...
 O dia quando nasce é bem como uma fonte:
 Através da floresta, e dêsse campo e dêsse
 Vale, há um rumor de luz como água que corresse...

.....

UM PASTOR

Quando o Sol aparece em ondas, a beleza
 E a frescura que espalha é de tal natureza,
 Tem um olhar tão bom, tão novo, tão jocundo,
 Que toda madrugada é o comêço do mundo... "

.....

Nem falta aí a alusão concreta a realidades exclusivamente do Planalto, como o pinheiro de fronte côncava aberta para a altura, sobre o suporte do caule elegantíssimo, exatamente como uma taça. Também aquela videira nasceu da presença dominadora dos vinhedos nas terras altas do Paraná. Mas, sobretudo, o próprio sol do poema, que espalha, reparem bem, em claras "ondas", a beleza e a "frescura", sobretudo esse próprio sol é que nos mostra o canto de Emiliano integrando em sua substância a fascinante realidade nativa, ao invés de, como por vezes supõe a critica desatenta, repetir ambientes de cenografia tomados à lírica alienígena.

Tem o leitor às mãos os poemas todos de Emiliano, o que torna excusado multiplicar os exemplos neste estudo. Quero crer que, depois das indicações que forneci, não passará inadvertidamente sobre poemas como *A' toi*, *Para os que se amam*, *Felicidade*, e tantos outros de *Ilusão*, assim como *Setembro*, *Oração da Manhã*, *Quando Jesus nasceu*, do livro

VIII

póstumo do poeta e quase toda a Pena de Talião, — nos quais se processa essa perfeita integração do clima e da paisagem no fluxo lírico, o que sem dúvida é testemunho de poesia de legitimidade profunda.

Dir-se-á que, no entanto, parte grande da produção de Emiliano vem sacudida de inquietação enorme, por vezes de sofrimento agudo, de ânsia de evasão, de crispações nervosas, e que mesmo em seus cantos ensolarados é quase sempre de heteróclitos elementos alienígenas que se constituem suas imagens, seus gritos, suas invocações.

E' verdade. Emiliano recorre a cada instante, contraditóriamente, a sugestões pagãs e bíblicas. E sua poesia não nos aparece, senão ao fim, com a serenidade radiosa que o ambiente de alegria amanhescente do Planalto deveria produzir. Eu, todavia, não quis afirmar que a poesia de Emiliano foi uma expressão total e exclusiva do clima do Planalto. Nem isto poderia jamais acontecer. Quis apenas acentuar que tão genuina foi ela como poesia propriamente dita, ou seja: como vivência profunda, que não pôde fugir de captar nas suas malhas o clima e a paisagem em que se desenvolveu, adquirindo, com isto, um primeiro caráter diferenciador.

Evidentemente, no entanto, o canto de um poeta exprime antes de tudo o próprio poeta: uma personalidade, um temperamento, uma alma de formação particular, reagindo a circunstâncias de vida que lhe são também particulares.

Ora, Emiliano tinha nas artérias sangue negro e judeu: fusão violenta, que haveria de produzir fecundos e surpreendentes desequilíbrios, como nele produziu — fato que se repete em nossos dias na ultra-curiosa personalidade de Augusto Frederico

Schmidt, que tem também sangue negro e judeu nas veias, — e que haveria de brotar em conúbios de sentimentos e preferências, e, portanto, em atritos de imagens, rítmhos, expressões, — absolutamente fora do comum.

Esse descendente de judeus e negros, alimentando de leituras dispares, mas sobretudo de leituras bíblicas, e nietzscheanas, e simbolistas, forçosamente haveria de aparecer-nos assim ágil e inquieto, orientalescamente lascivo algumas vêzes, e outras tomado de arrebatamento místico, frenético quase sempre, — histérico, como diz Nestor Victor, — insatisfeito, com o anelo perpétuo de outros lugares, mas, sobretudo, deslumbrado de beleza, porque a beleza do mundo encontrava nele mil facetas para se refletir, como se êle fôsse um grande espelho que se houvesse partido em fragmentos inúmeros.

Nestas circunstâncias tôdas é que está a explicação verdadeira de sua originalidade, de sua diferenciação em face dos mestres que muito amou.

O *splen* de Emiliano, *verbi gratia*, é diversíssima do de Verlaine ou do de Baudelaire. O *spleen* de Emiliano não tem hábito de desalento e de morte. E' dinâmico, vivo. Sedento de fuga, sim; mas uma sêde de fuga ardente como a dêle é signo de vitalidade magnífica. Nos poemas em que mais forte se manifesta êsse *spleen*, o rítmho é o próprio ritmo da inquietação descobridora, e não o rítmho lento, lange, dos poetas franceses seus irmãos. O sentimento que inspirou os "Versos para embarcar" é mais afim, talvez, da ânsia oceânica dos portuguêses criadores de impérios do que da tendênciia mórbida para o ópio e a morfina, dos poetas "fin de siècle" da França. Pulsa neles a impaciência febril, mas, sobre-tudo, pulsa a glória de viver:

"Não há como embarcar! do alto de uma equipagem,
 Ver o mundo! Correr o mundo! Viajar...
 Poder dizer que foi a Vida uma viagem
 Que começou no mar, que se acabou no mar...

Essa mesma ânsia de vida ardente produziu "Hércules", "Para que aquêles que eu amo sejam felizes", "Sol", "Para um recém-nascido", vários outros largos cantos nos quais, atenta ao fato de que o poeta se exprime sempre indiretamente, muitas vezes por oposições e contrastes, a crítica em profundidade perceberá uma expressão, não do envolvente *tedium vitæ* do decadentismo gaulês, mas sim de dinâmico desejo construtor.

A essência última desses poemas é o apelo ao fervor heróico, à aceitação e glorificação da vida, não obstante os sofrimentos inevitáveis e a atroz decepção, pois que a vida, assim mesmo, é beleza e esplendor. Compreendido por esta forma, o poema "Para um recém-nascido" toma significação particular em nossa lírica, e nos aparece constituído da mesma fibra de resistência interior que encontramos no "I-Juca-Pirama" de Gonçalves Dias ou no "Navio Negreiro" de Castro Alves.

Cumpre notar ainda que há uma nítida linha de evolução ascensional na produção poética de Emílio, não apenas quanto à pureza e eficácia expressivas, mas também quanto à sua atitude de alma diante da realidade.

O frenético spleen que nos seus poemas dos primeiros anos desborda em notas extravagantes, se trasmuda mais tarde em jubiloso dionisismo, para, na fase de maturação total, apresentar-se como serena compreensão do humano, como compassiva ter-

nura pelos outros sêres e, por fim, como religiosidade comovida.

Poeta de temática restrita, e sem nenhum fundo toque de senso metafísico ou místico, Emiliano pôde, contudo, pela sua riqueza temperamental, atravessar as três fases sucessivas que acima apontei sem descair do vigor de seus impressivos, não raro fascinantes acentos.

O soneto "Vencidos", por exemplo, da primeira parte de *Ilusão*, será talvez considerado pela crítica indígena como puro reflexo das extravagâncias do "fin de siècle" francês. Há nele, contudo, complexidade maior de fundo e forma do que à primeira vista parece. Transcrevo-o, para explicitar meu pensamento:

"Nós ficaremos como os menestréis da rua,
Uns infames reais, mendigos por incúria,
Agoureiros da treva, adivinhos da Lua,
Desferindo ao luar cantigas de penúria?

Nossa cantiga irá conduzir-nos à tua
Maldição, ô Roland? E, mortos pela injúria,
Mortos, bem mortos e, mudos, a fronte nua,
Dormiremos ouvindo uma estranha lamúria?

Seja. Os grandes um dia hão de cair de bruço.
Hão de os grandes rolar dos palácios, infectos!
E glória à fome dos vermes concupiscentes!

Embora nós também, nós, num rouco soluço,
Corda a corda, o violão dos nervos inquietos
Partamos, inquietando as estrélas dormentes!"

Antes do mais, repare-se como nestes quatorze versos se funde ao *tedium vitae*, herdado, de fato, dos decadentistas da Europa, uma ameaça libertária, que, neles, representa profunda comunhão com

XII

a vida. O *tedium vitæ* europeu é languidez, abandono, desalento, demissão. O ingênuo acento ideológico que reponta no soneto de Emiliano significa, pelo contrário, resistência, ânimo heróico, que a integral aceitação do destino miserável do artista, expressa no último terceto, corrobora de maneira completa.

Veja-se com que esplêndidos recursos exprime Emiliano essa inconsciente e curiosa "compositio". O destino miserável do artista no seio da civilização material do tempo vem sugerido nos quartetos, não sob forma de verificação lamentosa, mas em duas interrogações que já são revolta e protesto, em duas interrogações que violentamente reagem. E que força nas metáforas que se sucedem para significar aquela miserabilidade: "infames reais", "agoureiros da treva", "adivinhos da Lua". E que força no ódio libertário que inesperadamente explode no primeiro terceto: os grandes, "infectos", que hão de rolar, e serão entregues à voracidade lasciva dos vermes. E que força na decisão final de continuar férvidamente o destino de beleza, embora à custa de se romperem tôdas as fibras do corpo e da alma no esforço redentor.

Este soneto exemplifica a primeira fase da evolução de Emiliano. Citei-o sem nenhuma demorada escolha, apenas para mostrar quão cegos nos mostramos, no Brasil, quando passamos de olhar distraído pela obra de poetas que circunstâncias políticas ou mundanas não impuseram ainda à nossa atenção completa. Que verdadeiro amante da grande arte da poesia não será levado, diante d'este soneto, a fruição mais alta, fina e pura, do que a que lhe proporcionariam as pomposas descrições ou exposições lineares de sentimentos periféricos, sem complexidade, sem aderências, sem "remanescências",

sem superposições ou fusões surpreendentes, sem ressonâncias verticais, — que constituem quase toda a poesia parnasiana no Brasil?

O dionisismo de Emiliano, sobre que tanto insistiu, e com razão, o jóvem crítico Erasmo Pilotto em livro recente, desdobra-se, como disse, numa segunda fase da experiência de vida e poesia do cantor de *Ilusão*. Do *tedium vitæ*, o poeta saiu para o deslumbramento, a “embriaguez”, de que tantas vezes fala. Do mesmo passo, sua expressão de cada vez mais se libertou das fórmulas do decadentismo francês. Clareou, fez-se arejada, concorrendo êsse processo de clarificação e arejamento para acentuar, por efeito de contraste, sua originalidade inegável, que na primeira fase ficara um tanto encoberta sob a poeira, ou sob a coruscação se quiserem, da estesia alheia.

Os poemas “Felicidade”, “Coração livre”, “Adultério de Juno”, para não citar outra vez “Setembro”, “Sol”, “Versos para embarcar”, entre outros, documentam suficientemente essa fase segunda, nos termos em que a defini.

No poema “Baucis e Filemon”, da última parte de *Ilusão*, a exaltada ebriez já cede lugar a uma simples, quase franciscana serenidade. A morte é nele evocada não mais no tom de revolta, amargor e escárneo de poemas do início, mas, sim, como uma derradeira possibilidade de docura, coroando a beleza total da vida. O ímpeto dionisíaco em verdade já aí se transforma em contemplação cristã. Disse que em Emiliano se não verifica nenhum fundo toque de senso metafísico ou místico. E é verdade. Sua inspiração é terrenalíssima, de comêço ao fim de sua carreira poética. Mas na última etapa o que lhe vem é a necessidade de contemplar cristãmente. O poe-

XIV.

ma “Oh! que ânsia de subir hoje mesmo a montanha” tem importância capital na sua obra porque significa uma intinerário e uma adivinhação da poesia que ao seu tempo ainda estava por vir. Nele, Emílio a si mesmo se contempla através de sua longa caminhada. Desde o ponto de partida, nos baixos paludos de ceticismo e desengano que os mais antigos poemas de Ilusão revelam, até o descobrimento, que o salva, da beleza de tudo, expressa nos poemas dionisiacos, e, daí, à infinita compreensão do valor dos seres e a inesperada aproximação da doutrina do Cristo, de que nos advertem seus cantos derradeiros.

“Para os que se amam”, “Para que todos que eu amo sejam felizes”, “Palavras a um recém-nascido”, “Creio!”, “De como vim cair aos pés de Deus”, “Por Maria”, “Oração da Noite”, “Quando Jesus nasceu”, — são testemunhos irrecusáveis dessa transformação final.

Da Oração da Noite são estas estrofes maravilhosas:

“Já de sombra se encheu o vale, que murmura,
Já se envolveu na treva a montanha, e o mar,
Ao longe não é mais do que uma nódoa escura...
São horas de dormir, Maria: vem rezar.

Ajoelha-te aqui, em face das estrélas,
E em primeiro lugar, minha filha, bendiz
A luz, que te criou formosa entre as mais belas,
E que te fêz alegre, e, portanto, feliz.

Em seguida, bendize a terra e aquêles pobres
E mansos animais, e tôda a criação:
A ovelha que te deu a lã, de que te cobres,
O boi que te ajudou, hoje, a ganhar o pão.

Reza por todos os lutadores, Maria,
 Que andam de arado em punho e de enxada na mão,
 Cavando, sabe Deus, o pão de cada dia,
 Com que amargura, mas com que resignação!

.....

Ora, nestes versos não há apenas clareza, elegância e harmonia, como se diria de qualquer dos mais celebrados poemas bilaqueanos. E não há sómente um sentimento idílico do mundo, em sucessão à visão atormentada dos poemas de juventude de Emiliano.

Há, por um lado, uma atitude de alma que é mais do que simples sentimento idílico: é paz cristã, caridade — no sentido teológico do vocábulo, — sereno e envolvente amor de quem se esvaziou de si mesmo para contemplar as coisas e os seres com olhos revirginizados pela pureza e a renúncia.

E há, por outro lado, uma arte do verso que só no Brasil poderia passar despercebida em suas linhas no entanto inconfundíveis de perfeição. Inconfundíveis, não apenas com a arte comum de versear, mas também com a perfeição parnasiana, de natureza muito diversa.

Confrontem-se os alexandrinos dêste poema com os hieráticos alexandrinos de "O Caçador de Esmeraldas", de Bilac. Nestes o senso de impecabilidade plástica e da medida é tão dominador, que êles acabam por constituir em conjunto uma estrutura rígida, sem flexibilidade, como um bloco de lâminas juxtapostas de linotipo. Os hemistiquios, rigorosamente construídos, rigorosamente se articulam em prodigiosa técnica mecânica que, em verdade, como que visa autonomizar a forma para que ela viva de sua pura força, dissociada, se não do tema,

XVI

pelo menos das secretas e múltiplas ondulações que tem qualquer sentimento na alma humana.

O contrário de tudo isto é o que vemos nos versos da “Oração da Noite”, como de qualquer dos poemas em alexandrinos de Emiliano.

O poeta de *Ilusão e Setembro* deu ao alexandrino português uma flexuosidade surpreendente. O que ele procura não é a linha plástica indefectível do joalheiro ou do medalhista, como Bilac ou Heredia, mas, sim, a “forma” que seja o próprio “fundo” projetando-se no tempo, quer dizer, fazendo-se expressão. Daí o deslocamento, de magníficos efeitos na sua arte, das pausas do alexandrino, cuja estrutura, nele, cede ao vivo impulso da emoção, reproduzindo-lhe, como se fôsse música, os movimentos mais sutis.

Estou falando dos alexandrinos de Emiliano, mas a verdade é que poderia dizer estas coisas a respeito de tôdas as medidas que ele empregou. Seus versos de sete, ou de oito, ou de dez sílabas apresentam todos essa mesma peculiaridade: são enormemente mais flexíveis, mais dúcteis, mais ricos de ritmo interior e de substancial musicalidade que os versos de medida igual dos nossos parnasianos. A conseqüência é que nele um poema nunca é monocórdio, e sobretudo nunca se apresenta com feição de artefato, como tão freqüentemente acontece com os mestres do Parnaso. Vem sempre fervente da emoção que o produziu, — vem humanado, vivo. Não é jóia para enfeitar um corpo de Venus, nem jarra para colocar-se sobre o piano. E’ canto genuíno, onda interior que desborda em ritmo, em música.

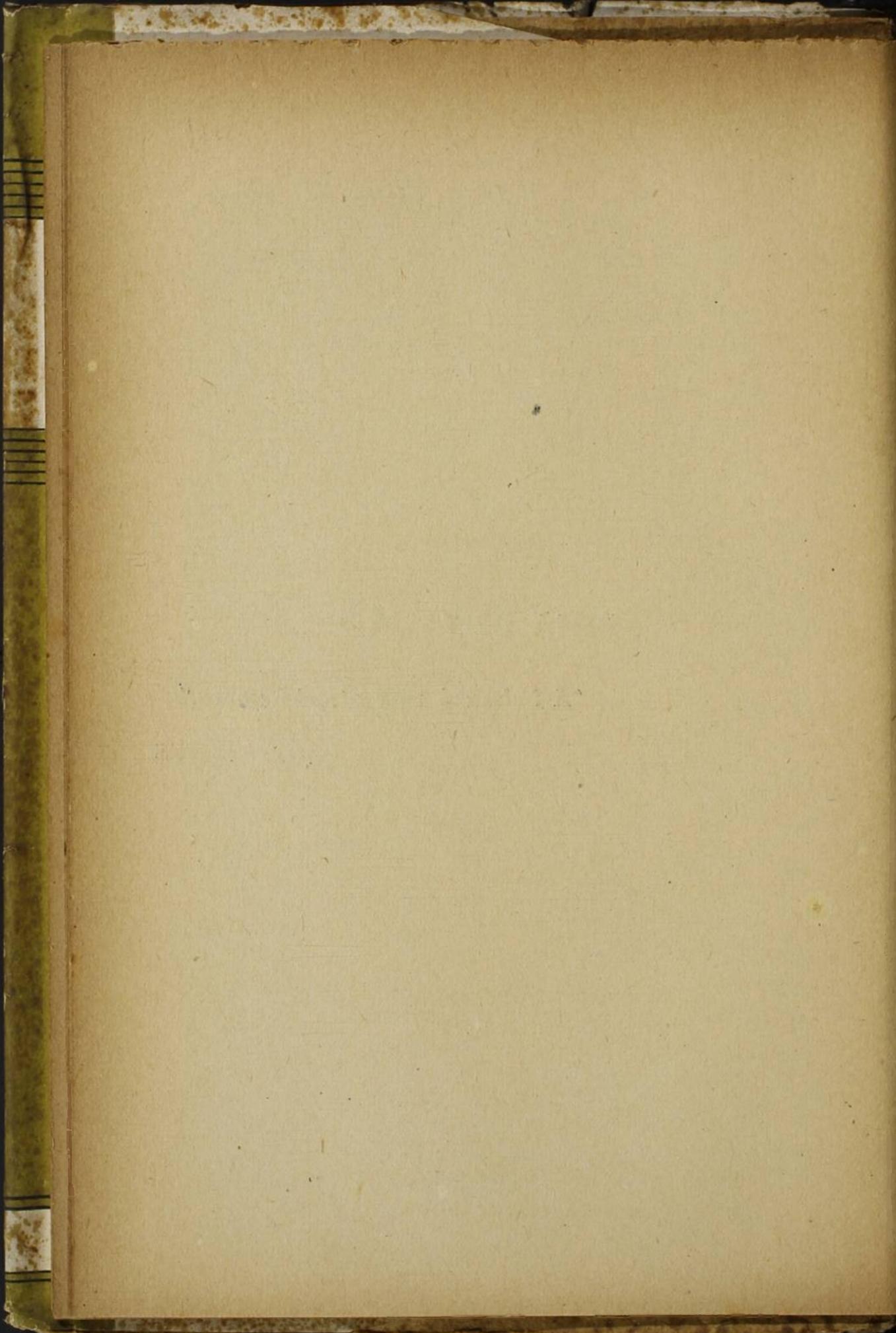
Aqui estão, nestes dois volumes, os poemas todos de Emiliano. E’ fácil tirar a prova do que afirmo.

TASSO DA SILVEIRA

PENA DE TALIÃO

"A beleza é uma alegria eterna."

JOHN KEATS



P E N A D E T A L I Ã O

Peça em três atos, prólogo e epílogo

PERSONAGENS :

Céfalo

Lísias

Aminto

Cleanto

Filcn.

Ericteu, pai de Procris

Júpiter

Aurora

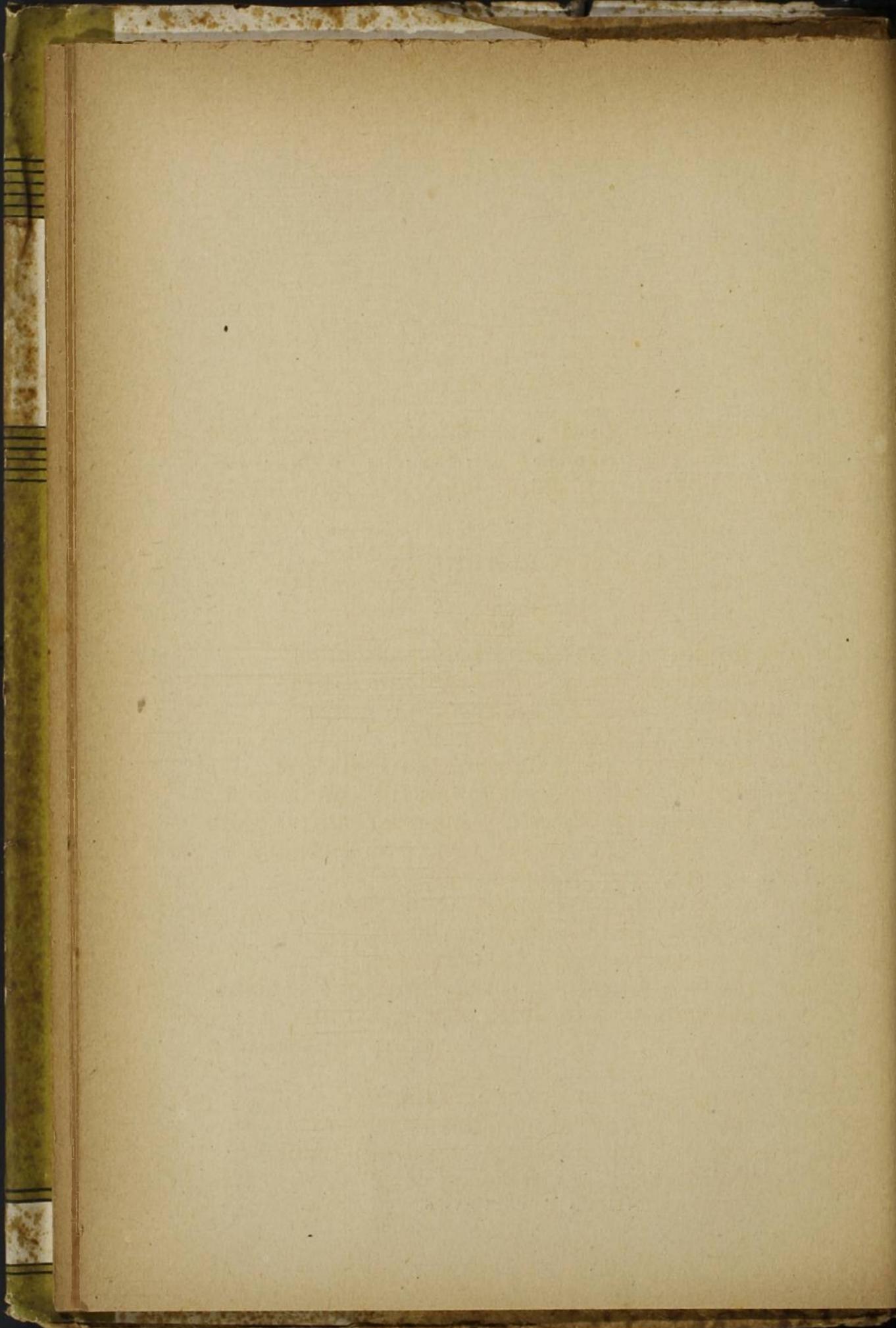
Prócris

Glicéra

Mirto

Cloé

Damas, hetairas, ninfas, cavalheiros,
sátiros e escravos.



PRÓLOGO

Aurora, do alto de um cômoro de areia, fala com Céfalo, que ia passando e se detém para ouvi-la, de braços cruzados, com as suas vestes e armas de caçador.

CÉFALO E AURORA

AURORA :

Céfalo, ainda uma vez, olha bem para mim:
Conheces, por ventura, outra mulher, assim,
Que tenha êste meu ar senhoril, que possua
Este gesto ideal, esta beleza nua,
De um brilho tão sutil, de uma tão linda côr,
Que, onde quer que apareça, é um rufo de tambor?
Foge o silêncio, o medo, o espetro; a sombra. Tudo
Estremece e acorda. O mar bravo e sanhudo,
Dentro de seu covil, atira-se através
Dêsse mole areal e vem beijar-me os pés,
Ganindo, como se fosse um cão, a torcer
O dorso, a sacudir a cauda, de prazer.
Tudo acorda e murmura, o lago azul, que espelha,
A erva do campo, o inseto, o vento, a folha, a
[abelha

Tudo chama por mim, pela irradiação
Deste meu corpo astral, em seu anseio vão!
Há palavras no ar, cheirosas como um fruto,
De exquisito sabor, e que só eu escuto...,

Há soluções de amor, há frêmitos de luz:
 Palpitam corações, erguem-se braços nus...
 E por onde eu me vou, por todo êsse infinito,
 Sempre diante de mim, há uma surpresa, um grito.
 Tudo, Céfalo, pois, tudo, tudo me quer,
 Menos tu! E porque?

CÉFALO :

Porque amo outra mulher !

AURORA :

Um astro deve ser, de certo, essa criatura...

CÉFALO :

Astro não, porém flor do campo, flor obscura...
 Mas eu a quero bem, e quando a gente, vês?
 Ama, é como se fôsse em completa embriaguez,
 Tudo vê através...

AURORA :

De uns vidros de luneta...

CÉFALO :

Não rias. . .Através dos olhos de um poeta...
 E por essa razão, de uma outra, não sei eu,
 Que tenha sobre mim, como a lira de Orfeu,
 Fôrça de me atrair, ao sabor do desejo,
 Como uma flor atrai para junto de si,
 Cataliticamente, um doido colibri...
 E o dom de me possuir, como tu me possues,
 Prócris, ó meu amor, com teus olhos azues,
 Elevando-me, assim, por êsses altos céus,
 Onde eu me sinto, bem como se fôsse um deus!

(Aurora desce rapidamente do cômoro, às últimas palavras de Céfalo, e desaparece)

DESCE O PANO

ATO PRIMEIRO

Banquete de Núpcias

DECORAÇÃO

Num parque, em casa de Ericteu. Vê-se parte de uma mesa rústica, luxuosamente posta. Cíatos de prata e ouro, e ânforas exquisitas de vinhos, corbelhas de flores e frutas, figos secos, amêndoas, peras, maçãs e uvas. Dois escravos estão ao pé de um sicômoro, barrete de couro na cabeça e túnica de uma só manga.

CENA I

LÍSIAS e AMINTO, que acabam de chegar.

AMINTO :

De Acrópolis, a pé, realmente é uma estopada
Chegar aqui.

LÍSIAS :

Cansei, para não fazer nada.
Dar-nos-ia talvez muito maior prazer
Termos ficado a ouvir Diógenes, no fundo
Do tonel. Hoje, o cão mordia todo o mundo...
E quando ele está assim, é um encanto a palavra
Dêsse monstro: reluz como uma lança e lavra
Com tal intensidade e uma beleza tal,
Que é um incêndio, porém de fogo artificial...

AMINTO :

Em todo caso, vais te distrair um pouco.

LÍSIAS :

Divertir-me-ia mais de ouvir aquêle louco...
Quando êle briga com Lais, ninguém exprime
A ironia cruel, de modo mais sublime.

AMINTO :

Mas isto vai ficar, de certo, irradiante,
Quando vier chegando êsse mundo elegante
Imagina que vem tôda a côrte celeste...

LÍSIAS :

Menos Juno...

AMINTO :

Porque ?

LÍSIAS :

Demônio! Não soubeste
Do escândalo brutal ?

AMINTO :

Sinceramente, não...

LÍSIAS :

Júpiter a encontrou nos braços de Endimião...

AMINTO :

Não era de esperar que se dêsse outra cousa:
O homem abandonou completamente a espôsa,
E andava por ai a transformar-se em touro,
Em cisne, em aguia real, em Diana, em chuva de
[ouro...]

LÍSIAS :

Destino igual, talvez, si não fôr mais escuro,
A êsse pobre rapaz, que hoje se casa, auguro.
Justo é que isso se dê: Céfalo é um tolo, que ora
Acaba de lançar uma fortuna fora...

AMINTO :

Como pois ?

LÍSIAS :

Simples, vê. A deusa mais formosa,
Aurora, tem por êle uma paixão furiosa.
Um dia, até chegou a arrebatá-lo para
Seus palácios reais, de arquitetura rara.
Tudo lançou-lhe aos pés que tinha de mais belo:
A púrpura brilhante, o ouro do seu cabelo.
E em gritos de embriaguez, em soluços e arrancos,
O seu carro de luz e os seus cavalos brancos...
Mas Céfalo, que em tudo é papalvo e sandeu,
Em vez de ir escutar Diógenes ou Aristeu,
Anda a ouvir de Platão, é o que parece e cismo,
A fantasia azul do sentimentalismo...
Por isso desprezou o amor de Aurora, por
Amor de uma mulher, que lhe não tem amor.
Em conclusão, direi: que Céfalo é um acéfalo...

AMINTO :

Ou ainda melhor: que Céfalo é um bucéfalo...

(Ambos riem.)

Mas eu, que estou falando, era por minha vez
Bem capaz de fazer o que Céfalo fêz.
Se Venus, como sempre, inteiramente nua,
Chegasse junto a mim, dissesse: "Olha, sou tua;
Mas é mister que tu abandones Glicéra",
Por esse preço, crê, Vênus eu não quisera !

LÍSIAS :

No fundo, sei que tu não passas de um poeta...
Gente sobre quem tenho uma idéia secreta,
Gente dupla, que sente e escreve em frase doce
Não o que foi, mas o que deseja que fôsse...

AMINTO :

Lísiás, repito aqui, jamais, de nenhum modo,
Deixaria a mulher querida, nem por todo
O Olimpo, quanto mais por esta ou por aquela.
Pois sómente a mulher que eu adoro é que é bela,
E desde que passei a viver, como vivo,
Debaixo do clarão dêsse olhar sugestivo,
Além dêsse perfil perturbador e dessa
Paisagem, nada mais no mundo me interessa.
Supões que eu vim aqui, pela troça ?

LÍSIAS :

Não minto:

Supus.

AMINTO :

Foi êrro teu.

LÍSIAS :

E' provável, Aminto.

AMINTO :

Vim, porque adivinhei que Glicera viria.
E sendo ela, hoje, em dia, o vinho de alegria,
O vinho de prazer, que espuma em minha taça,
A bôca que me atrai, o beijo que me enlaça,
A louca embriaguez de um sátiro bravio,
A razão, por que choro, a razão, por que rio,
Irei onde ela fôr. E eu sinto que ela veiu,
E vai aparecer, sem demora, no meio
Dessas aléias, como estrêla a irradiar,
Como uma estrêla d'alva, uma estrêla do mar!

LÍSIAS :

O' Aminto, tu és um sonhador imenso !

AMINTO :

Não há nada melhor do que sonhar. Eu penso
Que hei de morrer assim. E seria um castigo
Cair nessa nudez da realidade, amigo.

(Sacando do bolso uma folha de papiro) :

Agora, se te apraz, ouve êstes versos. Fí-los
Junto do mar Egeu, olhando os céus tranqüilos,
A cismar em Glicéra, ansioso paravê-la,
Doido, doido de amor e de saudade dela.

(Lendo os versos):

“Um dia, andei contigo, ó pálida Glicéra,
Num passeio ideal, entre árvores e fontes.
Tu tinhas na cabeça uma coroa d'hera,
E andávamos os dois, como uns Belerofontes...”

Brilhava sobre nós uma infinita esfera.
Resplandecia o azul de um céu sem horizontes.
Tu tinhas o exquisito olor da primavera
E a graça e o frescor dos vales e dos montes...”

Eu me vi tão feliz, minha volúpia d'ouro,
Correndo atrás de ti, do teu cabelo leuro,
Nessa manhã de luz, sonoramente arfando,

Que até me pareceu, através do caminho,
Feito de luz e flor, de aromas e de arminho,
Que eu ia, porém, como um pássaro, avoando !”

CENA II

Logo que acaba de dizer os versos, aponta o séquito numeroso, composto de damas e cavalheiros, sátiros e ninfas. Os noivos vêm à frente da comitiva: a noiva, rodeada de amigas, coberta de flores, num longo véu, que a envolve da cabeça aos pés. Tôdas as damas trazem túnicas de seda, leques, joias. Os homens carregam bengalas de marsim, aneis, brilhantes e sandalias riquíssimas.

AMINTO avistando Glicéra e correndo para ela:
Eu bem disse que vinha...

LISIAS correndo também :

Espera, Aminto, espera...

AMINTO agarrando-se a Glicéra:

Eu te sinto de longe, ó querida Glicéra!

(Ericteu, noivos, padrinhos, damas de honor e cavalheiros tomam assento ao lado da cabeceira da mesa. Os dois amigos no meio da multidão de convidados tratam de obter lugares. Grande confusão.)

LÍSIAS empurrando diversas pessoas:

Vamos tratar de nos apropinhar da mesa.
Não é possível ter muita delicadeza.

AMINTO tomando lugar, junto de Lísias e Glicera:

Apre! Quase me foi preciso usar do braço,
Para obter um lugar e abrir um espaço...

LÍSIAS acabando de sentar-se:

Eu, se quis um lugar, tive de conquistá-lo.

Uma dama, defronte de Lísias, dirigindo-se a Cleanto, um cavalheiro gordo, que está ao lado dela :

Forte bêsta!

CLEANTO, surpreso:

Porque?

A dama :

Quase me extraí um calo.

Uma dama ao lado de Lisias :
Pois seria um favor...

A dama, defronte :

Que não lhe encomendei.

CLEANTO, dando uma gargalhada alvar :
E' boa, é muito boa!...

A dama ao lado :

E' idiota, já sei.

Uma dama, mais afastada.
Que bruto canibal ! Quase me deixa cega!

Uma velha, defronte :
De todo está perdida a mocidade grega !

CENA III

Os convivas têm acabado de tomar os seus lugares , quando aparece Júpiter, fantásticamente, coroado de folhas de oliveira, o tronco nu, envolto numa clámide, barbas e cabelos encaracolados. Todos se levantam e se conservam de pé, até que ele se assenta à cabeceira da mesa, com duas ninfas, uma de cada lado. As ninfas se apressam em servir o Olímpico, oferecendo-lhe amêndoas, que ele saboreia, e levando-lhe o ciato doirado aos lábios sequiosos. Todos comem e bebem. Cada cavalheiro serve à sua dama, exceto Cleanto, que só trata de saciar a fome e sêde devoradoras.

LISIAS para Aminto, baixo :
Que sêde pavorosa a de Zeus !

AMINTO :

Realmente.

LÍSIAS :

Bebe, como se fôsse um areal ardente.

*A dama ao lado de Cleanto, para sua vizinha,
baixo :*

Olha, quem eu fui ter para meu cavalheiro:
Em vez de me servir, serve-se êle primeiro;
Depois empurra o prato...

A dama vizinha :

Escuta-o mastigar:

Parece um porco...

A outra dama :

E como há de o bruto roncar !

A dama ao lado de Lírias :

Não te encostes em mim, nem com a ponta do dedo.
Meu marido ali está, Cleanto, e eu tenho mèdo.
O seu zêlo feroz atinge quase a insânia:
Quando êle tem ciúme, é como um leão da Hir-
[cânia...

Lírias sorrindo :

Aquêle que ali está, de apetite excessivo,
E toutiço vermelho, é um pobre inofensivo;
Aquêle, eu te direi, e eu nunca me engano,
Só pode fazer mal, só pode causar dano,
Todo vestido assim, de linho azul marinho,
Às pèras, às maçãs e sobretudo ao vinho...

CLEANTO *rindo* :

Essa é boa, essa é boa!...

A dama vizinha, à parte :

O' forte animalejo!

Nem Júpiter mandando, eu lhe daria um beijo.

Um cavalheiro para o vizinho :

Mal de sorte estou eu... E' o melindre em pessoa
Esta senhora aqui...

CLEANTO :

Essa é boa, essa é boa!...

Um cavalheiro, desfronte, respondendo à alusão :

E' minha espôsa e crê que é uma honrada mulher.

LÍSIAS, *à parte* :

Quem o há de dizer, se êle não o disser?

Para Aminto :

Júpiter, que tu vês de olhar dolente e vago,
E' capaz de engulir o oceano de um trago.

AMÍNTO embebido no olhar de Glicera :

Ah que bom de sentir, num espasmo de luz,
Fundir-se o meu olhar nesses teus olhos nus!
Meu coração, que andava oprimido de mágoa,
Respira, como quem surgiu do fundo d'água,
E dilata os pulmões, recobra a vista cega,
Nitre como se fôsse um pôldro, resflega,
Bebe o aroma em flor das plantas e das rosas,
A frescura e o ar dessas manhãs cheiroosas,
O prazer de fruir a embriaguez perdida
De viver, de gozar completamente a vida!

VOZES :

— Atenção!

— Atenção !

— Senhores, atenção !

— Ericteu vai falar!...

Todos olham para Cleanto:

— Silêncio !

— Bruto !

— Cão !

ERICTEU, em pé, dirigindo-se solenemente a Júpiter :

“Tu que tiveste um dia a glória peregrina
De ser o inventor
Do relâmpago atroz, do raio, que fulmina,
Do trovão rugidor...

Que pudeste vencer, Olímpico, e venceste,
 Nuina irradiação,
 O inimigo brutal, que os céus furioso investe,
 O soberbo Titão...

Tu que com êsse exemplo, ó poderoso Artista,
 Mostraste de uma vez,
 Que é a golpes de valor que tudo se conquista,
 Fôrça e intrepidez,

Apontando-nos o caminho, feito de ouro,
 Onde a cantar e a rir
 Atenas tem colhido as coroas de louro
 Da glória e do porvir...

O' Júpiter Tonante, ó Zeus, eu te saúdo,
 Quero te saudar,
 Grandeza universal, dominador de tudo,
 Do céu e terra e mar...

Sobretudo, Senhor, pela resplandecência,
 Que derramaste a flux,
 Tôda de puro amor, tôda de pura essênciia,
 Tôda de pura luz,

Trazendo a esta choupana humilima e obscura
 O brilho sideral,
 A pompa que te veste, o sol que em ti fulgura,
 Júpiter imortal !

*Ressoam palmas. Todos bebem à saúde de
 Zeus. Trava-se uma conversação geral.*

LÍSIAS :

Por Júpiter, direi, que o bom velho Ericteu
 Não se foi muito mal.

AMINTO :

Andou melhor do que eu
Esperava...

LÍSIAS :

Porque foi breve e foi singelo :
O discurso mais curto é o discurso mais belo.

AMINTO :

Isso me faz lembrar o príncipe Alcibiades.

LÍSIAS :

Alcibiades, oh! esse é um herói de Iliades!

AMINTO :

Excelente rapaz...

LÍSIAS :

Mas criatura fátua...

AMINTO :

Soubeste? Derribou esta noite uma estátua
Do pai do nosso herói, a estátua de Mercúrio...

LÍSIAS apontando Céfalo :

Pois Mercúrio é seu pai ?

AMINTO :

Céfalo é filho espúrio...

Um cavalheiro, que ouviu :

E reduziu a nada os mistérios d'Eleusis...

AMINTO :

Como não estarão furiosos os deuses !

Outro cavalheiro :

Sei que os deuses estão com êle por aqui !

Uma dama :

Mas que lindo rapaz !

GLICERA :

E' um astro !

AMINTO irritado :

Porém se

Prossegue nesse andar o misero...

LÍSIAS :

Afinal,

Neste país, quem é que não acaba mal ?

Ergue-se outro orador :

"Em honra de Ericteu e de Prócris, a filha
Dileta, cujo nome em áureas letras brilha
Na história, como sendo uma mulher divina,
Como sendo talvez a maior heroína
Que tem nascido aqui, ó meus senhores, eu
Bebo..."

Batendo nas taças :

Prócris, à tua! à tua, ó Ericteu !

Palmas. Todos bebem. A mesa acalora-se.

AMINTO a Glicéra, que lhe animou as faces:

O' minha bela flôr! ó minha doce amante!
Não posso me afastar de ti nenhum instante,
Sem que veja descer escura sombra espessa,
Como um alfange nu, sôbre a minha cabeça.

Beijando-lhe as mãos :

Olha, dentro de mim, como uma grande lira,
Tudo vibra por ti, tudo por ti suspira!

VOZES :

Nós queremos te cuvir, Aminto !

— Fala !
— Aminto !

— Júpiter quer te ouvir !

— E' um poeta !
— E distinto !

Aminto levanta-se no meio de uma salva retumbante de palmas

AMINTO :

“Céfalo e Prócris, ergo a minha taça,
Para beber, amigos, à saúde,
À glória, à força, à primavera, à graça,
À frescura, à beleza e à juventude...”

Da minha vida no correr da viagem,
Extraordinária viagem de um artista,
Eu tudo vi; mas a melhor paisagem,
A que mais me feriu a alma e a vista,

Não foram serros e não foram mares,
Nem vales, nem cidades tumultuosas,
Mas sómente êsses lúbricos olhares,
Esse esplendor de formas voluptuosas...

Fundi-vos, pois, no amor. E' o que nos resta
Ainda de bom, por êstes belos dias;
Quem ama, vive numa eterna festa,
Porque a beleza é a flor das alegrias.

Nos róseos lábios da mulher, que se ama,
No seu contacto de veludo e arminho,
Há mais embriaguez e há maior chama
Do que em todos os ciatos de vinho...

Como dois faunos ébrios e aloucados,
Atirai-vos atrás dessas quimeras,
Dessas doidas volúpias, enramados
Das rosas e dos mirtos e das heras...

Envolvei vosso amor com a natureza,
Mas envolvei-o numa tal mistura,
Que os vossos beijos tenham a beleza,
Tenham a graça, tenham a verdura,

O gôsto e o sabor e o próprio cheiro,
E as mesmas festas e as mesmas côres
Do olmo, e álamo, e cedro, e amendoeiro,
Dos campos, e das frutas, e das flôres...

Fazei do amor uma canção querida,
E' isso o que de mais puro vos desejo;
E que possais dizer, no fim da vida,
Que a vida foi um luminoso beijo;

Que os vossos dias foram como as rosas,
E as vossas noites, lânguidas e belas,
Noites de prata, noites radiosas,
Inúmeras e finas, como estrélas ! . . .

Explosão de palmas. Vivas a Prócris, a Céfalo, a Zeus, a Aminto.

Júpiter extende uma das mãos, em sinal de que vai falar. Todos se levantam, exceto Cleanto que fica dormindo e roncando

JÚPITER, tonitroante :

“Filhos, aqui não vim no caráter austero
De um deus, mas sim, direi, francamente sincero,
Como qualquer de vós, como qualquer mortal.
Sempre tive comigo esse belo ideal:
Quando é preciso ser o Júpiter Tonante,
Esse fulminador feroz, esse gigante,
Cujo furor sem par é cego, é feio, é surdo:
Cuidado! Sou capaz do gesto mais absurdo.
E pouco se me dá... E' o que tiver na mão:
O corisco e o raio, o vento e o trovão...”

Aponta o ciato, que uma das ninfas se apressa em levar-lhe aos lábios.

AMINTO :

Júpiter, quando fala, é um monstro de eloqüência.
Discursa, como se fôsse de uma eminênciia.
Tudo quanto êle diz são frases imortais...”

LÍSIAS :

Sim. Só tem um defeito: é tonante de mais...”

JÚPITER *continuando :*

Fora disso, porém, sou mesmo quase um doudo,
 Capaz de chafurdar até no próprio lodo,
 Para poder pescar a pérola exquisita,
 A pérola ideal, que me embriaga e excita,
 A pérola do amor, a pérola do gôzo,
 Bruto, inquieto, nu, esplêndido e monstruoso;
 Transformando-me assim, ora num bravo touro,
 Ora em águia real ou em linda chuva d'ouro,
 Ora em fauno a correr atrás de Antiope, e ora
 Para atrair um efêbo, em Diana caçadora...
 E eis porque eu afinal sempre pensei, no fundo,
 Que somente a volúpia é o que há de bom no

[mundo,

E que o melhor desejo é sempre o prazer puro...

(Pede vinho)

LÍSIAS :

Olha, Júpiter é discípulo de Epicuro...

JÚPITER *continuando :*

Onde quer que possais achar o esquecimento,
 O gôso, a embriaguez, não percais um momento:
 Em cs vendo passar, sobre êles de surpresa
 Atirai-vos, assim como um milhafre à presa.

E tendo eu afinal, por um hábito exato,
 Ligar a idéia à forma, o pensamento ao ato,
 Vou começar a dar o exemplo, abraçando
 Estas flôres gentis que, do modo mais brando
 Do mundo, aqui me estão servindo, como vêdes,
 Com a graça e o prazer do loiro Ganimedes...

Abraça as ninfas, beijando ora uma, ora outra. Explodem palmas e vivas a Zeus, a Vênus e a Dionisos. O exemplo de Júpiter é seguido por todos, com exceção de Ericteu, sempre imóvel, e de Cleanto, que continua a roncar. Céfalo e Prócris fogem sorrateiramente Da cabeceira oposta da mesa, que se não vê, rompe um hino, cujo côro é acompanhado por todos os convivas.

HINO À BELEZA

Solo

Concede-me, Vênus,
Espuma do mar,
Concede-me ao menos
Que te possa amar.

Tudo quanto vejo,
Loira embriaguez,
Nasceu do desejo
Da tua nudez.

Tudo quanto veiu
De bem e de mal,
Veiu de teu seio,
Deusa sensual.

Côro

Concede-me, Vênus,
Espuma do mar,
Concede-me ao menos
Que te possa amar.

Solo

Sombra vaporosa,
Teu passo sutil
Fêz brotar a rosa
Mádida de abril.

Quando ergueste pela
Vastidão do céu
Teu olhar, a estréla
Vésper floresceu.

A terra era escura,
Quando viu a luz
Radiosa e pura
De teus ombros nus.

Côro

Sombra vaporosa,
Teu passo sutil
Fêz brotar a rosa
Mádida de abril.

Solo

O' Vênus, ó jóia
Fúlgida do mar,
A guerra de Troia
Nasceu dêsse olhar.

Deusa de Citera,
Deusa do prazer,
Adonis quem dera
Que eu pudesse ser,

Quem dera que tôda
Ansiosa assim
Tu corresses, douda,
Douda para mim !

Côro

O' Vênus, ó jóia
Fúlgida do mar,
A guerra de Troia
Nasceu dêsse olhar !

Desce o pano

ATO SEGUNDO

Mercador de jóias

DECORAÇÃO

Casa de jóias, montada do modo mais luxuoso possível. Damas, cavalheiros e hetairas conversam, discutem e examinam objetos de arte expostos.

Mirto, uma velha mulher, está para dentro do balcão.

. CENA I

Uma dama para outra :

Por jóias, em geral, a ateniense é louca...

Outra dama :

O luxo é para nós, como o pão para a boca

Um cavalheiro :

Em Atenas, sei eu, para poupar dinheiro,
Deixa-se de acender a luz do candieiro,
Quando há luar...

Outro cavalheiro; sorrindo :

Porém o luxo é de tal sorte
Que a mulher é capaz de condenar à morte
O próprio espôso, sem o mínimo decôro,
Por causa de um colar de pérolas ou de ouro...

A primeira dama :

Culpada foi Friné...

Uma hetaira :

Culpa de que tem ela ?
De ser uma mulher inteligente e bela?

Uma dama, sorrindo :

Eu, se fôsse rapaz, amava essa hetaira...

Outra dama :

Amarias o horror...

Um jovem :

A lama e a mentira...

Um cavalheiro :

Friné faz o amor, como a águia faz o ninho,
Sobre o cairel do abismo...

Outro cavalheiro :

E cercado de espinho...

O primeiro cavalheiro :

Desgraçado de quem o ácido dessa fruta
Morder...

Um jovem :

E' o mesmo que se tomasse cicuta...

O segundo cavalheiro :

Quem procura Friné, meus amigos, procura
A embriaguez e a dor, a morte e a loucura...

FILCN :

Não faleis de Friné, que estais falando a êsimo.
Só se ama o que faz mal. A beleza é isso mesmo.
Se ela lhe não sangrasse o coração e a vista,
Não na amaria tanto Apeles, o artista.
Viva, viva Friné!. Contra essa guerra tôda,
E' a rainha do luxo e a imperatriz da moda !

Uma hetaira :

Foi ela quem resgando, acima dos joelhos,
A túnica, rompeu com os preconceitos velhos
De Licurgo, o feroz legislador de Esparta,
Conquistando de vez a preciosa carta
Dessa emancipação da mulher, que em Atenas
Nem podia vestir...

O mesmo jovem, irônico :

E que consiste apenas
Em trazer sobre o corpo uma bijuteria...

FILON :

Fazei contra Friné tôda espécie de guerra;
Reconheci, porém, que é Vênus sôbre a terra.
Basta lembrar o que ela fêz no Arcopago...

O jovem, irônico :

Um escândalo !

FILON, dirigindo-se ao jovem :

Sim. Todavia eu te pago
Quanto pedires, se puderes com sucesso
Fazer o que ela fêz...

Em frente ao jovem :

Pede ! Eu te dou...

O jovem, irônico :

Não peço.
Porque não sou Friné...

FILON :

Mas és pior do que ela...

Avançando contra o rapaz :

Se disseres que não, saltas pela janela...

Diversos intervêm. O jovem retira-se.

FILON :

Isso sei o que seja. E' despeito e mais nada.
Ele viu reluzir no dedo da criada
Um grande anel, que deu a Friné de presente...

(Todos riem)

Uma voz :

Que horror !

Outra voz :

Pobre rapaz !

Outra :

E' um parvo !

Outra :

E' um indecente !

Uma dama para Filon :

Conta o resto, Filon...

Outra dama :

Conta...

Outra :

Conta-nos tudo.

Um cavalheiro :

Confesso, francamente: eu sou muito abelhudo.

Outro cavalheiro :

Eu também...

Outro :

Eu também...

FILON :

O caso é simples. Fôra
Acusada Friné de ser a corruptora
Da mocidade. E, pois, dêsse modo, diante
Do austero tribunal, compareceu, radiante,
Essa flôr da luxúria, êsse monstro de gôzo.
Vendo-a, o acusador rugiu mais furioso
Do que Euro. Descreveu com arte e com estilo
A vida de Friné, um falso crocodilo,
Soluçando de amor, com formosura e graça,
Para atrair, incauta, a vítima que passa...
Mas Friné, que conhece o mundo...

(Para)

VOZES :

Continua !

FILON, sorrindo :

Tira a túnica e fica inteiramente nua...

(Todos riem, extasiados.)

Um jovem :

Foi um gesto ideal !

Outro jovem :

Um grito de surpresa !

Outro jovem :

Ver-se aquela mulher em completa nudeza !

Uma dama :

E os juizes ?

FILON :

Sei lá! Ébrios, nem mais nem menos,
Cairam de joelho aos pés daquela Vênus!

(Risada geral)

Todos felicitam Mirto :

— Mirto, meus parabens.

— Voltaremos ainda.

— Tua casa é uma jóia.

— E' linda.

— E' muito linda.

Retiram-se. Entra Céfalo.

CENA II

CÉFALO e MIRTO

MIRTO *ao encontro de Céfalo :*

Deuses! que semelhança! E' Hipolito, meu filho!
O mesmo porte, o mesmo andar, o mesmo brilho...
Como te chamas tu?

CÉFALO :

Céfalo.

MIRTO :

A mesma suave

Entonação de voz, o mesmo gesto grave...
Só desejo que tu, ó doce peregrino,
Tenhas um melhor fim e um outro destino,
Que meu filho infeliz é só digno de pena.
Casado por amor com essa formosa Helena,
Cujo nome talvez já tivesses ouvido,
Soube logo depois que era mais um marido,
Que trazia o labéu, torcido sobre a fronte,
De um velho Coridon ou de um rinoceronte...

(Enxuga uma lágirma furtiva)

Se amas uma mulher, toma tôda a cautela:
 Quanto mais bela fôr, mais falsa será ela...
 Eis a regra geral: da mulher nada esperes;
 Ela é doida por ti, enquanto não a queres.
 Se tu rompes, porque não te parece séria,
 Desprezada, a infeliz torce-se de miséria,
 Pede, soluça, implora, em grito, arrependida:
 Que não pode viver, que lhe roubaste a vida.
 Cedes o teu perdão. Pois bem, no mesmo instante,
 Ela corre outra vez a chamar o amante...

Colocando a mão, familiarmente, no ombro de

Céfalo :

Em consciência, pois, quem poderia desta
 Arte, dizer que tem uma mulher honesta ?

CÉFALO, empurrando-a :

Cala-te, bruxa, tu não tens dito outra cousa,
 Senão torpezas vãs. Eu possuo uma espôsa,
 Que se não tem de Diana a púrpura de rainha,
 Dela tem todavia a nobreza e a linha...

MIRTO :

Não duvido, porém desejo a prova clara,
 Desejo o fato, sim, o fato bruto, para
 Que o meu modo de ver e sentir as mulheres
 Possa mudar enfim...

(Vivamente) :

Apostar ? Tive uma idéia. Queres

CÉFALO :

Apostar ?

MIRTO :

Sim. Esta casa tôda
Contra êsse teu anel...

CÉFALO :

Mas para que ? Estás douda !

MIRTO :

Se a tua bela espôsa, um dragão de virtude,
Te resistir...

CÉFALO :

A mim ?

MIRTO :

A um teu ataque rude.

CÉFALO :

Mas de que modo ?

MIRTO :

Vê: com requinte e com arte,
Em dois minutos, eu consigo transformar-te
Em mercador... E, após, mando chamar tua espôsa.
Chegando, tratarás de a seduzir... A cousa
Não é difícil.

(Apontando os objetos) :

A princípio, êsse adereço...
 Depois, êsse colar de pérolas de preço
 Tu lhe apresentarás... Quando a vires inquieta,
 Em ofego, a tremer de volúpia secreta,
 Por tudo possuir, com tática e desejo,
 Oferece-lhe tudo, e em troca pede um beijo,
 Pede-lhe um só, verás, como ansiosa e louca,
 Vermelha como um cravo, ela entrega-te a boca...

CÉFALO, indignado :

Maldita sejas tu, víbora furiosa !
 Eu devia arrancar-te a língua venenosa;
 Mas prefiro deixar-te, ó misera, mais rasa
 Do que uma táboa. Assim, depressa, à minha casa
 Manda Prócris chamar.

Surprezo, avistando Prócris ainda na rua :

Mas não ! Ei-la que chega.

MIRTO :

Com a graça e o frescor da verdadeira grega.

Puxando Céfalo para o interior da casa :

Fujamos.

Desaparecem. Entra Prócris.

CENA III

PRÓCRIS, só :

Nada mais precioso. De certo,
Eu acabo de entrar num paraíso aberto...
Que luxo! que esplendor! Tudo tão bem disposto,
Com arte, com amor, com distinção e gôsto...

Examinando de perto objetos expostos :

Esta combinação do escuro de veludo
Com a fina luz sutil da prata e ouro é tudo
Quanto pode existir de raro e de exquisito.
O' que lindo diadema e que colar bonito!
E êste leque gentil, gravado de ametista...
A mão que o cinzelou foi a mão de um artista!

Olhando para todos os lados :

Mas não vejo ninguém ! Eu não vejo viva alma !
E' um silêncio completo e absoluta calma !
Que significa, pois, a ausência dessa gente ?
Eu vou me retirar, imediatamente,
São capazes até de supor que sou ladra.

*Céfalo entra de surpresa, barrete de couro na
cabeça, manto verde, óculos, barba inteira, disfar-
çando a voz.*

CENA IV

CÉFALO e PRÓCRIS

CÉFALO :

Ladra! Contigo, vê, esse nome não quadra..,

PRÓCRIS, à parte :

E' Céfalo, no andar, na voz, no gesto e porte,
Mas Céfalo mais velho e mais ousado e forte.

(alto) :

Dou-te os meus parabens. Esta bijuteria
E' uma riqueza.

CÉFALO :

Que prazer e que alegria !
Vou mostrar-te, se me permites, o que tenho
De mais original, em esmalte e desenho.

(Abre uma caixa):

Em primeiro lugar, esta medalha da Ásia,
Onde Fídias gravou o retrato de Aspásia.

PROCRIS :

Que lindeza !

CÉFALO, abrindo outra caixa :

E esta, vê, é o teu perfil de Vênus...

PROCRIS :

Lindíssima !

.. CÉFALO, apresentando-lhe um diadema régio : ..

E' um primor. Não o cedo por menos
De mil dracmas,

PROCRIS :

Oh! E' uma fortuna...

CÉFALO :

Repara... que lavor! Repara como brilha...
Filha,

PROCRIS :

De fato, eu nunca vi coisa mais rara e bela.
Fulge como se fôsse o raio de uma estrêla.

(à parte) :

Porém, que tenho, ó céus! Uma invisível fôrça
Enlouquece-me e atrai, como a uma pobre corça
A matilha feroz...

CÉFALO, colocando-lhe o diadema nos cabelos:

E' um sol ao meio-dia.
Ah! se Apolo te visse!... Eu falei que o vendia
Por mil dracmas... Sim, porém o teu encanto
Deu-me tamanho gôzo e cativou-me tanto
Que o meu prazer é vê-lo...

PRÓCRIS, mirando-se no espêlho, à parte:

Estou como uma rosa,
De vermelha. O meu sangue em minhas faces arde.

CÉFALO, acabando de colocar o diadema:
Nos teus cabelos, como uma estrêla da tarde!

(Atira-lhe um beijo)

PROCRIS :

Que fazes?

CÉFALO :

Nem eu sei. Estroinices de moço...

PRÓCRIS, à parte :

Tremo. Quero fugir. E realmente não posso.

CÉFALO, *contemplando Prócris* :

Dionisiaca flôr, irradiação suprema,
Como te assenta bem êsse áureo diadema!

PRÓCRIS, à parte :

Sinto a fascinação horrorosa do abismo,
Sinto que se vai dar um grande cataclismo.

(*Vendo que Céfalo lhe tira os brincos, à parte*) :

Ele faz o que quer...

CÉFALO, *substituindo-lhe os brincos por pingentes maravilhosos* :

Desejo ver-te ainda
Mais rica que Lais, mais luxuosa e linda.

PRÓCRIS, *desesperada, à parte* :

Quem me pode amparar? Minha razão sossobra.
Eu vou como uma rã para a boca da cobra...

CÉFALO, *acabando de lhe colocar o último pingente*:

Este pingente azul com o teu cabelo louro
Combina, como se fôsse uma rima de ouro...

*Trazendo um colar, que coloca no pescoço de
Prócris :*

Nesse teu colo nu, mais claro do que a lua,
Este fino collar de pérolas estua,
Palpita de prazer, estremece de gôzo,
Elétrico, util, sensual, radios... .

PRÓCRIS, à parte :

Eu quisera poder rebater esta afronta,
Com o meu desdém brutal, como se fôsse a ponta
De uma lança, porém o meu esfôrço todo
Nesse sentido é vâo, é inútil e é doudo... .

CÉFALO, segurando-lhe as mãos :

Ah! que linhas sutis! que mãos volutas!

Examinando-lhe os dedos :

Dedos para adornar de pedras preciosas!

Enfiando-lhe anéis nos dedos, um a um :

Como tudo vai bem, ó lânguida princesa,
A safira... o topásio... o berilo... a turquesa... .

(Beija-lhe as mãos)

Admirando-lhe os braços nus :

Ah! que beleza em flor... .

PRÓCRIS :

Quanta doidice...

CÉFALO, colocando-lhe um bracelete :

E' tudo,
Tudo que há de mais belo. E' mármore e veludo.

*Beija-lhe o braço. Em seguida toma uma liga
de brilhantes e ajoelhando-se diante de Prócris :*

Nesta curva ideal, de uma fina escultura,

Cingindo-lhe a coxa com a liga :

Vou prender esta liga...

(*Beija-lhe os pés*)

PRÓCRIS, recuando espantada :

E' um horror! Que loucura!

CÉFALO levanta-se, olhando enternecidamente Prócris, cuja cabeça atrai para junto de si.

PRÓCRIS, à parte :

Eu com certeza estou embriagada e quase
Furiosa de embriaguez: não encontro uma frêse...

CÉFALO, procurando os lábios de Prócris, que
os oferece pela sua vez a Céfalo:

Para os teus lábios, eu não acho, ó meu desejo,
Jóia mais rica e mais esplêndida...

(Beijando-a) :

que um beijo !

Saca rapidamente as barbas posticas e os óculos. Prócris dá um grito e foge espavorida. Dentro se ouve uma gargalhada estridente.

DESCE O PANO

ATO TERCEIRO

DECORAÇÃO

Em casa de uma cartomante. Sala simples, duas portas, duas janelas, abertas para a rua e para o jardim. Ossos e caveiras adornam as paredes, onde se destaca a figura de Medusa, rodeada de serpentes. Ao declinar da tarde.

CARTOMANTE

CENA I

PRÓCRIS, sentada ao pé de uma mesinha, onde se vêem diversos baralhos, aguarda a chegada de Cloé, a cartomante.

PRÓCRIS :

Que vim aqui fazer? Um novo desatino,
Provavelmente... Enfim, seja o que fôr...

Ouve-se dentro a voz de Cloé:

Quem é?

Uma voz responde dentro também :

Prócris. Veiu saber novas de seu destino.

CLOÉ entra extravagantemente vestida, com os dedos carregados de anéis.

CENA II

CLOÉ e PRÓCRIS, que se levanta:

CLOÉ :

Prócris, tu !

PRÓCRIS :

Sim, sou eu. E tu não és Cloé ?

(Abraçam-se)

CLOÉ :

Quem foi que te enviou a esta humilde choupana,
Egrégia formosura, ó exquisita flor ?

PRÓCRIS, sorrindo :

Quem poderia ser, senão fraqueza humana ?
Quem poderia ser, senão a minha dor ?

CLOÉ :

Julgas-te uma infeliz? Sinceramente, o dizes?

Medindo-a de alto a baixo :

Tu, cuja linha ideal, desde a cabeça aos pés,
E' a pura perfeição...

PRÓCRIS, suspirando :

E das mais infelizes!

CLOÉ, apontando os céus :

Olha, podem te ouvir... Cala-te, por quem és !

PRÓCRIS, com desalento :

Acredita-me tu. Ninguém talvez devera
Ser mais feliz do que eu; mas o destino é atroz:
Faz-nos chorar e rir, figurinhas de cera,
A seu belo prazer, para zombar de nós.

Ao cabo, sendo a vida um vasto e bravo oceano,
Quem poderá dizer que esteja firme ou em paz?
Toda felicidade é pois um puro engano:
Se, hoje, tu és feliz, amanhã, não serás...

CLOÉ :

Não te ouvisse eu narrar tua própria desgraça,
E diria talvez que tudo quanto vim
De perceber e ouvir, de fábula não passa,
Bela para fazer efeito sobre mim.
Pois como imaginar que, no mesmo momento,
Possa o céu ser escuro e límpido e azul ?

PRÓCRIS :

Porque não, ó Cloé, se a vida é um catavento,
Que ora está para o norte, e ora está para o sul ?

CLOÉ, sem prestar atenção :

Que isso se dê com gente assim de minha laia,
 Gente de baixa estirpe e completa rudez,
 Gente que vive aí, aos montes, como arraia
 Miuda, é natural talvez, mas com vocês?

PRÓCRIS, aproximando-se de Cloé, resoluta e com voz abafada :

Escuta-me, Cloé. Céfalo, meu espôso,
 Para experimentar minha fé conjugal,
 Fingiu-se mercador de jóias, é curioso,
 E o caso é que eu cai do modo mais banal.
 Cai sem saber como. O falso joalheiro
 Pôs-se a mostrar-me os seus brilhantes, e por fim,
 Eu que não tenho por jóias o mais ligeiro
 Entusiasmo, fiquei quase fora de mim.
 Quando êle me pediu um beijo... estava louca!
 Sem poder explicar, como isso sucedeu,
 Sabes o que é que fiz? Ofereci-lhe a boca...
 Adivinhas o resto... Um horror! Que sei eu?

Desesperada...

Antes eu me tivesse afogado, a essa hora,
 No Letes, ou então mudada uma manhã
 Fôsse em poeira vil, que o vento sopra fora,
 Em víbora, em cadelha, em pássaro, ou em rã...

(Chora)

CLOÉ :

Por Vênus! Eu supus que era tudo exagêro,
 E um desejo ferç de rir e de zombar;
 Mas vejo agora, enfim, para meu desespêro,
 Que deste um trambolhão...

PRÓCRIS, *sorrindo* :

Do alto de um quinto andar !

CLOÉ, *refletindo um instante* :

Tal pavor me incutiste, ó Prócris, que suponho
Obra ter sido de um espírito do mal
Isso que sucedeu...

PRÓCRIS :

A mim parece um sonho...

CLOÉ :

E' pior do que um sonho. E' quase um pesadelo.
Não se pode entender... No auge da embriaguez,
Arrebatado de ódio e torcido de zélo,
Dize-me, Prócris, pois, teu marido que fêz?

PRÓCRIS :

Não sei, de nada sei, tu comprehendes, por fôrça.
Eu corri, eu fugi do modo mais veloz:
Fugi, como se fôsse a desgraçada corça,
Acuada, que se vendo inteiramente a sós,
Numa planicie, perde o seu ânimo forte,
Pára, vacila, e enfim, sem temer nada mais,
Extenuada cai sob as garras da morte,
Entrega-se ao furor dos dentes canibais...
Quando me despertei, foi entre piedosa
Gente simples, que tem o curioso dom
De tudo quanto vê, ver sempre côr de rosa,
De tudo quanto faz, ser delicado e bom.

No meio dêsses leais e bravos camponeses,
 Numa vida sincera, uma vida em comum,
 Eu consegui viver, pouco mais de dois meses,
 Sem repouso, porém, de espirito nenhum.
 Ele não me deixava um instante, acredita.
 Ora o via passar, lágrimas através,
 Como êle sempre foi, a bondade infinita;
 Ora, em gritos brutais, raivas e ponta-pés...
 Não me pude conter, e um dia, em linha reta,
 Eu tomei uma estrada e caminhei até
 Poder chegar aqui, nesta ilha de Creta,
 Onde resides tu, e onde reinas, Cloé.

(Ambas sorriem)

CLOÉ :

Desde já te direi, muito convictamente:
 Céfalo anda também rolando por aí...
 Entre os amantes, olha, o que um sente, outro sente.
 Vives nervosa? E' porque êle vive por ti.

Depois de refletir, batendo na fronte :

Mas espera... Entendi. Tu tens uma rival,
 Porém uma rival, de uma grandeza estranha.
 Foi ela quem teceu do modo mais sutil,
 Do modo mais perverso, essa teia de aranha,
 Esse laço infernal, esse engenhoso ardil...

PRÓCRIS, *caindo em si :*

Eu juro que tu tens razão. Descubro agora
 A mão que me feriu, a dor que me sangrou.
 E sabes tu quem é essa horrível traidora?
 Aurora! Ninguém mais! Minha palavra dou!

CLOÉ :

Prócris, essa megera é o meu maior regalo.
Conheço-a, como se fôsse a palma da mão.
Quando quer um rapaz, lembra-se de raptá-lo.
E não furta só um, furta logo um milhão.

Rindo :

Mas é isso, ou então como é que tu querias,
Que essa peste, que enfim não vale um caracol,
Fôsse capaz de dar à luz, todos os dias,
O louro efêbo nu, que nós chamamos sol ?

Mudando de tom :

Mas que pretendes tu ?

PRÓCRIS :

Sei lá! As nossas pazes,
Se fôr possível, que eu, de outra maneira, não
Consigo mais viver. Olha, Cloé, não fazes
Idéia do pavor dessa separação...
Eu não acho prazer em nada dêste mundo.
Ao banquete, onde vou, nunca lhe encontro sal:
Em vez de me alegrar, dá-me tédio profundo,
Em vez de me fazer bem, até me faz mal.

Desesperada :

Quem me dera poder pedir-lhe, de joelho,
Perdão, porque realmente eu não sou tão ruim,
Para o não merecer...

Agarrando-se a Cloé, em soluços :

Cloé, dá-me um conselho,
Livra-me dêste mal, tem piedade de mim!

CLOÉ :

Acalma-te. Não há como a gente ter calma,
Para vencer...

Refletindo :

Achei um meio bom...

PRÓCRIS :

Qual é ?

CLOÉ :

O meio de o prender e o único, eu te digo,
E' fazeres com él a cena que, afinal,
Éle pérfido e mau representou contigo,
Cena de um histrião, porém sensacional.

PRÓCRIS :

Arranja-me, Cloé, arranja essa perfídia,
Que tudo te darei...

Ouvem-se batidos à porta. Cloé vai espiar à janela, que dá para a rua. Em seguida chama Prócris, nervosamente, com a mão.

CLOÉ :

Veni cá depressa, ver.

PRÓCRIS, *espiando, cautelosa :*
Céfalo !

CLOÉ, *retirando-se da janela, juntamente com*
Prócris :

Foi o céu que o mandou.

Gritando : Lidia! Lidia!
(*Lidia aparece*).

CENA III

CLOÉ, PRÓCRIS e LÍDIA

CLOÉ para Lidia :

Lídia, vai ver quem bate à porta.

Para Prócris : Que prazer !

Sorrindo, para Lidia, que se vai retirando :

Anda, e acolhe-o com todas as regras d'arte...
Quando eu der um sinal, faze-o entrar aqui.

(*Lidia sai*).

CENA IV

PRÓCRIS e CLOÉ

CLOÉ, *baixo :*

Não há tempo a perder. Prócris, vou transformar-te
Em feiticeira.

PRÓCRIS :

Cloé !

CLOÉ, baixo :

Não sei onde é que li,
Já não me lembra mais, um caso semelhante,
Que muito me agradou...

*Sai e entra, imediatamente, com uma túnica
escarlate, uma espécie de turbante e uma máscara
de sêda, dizendo :*

E' do pé para a mão...
O teu papel agora é o de uma cartomante,
Faze o que êle te fêz, o grande paspalhão.

Colocando o turbante na cabeça de Prócris :

Este turbante imprime uma graça infinita
A um rosto juvenil. Foi Lídia que o comprou
De Metra, um dia em que para a fome infinita
Do pai, esta vendeu tudo quanto encontrou...

*Colocando-lhe em cima da túnica de sêda branca
a outra de colorido violento :*

E' uma túnica de riquíssima beleza,
Oiro e veludo só. Foi Lais quem m'a deu.
Cai, règiamente, nos teus ombros de princesa,
O' Prócris ideal, ó filha de Ericteu!

(*Tirando os anéis de seus dedos, e enfiando-os nos dedos de Prócris*) :

Enfiando o primeiro :

Este é um diamante raro, um diamante fino.
Veiu-me do Egito. E' o melhor talismã
Que se pode possuir. Eu com él domino
O feitiço, a traição, a intriga baixa e vã...

Enfiando o segundo :

A safira ideal, de puro azul-celeste,
Como os teus olhos, tem uns dons especiais:
Afasta a doença, a dor, a miséria e a peste,
Como o vento do sul enxota os temporais...

O terceiro e último :

Esta pedra de fogo, antiquíssima jóia,
O ânimo te dará, é um precioso rubi,
De destruir de novo as muralhas de Troia...

PRÓCRIS :

E de poder achar um bem que já perdi ?

CLOÉ, colocando-lhe a máscara :

Como te fica bem, ó Prócris !

(*Dá-lhe um beijo*)

O mistério
E' mais formoso do que um ramo de lilaz.

Afivelando a máscara :

Sem máscara, o amor não tem nada de sério:
E' um romance banal.

Acabando de a afivelar :

Vinga-te bem... Zás... trás!

Bate palmas e sai.

(Céfalo entra acompanhado de Lídia, que se retira)

CENA V

CÉFALO e PRÓCRIS

PRÓCRIS :

Que desejas ?

CÉFALO :

Tirar depressa a minha sorte.

Sentam-se ambos ao pé da mesinha, um de frente do outro. Prócris, depois de baralhar as cartas, oferece o baralho a Céfalo, para que o corte duas vezes. Em seguida, ela distribue as três partes, que acabam de ser cortadas, em quatro fileiras, de nove cartas, cada uma.

PRÓCRIS, lendo as cartas, de vagar :

Homem, tu padeceste um choque bem cruel,
Não há muito...

CÉFALO :

Pior do que se fôsse a morte.

PRÓCRIS :

Quiseste um dia ver se te era ou não fiel
A espôsa idolatrada...

CÉFALO :

Exato. Continua.

PRÓCRIS :

E o resultado foi uma atroz decepção,
A evidência cruel de uma verdade nua...
Ambos estão, porém, sofrendo...

CÉFALO :

Eu como um cão!
Tamanha é a minha dor, que sem fazer alarde,
Se eu a visse chegar, quando sofro, direi,
Seria bem capaz até de ser covarde...

PRÓCRIS :

Perdoá-la-ias ?

CÉFALO :

Não! Eu nunca perdoei.
Da memória jamais se me há de extinguir, pois.
Foi uma nódoa vil, foi uma nódoa feia,
Nódoa de sangue infame em cima de nós dois!

Encarando Prócris :

Pitonisa, se vim bater à tua porta,
 Acredita-me tu no que te digo eu,
 Foi só para saber notícias de uma morta,
 De uma paixão que vive, e de um bem que morreu !

PRÓCRIS, baixando os olhos e continuando a ler :

Entretanto, ela tem padecido... De certo
 Não há quem sofra mais no mundo. Vive, sem
 Saber onde pisar. Tudo é como um deserto,
 Tudo espinhos e dor, cóleras que lhe vêm
 De vergonha de si, vergonha da miséria
 Que praticou contigo, um marido ideal,
 Por quem teve e ainda tem adoração etérea,
 E por quem sofre a dor de lhe ter feito mal...

CÉFALO, interrompendo :

E eu, então, que direi ? Pareceu-me tudo isto
 Tão absurdo e tão mau, tão negro e tão soez,
 Que sendo eu próprio quem comigo o tinha visto,
 Muitas vezes supus que era mentira, crês ?
 Foi um lance teatral de comédia... Mas d'essa
 Hora em diante tornei-me um Nêmrode. Agredi
 Dentro da furna o leão, e na floresta espessa,
 Ataquei, peito a peito, o bruto javali...

PRÓCRIS, interrompendo essa declamação e continuando a ler :

Mas, olha, aqui não diz que fosse tão culpada
 De tudo que se deu, quanto parece...

CÉFALO :

Então

Com certeza, fui eu ?

PRÓCRIS, *lendo* :

Uma outra namorada...

Fixando-o com intenção :

Não te lembras de alguém, que conhecesses...

CÉFALO, *precipitado* :

Não !

E que tinha isso pois? Ninguém, ninguém me obriga
A proceder, senão como eu desejo... O mais...
O mais, sinceramente, é uma velha cantiga,
Própria para iludir o ouvido dos boçais.

PRÓCRIS, *continuando a ler* :

Todavia, ela espera... E nas noites de insônia,
Ainda chama por ti...

CÉFALO, *gracejando* :

Eu sou Lacedemônia,
E ela, Athenas... Não há meio de fazer paz.

PRÓCRIS, *continuando a ler* :

Não a esqueces, porém...

CÉFALO :

Mas inda hei de esquecê-la.

PRÓCRIS :

De que modo ?

CÉFALO :

Não sei. Mas, seja como fôr,
Tudo o tempo destrói, tudo a vida esfacela,
O próprio bronze até, quanto mais o amor...

PRÓCRIS, *ligeiramente picada* :

O amor não se destrói senão quando se muda
Num outro amor igual, num outro amor qualquer.
Nunca te iludas, pois, e que ninguém se iluda,
Só se esquece um amor, amando outra mulher...
Porque não buscas, pois, com o mesmo alvorôço,
Com que amaste uma vez, amar de novo alguém,
Que te possa querer? E's forte, és belo, és moço.
Busca uma outra mulher, para esquecê-la...

CÉFALO :

Quem ?

PRÓCRIS :

Uma outra qualquer. Não crês mais em nenhuma?
Escuta. Eu sei de alguém, doce e humilde flor...

CÉFALO *observando Prócris, à parte* :

E' singular! o gesto, o porte, a voz, em suma,
Tudo...

PRÓCRIS, *inclinando-se para Céfalo :*

Capaz de dar-te uma ilusão de amor.
Capaz de ter o dom de fazer essa alma,
Tão ferida de dor, tão morta de pesar,
Inda poder florir mais verde que uma palma...

(Escureceu. Entram raios de luar na sala, que fica frouxamente iluminada. Prócris abandona as cartas, levanta-se e vai à janela, que dá para o jardim. Céfalo segue-a).

PRÓCRIS :

Que bela noite e que magnífico luar !
Eu amo muito mais a noite do que o dia,
Mais a lua que o sol, mais o luar que a luz,
Por isso que prefiro a fantasmagoria
Ao flagrante dos tons violentos e crus.
O dia é a tuba de ouro, o fogo da eloquência
A difundir-se rubra entre a terra e o céu;
A noite é apenas como uma reminiscência
Vaga do que passou, sombra do que viveu...
Quando desce da noite a misteriosa teia,
Vê-se tudo através dos vidros da ilusão.
A coisa mais vulgar se metamorfoseia:
Uma estátua em fantasma, uma sombra em ladrão.
E é isso para mim do mais intenso gôzo,
Porque eu amo sómente o vago e o irreal,
E só acho prazer no que é maravilhoso,
No fantástico só e no fenomenal.
E por isso também, andando aqui, de rastros,
Obscura, como vês, eu chego a acreditar
Que inda hei de ser um dia o mais belo dos astros,
Que inda hei de ser um dia uma estréla polar!

Apontando a lua, lá em baixo :

Olha a lua! Lá vem, radiamente nua,
Ansiosa por chegar, não se sabe aonde, tão
Pálida, cada vez mais pálida...

Explicando :

E' que a lua
Ama como uma doida o jovem Endimião,
E toda noite vai deitar-se no seu leito,
Donde só se levanta ao leve albor da luz...
Acorda-se, porém, com o rosto desfeito,
De tanto beijo e de tantos abraços nus!

CÉFALO, animando-se :

Que mestre te ensinou essa coisa tão vaga?

PRÓCRIS, sorrindo :

Os lírios, o luar, êsse belo jardim,
Cujo aroma sutil me perturba e embriaga,
E me alucina até, me põe fora de mim...

*Pousando a mão levemente sobre o ombro de
Céfalo, que suspira :*

Que bom de passear por entre uma alameda,
Por uma noite assim, com quem a gente quer,
Entre rosas em flor e a fonte que segreda...

CÉFALO :

De noite, as rosas têm o odor de uma mulher...

(PRÓCRIS apoia mais fortemente a mão).

CÉFALO, à parte :

Que quer isto dizer?

PRÓCRIS, à parte :

Céfalo está caindo...

CÉFALO, à parte :

Dêste modo não sei onde as coisas irão...

PRÓCRIS, apoiando o braço no ombro de Céfalo,
alto :

Que bela noite e que céu estrelado e lindo!

CÉFALO :

E' um lindíssimo céu de noite de verão!

Tocando levemente em Prócris :

Moras aqui tão só ?

PRÓCRIS :

Com Lídia.

CÉFALO :

E não tens medo ?

PRÓCRIS :

Mêdo de que? dir-me-ás. Eu moraria até
Num deserto, ou então no fundo de um degrêdo...

CÉFALO :

Como te chamas tu?

PRÓCRIS :

Eu me chamo Cloé.

(*Extende o braço até tocar a gola da túnica de Céfalo, à parte*) :

No fundo, que pesar me causa esta aventura:
Meu marido não é melhor do que ninguém...

CÉFALO, à parte :

Prócris, vejo que vou te borrar a figura,
E te calçar aos pés... Mas culpa quem a tem?

PRÓCRIS, *volvendo a ocupar-se da noite enluarada e cingindo o pescoço de Céfalo* :

Dá-me idéia o luar de um lago prateado,
Onde voga em silêncio uma trirreme ideal:
O vento sopra, o lago ondeia, e entrelaçado,
Suspira de paixão um lânguido casal...

CÉFALO, *tomando a mão de Prócris e beijando-a* :

Que mão leve e macia e que pele cheirosa!
Eu era bem capaz de mastigar, assim,
Essa mãozinha, vê, como se fosse rosa,
Ou flor do eloendro, ou folha de jasmim...

PRÓCRIS, encostando-se molemente em Céfalo :

Tem sobre mim o luar a influência secreta,
Que sobre os loucos tem e que tem sobre o mar:
Eu sinto exaltações líricas de um poeta,
A febre de escrever, a fúria de rimar...

CÉFALO, cingindo o pescoço de Prócris :

Como me sinto bem! e como esqueço tudo
Dentro dêste prazer! Não imaginas tu
Quanto me delicia o peso de veludo,
O peso sensual dêsse teu braço nu!

PRÓCRIS :

Eu me criei no campo, assim como as ovelhas,
E ainda tenho em memória esse exquisito olor
Das canções ideais, baladas muito velhas,
Páginas de luar de romances de amor...

*CÉFALO, beijando os cabelos de Prócris, que deixou
cair a cabeça sobre os seus ombros :*

Que cabelos reais! que gôzo imorredouro!
Quanto seria bomvê-los aqui rolar,
Soltos por sobre mim, em catadupas de ouro,
Em loucos turbilhões, como se fôsse o mar!

*Vendo Prócris cerrar as pálpebras, como quem
dorme :*

Que gesto tão gentil e que doce abandono...
Se Fidias, o escultor, nos visse, a ti e a mim,
Gravar-nos-ia, os dois, numa estátua de sono,
Em mármore ou então em oiro ou em marfim.

PRÓCRIS, *sem abrir os olhos* :

Eu me vejo tão bem que, finalmente, cuido
Que o amor é um secreto e divino elixir...

CÉFALO :

Existe entre nós dois um exquisito fluido:
Tu possues o dom fatal de me atrair...

PRÓCRIS :

O amor faz esquecer a fraqueza e a morte,
Faz esquecer a dor, que a miséria nos pôs
Dentro da alma...

CÉFALO :

Porque é o amor um vinho forte,
Mais embriagador do que os vinhos de Cos...

PRÓCRIS, *colando-se a Céfalo, sempre de olhos fechados* :

Eu ficaria aqui a minha vida inteira,
Unida assim contigo, e sem cansar jamais,
Vendo a lua sorrir, irônica e ligeira,
Com ar de quem já viu tantas cenas iguais.

CÉFALO :

Corre o tempo, Cloé, mais leve do que a brisa,
Mais leve do que o som, mais leve do que a luz;
Como um simples minuto, uma hora desliza,
Vendo resplandecer teus seios semi-nus...

PRÓCRIS, *apertando Céfalo nos braços :*
Que bom de te possuir!

CÉFALO, *apertando Prócris :*

Que bom de seres minha !

PRÓCRIS :

Amo-te, doidamente...

CÉFALO :

E eu confesso-te aqui :
Tu para mim não és menos que uma rainha,
Por quem sofro de amor...

PRÓCRIS :

E eu morro, vê, por ti !

Abrindo os olhos :

Ainda há pouco falei, com ternura e com arte,
Que sabia de alguém, pobre e humilde flor,
Como se fosse o sol, capaz de iluminar-te,
Capaz de dar-te ainda uma ilusão de amor...

Cerrando os olhos de novo, e aproximando os lábios do ouvido de Céfalo, a meia voz, como num sonho :

Adivinhaste, pois ?

CÉFALO :

Não sei...

PRÓCRIS :

Essa quem era,
De que há pouco falei... Que tal te pareceu?

CÉFALO, *beijando Prócris* :

A frescura da rosa e o olor da primavera...
Adivinhei ou não ?

PRÓCRIS :

Suponho...

CÉFALO :

E's tu ?

PRÓCRIS, *deixando-se cair, inteiramente, nos braços de Céfalo, e beijando-o*:

Sou eu !

(CLOÉ entra com uma candeia acesa e encontra-os abraçados).

CENA VI

CLOÉ, CÉFALO e PRÓCRIS

CLOÉ para Céfalo:

Vais conhecer enfim a misteriosa dama...

Para Prócris :

Tira a máscara...

A meia voz :

Tu foste excelente atriz!

Prócris desfivel a máscara. Céfalo faz um movimento de espanto e tenta repelir Prócris; esta porém, colada a ele, com os braços em redor de seu pescoço, prende-o, como se fôsse numa cadeia de ferro.

CÉFALO :

Ah! para ser feliz é preciso ser lama !

Cloé, chocarreira:

Nunca ouvi dizer que lama fôsse feliz !

DESCE O PANO

EPÍLOGO

DECORAÇÃO

Num vale risonho, ao romper d'alva, Céfalo espera a caça, que tem de passar, para ir beber à fonte próxima, entre árvores e moitas.

CÉFALO, só :

Prócris, desde que entrei com ela em doce paz,
Não me deixa: aonde vou, logo vai ela atrás.
E à tarde, quando enfim dos torneios da caça
Volvo, ai de mim! Já sei... Para minha desgraça,
Ela chega-se. Vem palpitando de zélo,
Beija-me tòda a face, apalpa-me o cabelo,
Ansiosa por saber, no afã dos seus desejos,
Se tenho sôbre a pele o sabor de outros beijos...

E não posso mostrar minha alma satisfeita,
 Sem que logo desperte em Prócris a suspeita
 De que já me nasceu talvez um novo amor.
 Ela conhece quanto em mim é abrasador
 Esse impulso fatal e de que frágil cera
 Eu sou feito, e por isso a infeliz desespera.
 Ante o mínimo gesto, afinal ante a sua
 Própria sombra, de medo estremece e recua:
 Muda mesmo de côr, carrega a sobrancelha:
 Fica pálida e verde, amarela e vermelha...

Mas se em vez de prazer, eu mostro acaso migoa,
 Logo os olhos azues de Prócris se enchem dágua.
 E soluçando, assim como a Niobe triste,
 Supõe ser a mulher mais infeliz, que existe,
 Por já não possuir o encanto e a graça,
 De poder me atrair, quando me beija ou abraça.

Eu finjo que não dou importância, eu me rio,
 Mas no fundo percebo um sintoma doentio.
 E entretanto ninguém acredita em tal cousa:
 Eu não posso viver sem ti, ó minha espôsa!

Ouvindo um ruído no meio das moitas:

Um ruído! Ei-lo afinal ! Veiu tão apressado,
 Que nem o vi chegar. Com certeza é um veado.

Preparando o dardo, para arremessá-lo:

Foi Prócris quem me deu êste dardo. Vouvê-lo,
 Pela primeira vez, em combate. E' o mais belo
 De todos, e talvez que seja o mais certeiro.
 O animal, que ali está, eu sei que é tão ligeiro
 Como o raio, senão o exceder, saltando;
 Mais ligeiro, porém, do que êle, é o dardo, quando...

(Arremessa o dardo. Ouve-se um grito aterrador. Céfalo corre para o local, onde caiu aquela arma, e dando com Prócris, morta, exclama desesperado) :

Céus! E' Prócris!

Sacudindo-a :

Que horror! Matei de um golpe duro
Tudo quanto eu amei de mais belo e mais puro!
Matei o meu amor! Matei-te, flôr querida!
Matei, por conseguinte, a minha própria vida!

Caindo de joelhos :

Desgraçado de mim ! Desgraçada ironia !
Acho-me indigno até de ver a luz do dia.
Sujei as mãos de sangue e chafurdei na lama;
Tão no fundo, porém, que nem a própria chama
Há de ter o poder de me purificar.
E nem a água sem fim dos rios e do mar
Há de extinguir jamais, aqui, de nenhum modo,
Esta mácula vil, êste infamante lodo.

Exaltando-se :

Sim, foi um crime horrendo, ó criatura inerme:
Fui mais feroz que um tigre e mais baixo que um
[verme!

Lançando-se sobre Prócris e beijando-lhe a face:

Que pérola ideal ! Que face luminosa !
Extinguiu-se-te a voz de pássaro canoro...

Beijando-lhe os cabelos:

E como estão sem vida êstes cabelos d'ouro!

Beijando-lhe as mãos e os braços nus:

Geladas essas mãos e êsses braços raros,
Como se fôsses, pois, um mármore de Paros...

Beijando-lhe os olhos:

Cego e frio êsse olhar, onde eu me refletia,
Fonte de meu amor, sol de minha alegria!

Abraçando-a:

Adeus, Prócris, adeus! Perfeitamente, o sei :
Nunca mais me verás, nunca mais te verei !

*Levantando-se com a altivez dos homens da sua
raça, o dardo em punho:*

Tudo me abandonou nesta miséria imensa,
A natureza é sempre a mesma indiferença:
E é sempre mais feliz e de melhor aspecto,
Quando sabe que nós temos o ar inquieto.

Apontando as árvores:

Vê de que modo, pois, a esta tragédia assiste:
Não tem uma impressão, um gesto alegre, ou triste.
E' o silêncio de um boi, quando rumina e olha:
Eu não ouço bulir, nem sequer uma folha...

Olhando o céu :

Daqui a pouco o sol, como ontem e amanhã,
Há de nascer, brilhar, numa festa pagã.

Olhando Prócris :

Lançando como um deus sobre os teus seios nus,
O' Prócris, o calor da sua branca luz,
Mas com o mesmo fulgor e a mesma irradiação,
Com que há de apoteosar a carcassa de um cão !

Apertando o dardo na mão :

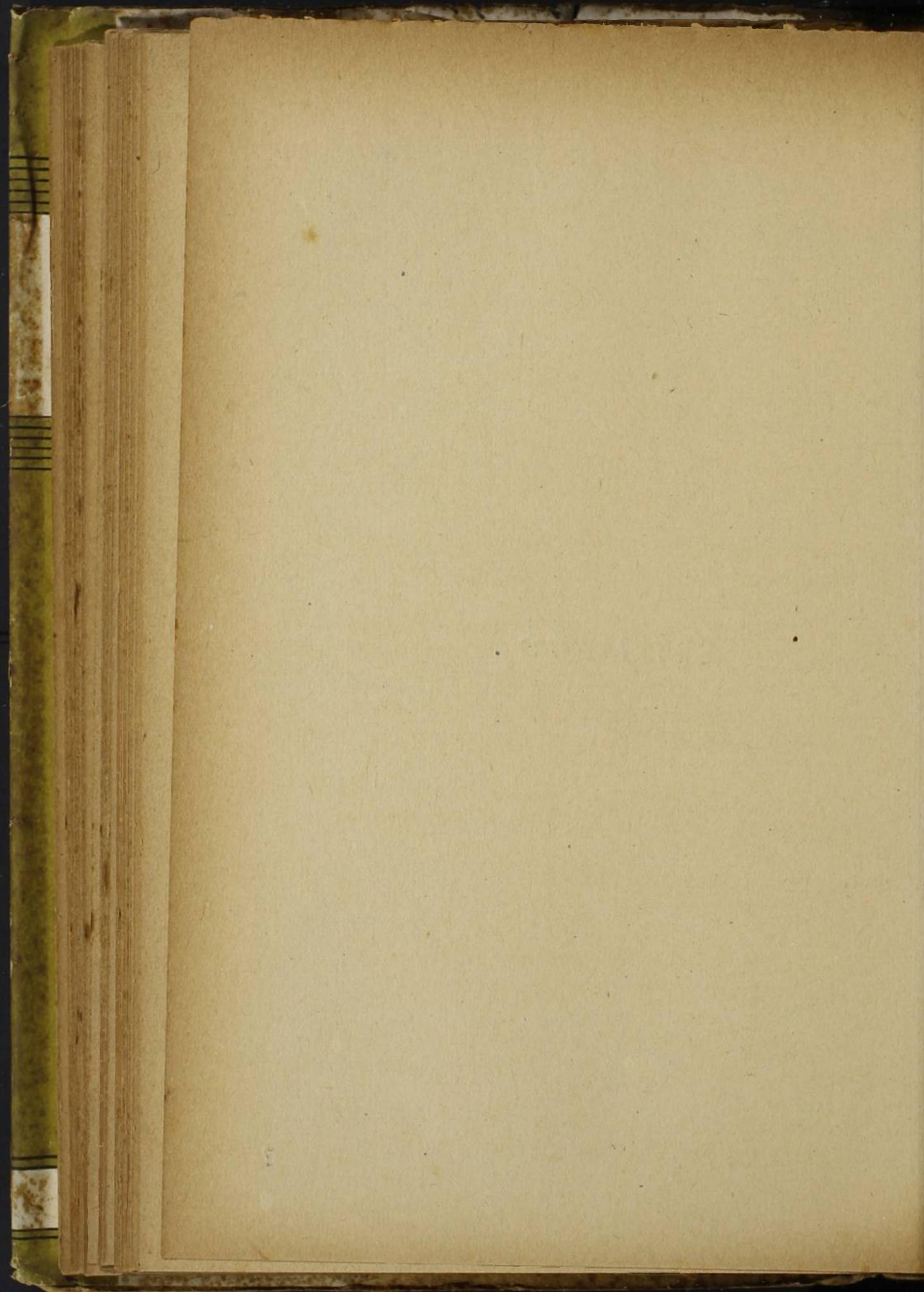
Em verdade, nasci sob um bizarro signo,
Debaixo da impressão de um signo bem maligno...
Eu sei que o Areopago é justo e me condena...
Mas antes que me aflija a ignominiosa pena,
O exílio ou a prisão, cruel destino avesso,
Eu próprio vou me dar a pena que mereço !

Desfecha um golpe sobre o coração e cai morto, junto do cadáver de Prócris.

DESCE O PANO



SETEMBRO



SETEMBRO

Eu ontem vi chegar, quase que a noitezinha,
Apressada e util, a primeira andorinha...

E' a primavera, pois, em flor, que se anuncia,
E' Setembro que vem, bêbedo de ambrosia,

Mãos doiradas, a rir, mãos leves e radiosas,
Semeando à luz e ao vento as papoulas e as rosas...

Como foi para nós de um exquisito gózo,
O' minha alma! êsse doce, êsse breve repouso,

Que entre o nosso viver tumultuário e incerto
Surgiu como se fôsse o oásis do deserto...

Tôda linda manhã era nova beleza;
E causava-me sempre uma grande surpresa,

Envolta no sendal de névoa, que flutua,
Vê-la, quando ficava inteiramente nua...

E que estranha delicia, e que ventura aquela,
Quando, bem cedo, o sol saltando-me à janela

Vinha cobrir de luz sonora, como um hino,
De gorgeios de luz, meu quarto pequenino...

Voávamos, depois, por aquêles caminhos...
Vcavamos, Senhor, eu e os passarinhos.

Tudo era alegre como um ramo de giesta,
O campo, o céu, a luz, a mûrmura floresta.

Tudo era uma canção; tudo reverdecia:
A folha, a vinha, a seara, a graça, a fantasia.

Nas árvores, no ar, por tôda a imensa altura,
O' que ruido! ó que delirio! ó que loucura!

E que bom de fugir sem saber como, a êsmo,
Por êsse campo em flor, a sós, comigo mesmo.

Para quem anda a sós, como se fôsse um duende,
E' o ar da solidão bálsamo, que rescende.

Que lindo céu azul! e que dias suaves!
Em breve eu aprendi a linguagem das aves.

Falei aos animais, e claramente posso
Dizer que o olhar dos bois é melhor do que o nosso.

E mesmo acrescentar, com firmeza, e com calma,
Que se nós temos alma, êles também têm alma !

Mata que percorri, como fazem os gamos,
Todo coberto de folhagens e de ramos,

Como é grato viver dentro dêsse teu seio !
Que frescura! que olor! que limpido gorgorio!

E que bom de fruir com sôfregos desejos
O rústico sabor acre dêsses teus beijos!

Vestido de aldeão, com o meu chapéu de palha,
Eu vi quanto era bom um homem que trabalha.

Deslizando através dêsses caminhos todos,
Eu pude ver também como os homens são doudos.

E no meio banal dessa rusticidade,
Quanto o campo é melhor, mil vêzes, que a cidade.

E tudo mais sincero, essa flor que se admira,
Essa água que se bebe, êsse ar, que se respira...

Tudo mais natural, e mais perfeito, tudo:
As tardes de Setembro, as tardes de veludo,

Os longos funerais, e o magnífico entérro
Do sol, quando descamba atrás daquele cérro...

Bendita seja a paz! Maldita seja a guerra!
Bendito sejas tu, ó lavrador da terra,

Que, desde o alvorecer da luz, até o sol pôsto,
Amassa o teu pão, com o suor de teu rosto!

Minha imaginação era um anseio vago,
Fugindo para além do espelho azul do lago,

Do campo, da floresta e do vale risonho,
Indo perder-se, enfim, no oceano do sonho...

Sonhei. Pude sonhar. Não há nada no mundo
Que seja para mim de um gôzo mais profundo.

Pude sonhar ao pé dos altos eucaliptos
Os sonhos que mais amo, os sonhos infinitos.

Como achei tudo bom! Como achei tudo belo!
Como me senti bem dentro dêsse castelo,

Onde pude viver, por uns dias, ao menos,
Do modo por que vós vivestes, ó Silenos,

O' Faunos e Egipans, entre o silêncio de ouro
De bosques de açucena, e rosa, e mirto, e louro,

E como êsse deus Pan, de eterna juventude,
Descuidado a soprar agreste flauta rude,

Longe de todo mal, livre completamente,
Tão livre como tu, água pura e corrente,

Tão simples como aquela ave triste e obscura,
Cujo canto real tem tamanha ternura,

Que, no meu coração, é o poeta que eu mais quero,
Por ser singelo e nu, por ser claro e sincero!

1916.

HÉRCULES

Homein, acorda! O sol, como um fruto de Outubro,
Acaba de explodir no seio de uma flor,
Mais alacre, porém, mais ardente e mais rubro,
Com toques de clarim, com rufos de tambor...

Tudo acordou, a abelha, o plátano e a rosa,
A folha, a brisa, o lago azul, a estremecer,
Ao fogo dessa boca, ideal, voluptuosa,
Como se a terra fôsse, ó sol, uma mulher...

Nos espelhos do mar, de grande voz sonora,
Nesta manhã sutil e de um louro saxão,
As naus, que vão partir por êsse mundo fora,
Miram vaidosamente as caudas de pavão...

Homem, levanta e vem para a campanha rude,
Ergue-te para a luz, ergue-te para o bem,
Tu que inda sentes n'alma o ardor da juventude,
A séde dêsse azul, a fome dêsse além...

Homem, levanta ! Esquece a perfidia medonha,
O designio feroz de Juno, quando quis
No teu sangue inocente a baba e a peçonha,
Um dia inocular, de monstros e reptis...

Homem forte, homem são, homem rude e diverso
Dos outros, vem mostrar que tu tens ideais;
Vem carregar aqui o peso do Universo
Sobre êsses ombros nus, ríjos e colossais...

Vem manejar o estilo, em prol d'alguma idéia,
Vem fazê-lo vibrar intenso, como si
Vencesses o leão rugidor da Numéia,
A hidra feroz de Lerna, o bruto javali...

Toma o alvião, a trolha, o rumo do levante,
E obreiro justo e bom, a cantar e a rir,
Corre por tôda parte, ó novo bandeirante,
A edificar depressa as pátrias do porvir...

Vai ao Cáucaso e rompe êsse grilhão profundo,
Que ao legendário deus vincula os membros nus:
Espancar um abutre, é iluminar o mundo,
Libertar Prometeu, é libertar a luz!

Mata o dragão da inveja e despreza os apodos;
 E entrando no jardim, que de longe entrevês,
 Rouba-lhe os pomos d'ouro: a glória é para todos
 Que têm o gênio, a fôrça, o sonho, a embriaguez...

Vitorioso, após, com todos os excessos,
 Ama essa Dejanira... O amor sempre é mendaz,
 Sempre há de ser o amor a túnica de Nessus:
 Furor de se abrasar numa chama voraz...

Tu que um dia abateste o mais bravo dos touros,
 Nessa batalha vã, sucumbes afinal,
 Mas belo, como um deus, coroado de louros,
 Homem Libertador! Hércules imortal !

Setembro — 1912

ESTÂNCIAS

Um dia amei, Senhor, na quadra de ouro,
 Na quadra em flor. Era uma rosa e tinha
 Um leve traço ideal, pálido e louro:
 Tu não quiseste que ela fôsse minha!

*

Tentei, depois, transpor o azul profundo,
 O azul do mar, que ruge e desespera;
 Quis embarcar, quis conhecer o mundo,
 Nessa linda manhã de primavera.

A luz sorria como uma criança.
Que divino prazer! comigo disse.
Enfunavam-se as velas da esperança...
A nau, porém, partiu, sem que eu partisse!

★

Imaginei, por fim, viver no seio,
Lá no teu grande seio, natureza,
Alheio a tudo, inteiramente alheio,
Todo entregue ao meu sonho de beleza.

Quanto abraço de amor, nesse arvoredo,
Que doida embriaguez pelo caminho,
Quando acordasse de manhã, bem cedo,
Livre, mais livre do que um passarinho...

Para fazer o mel da fantasia,
Eu teria uma vida laboriosa,
Sempre preocupado, noite e dia,
Como uma abelha em torno de uma rosa...

Deus, porém, que é o poder mais estupendo,
Deus que é fonte perene de docura,
Por que fôsse não sei, nem comprehendo,
Deus não quis conceder-me essa ventura!

O BRIGUE

Num pôrto quase estranho, o mar de um morto
[aspecto,
Esse brigue veleiro, e de formas bizarras,
Flutua há muito sobre as ondas, inquieto,
À espera, apenas, que lhe afrouxem as amarras...

Na aparência, a apatia amortece-lhe o esforço;
 Se uma brisa, porém, ao passar, o embalsama
 Ei-lo em sonho, a partir, e, então, empina o dorso,
 Bamboleia-se, mais gentil do que uma dama...

Dentro a maruja acorda ao mínimo ruído,
 Deita velas ao mar, à gávea sonda, o ouvido
 Alerta, o coração batendo, o olhar aceso...

Mas a nau continua oscilando, oscilando...
 O' quando eu poderei, também, partir, ó quando?
 Eu que não sou da Terra e que à Terra estou preso ?

— 1916 —

A UMA DESCONHECIDA

Tua beleza é como essa estação que passa,
 Cujo encanto fugaz inda brilha e palpita,
 Cheio de frutos bons, leve de aroma e graça,
 De um aroma ideal, de uma graça exquisita.

Ainda ao tronco gentil o desejo entrelaça
 As rosas do prazer e a docura infinita;
 Quanto, porém, a luz vai se tornando escassa...
 Quanta folha caiu dessa árvore bendita!

Em te vendo passar, ó doce fim de outono,
 Fechada na estamenha escura do abandono,
 Com que expressão sutil meu olhar te acompanha...

Ah, pudesse eu falar-te, um dia, voluptuosa,
 Sem palavras, assim como uma sombra estranha,
 Como zéfiro fala ao ouvido da rosa!

PASSARINHO VERDE

Ao Raul Gomes

Foi numa noite má. Eu, sombra fugidia,
Entro e acendo a luz e surpreso e enlevado,
— Verde, de um verde assim de pura fantasia,
Vejo um pássaro sobre o claro cortinado.

Ao rebrilhar da luz, que em ondas irradia,
Não se mexeu sequer, nem se deu por achado;
E tão imóvel, pois, que até me parecia,
Nessa mudez de folha, um pássaro encantado.

Não façamos rumor! — disse comigo mesmo,
Apareceu aqui, como num sonho, a êsmao,
Deixemo-lo ficar sonhando... Eleinda crê...

Verde! Esperança! Amor delicioso e infindo!...
Meu coração, porém, murmurava sorrindo:
Dorme! Que esperas tu? Mais esperança em que?

Em Julho de 1915

DAMAS

Ânsia de te querer que já não tem mais fim,
Meu espírito vai, meu coração caminha,
Como uma estréla, como um sol, como um clarim,
Mas tudo em vão, sei eu! Tu és uma rainha!...

És a constelação maravilhosa, a minha
Aspiração de luz magnífica, ai de mim!
A nudez, o clarão, a formosura, a linha,
O espelho ideal! O' Tôrre de Marfim!

Nunca me hás de querer, batendo-me por ti,
Pomo d'uma discórdia infrutífera, beijo
Todo em fogo, e a arder, assim como um rubi...

Mas é por isso que eu, ó desesperação,
Amo-te com furor, com ódio te desejo,
E mordo-te, Ideal, e adoro-te, Ilusão!

— 1903 —

A FELICIDADE

Mandas-me flôres, bela criatura
De maciez de plumas e de arminho,
E onde tudo é uma rosa de frescura,
O gesto, a voz, o próprio desalinho.

Mandas-me cravos, dálias, a ventura,
A ventura de beijos, que adivinho;
Mandas-me o teu olhar, que é uma docura,
Mais embriagadora do que o vinho.

E tanto que esperei, oh! Sulamita,
Essa graça de pérola exquisita,
A jóia dêsse amor, que fulge e arde:

Nunca chegaste aqui, pássaro andejo,
Felicidade, oh! flor do meu desejo,
Que ora chegas, enfim, mas muito tarde!

Novembro — 1920

PARA UM CORAÇÃO

Um dia, vi-te, assim, bailando,
E a uma pergunta, que te fiz,
Tu respondeste: "Eu amo, e quando,
E quando eu amo, eu sou feliz!"

Por uma noite perfumada,
Cantaste sobre o teu balcão.
E eu disse, ouvindo a áurea balada:
— Ah! que feliz é o coração!

— Quanta felicidade, quanta,
Não há ninguém feliz assim:
Um dia baila e outro canta,
Como se fosse um arlequim...

Eu disse... Mas agora vejo,
Nesse silêncio tumular,
Que estás sofrendo, e o teu desejo
Já não é mais o de bailar...

Nem de bailar, e nem, de certo
De nada mais, de nada mais...
Que fazes, pois, triste deserto,
Que fazes pois, que não te vais ?

Mas, choras, creio, choras ? Onde
Se viu chorar um Lucifer ?
Pobre diabo, vamos, esconde
Essas fraquezas de mulher...

SONETO

Cheguei aqui sómente para vê-lo,
 Disseram-me que estava muito mal.
 E, de fato, o achei tão amarelo,
 Da côr de cera com a côr da cal.

As mãos estavam frias como gelo,
 Os olhos encovados e de tal
 Magreza... Custei muito a conhecê-lo...
 Que transfiguração fenomenal !

Vendo-me, ele falou, se não me engano,
 Numa viagem longa que já fêz,
 E que, de novo, ia fazer este ano,

Por esse vale, por aquêle cérro...
 E eu concordei: iremos para o mês...
 Mas só pensava era no seu entérro !

Dezembro — 1913

LÁ

Quando eu fugir, na ponta duma lança,
 D'este albergue noturno, em que me vês,
 Não sei que sonho vão, nem que esperança
 Vaga de abrir os olhos outra vez...

Porque a esperança doce, de criança,
 D'inda os poder abrir na placidez
 D'uma nuança mansa que não cansa,
 Lá, para além dos astros, lá, talvez?

Há de ser ao cair do sol. Erecto,
Tal como sou, rudíssimo de aspecto,
Mas tão humilde, e teu, e se te apraz,

Eu te verei entrar, suave sono,
Nesses veludos pálidos de Outono,
O' Beatitude! Angelitude! Paz!

DE UM FAUNO

Acordaste mais cedo, em teu roupão de linho,
Nessa alegre manhã côr-de-rosada e fria.
Como foi belo o sol ! o sol como floria !
Era uma só canção: o aroma, a luz, o ninho.

Esperavas teu noivo, oh! Ema! oh! cotovia !
E era tão forte o teu delicioso carinho
Que, ébrio contigo, tudo acordou, ébrio, um vinho
Espumava, a dourar, como os vinhos da Hungria.

Cega, no meio dêsse amplo esplendor sonoro,
Nada mais vias, cruel, senão teu sonho de ouro
Mais pomposo que um deus moço, numa equi-
[pagem...]

Ao teu lado não viste um fauno, não me viste,
Ema! a sorrir, também, como uma nódoa triste,
Da Inveja — alteza real ! — dissimulado pagem.

SONETO

Nada pode igualar o meu destino agora
 Que o furor me feriu com um tirso de marfim,
 Vêde, não me contenho, o abutre me devora,
 Com as suas mãos que são de nacar e jasmim...

Meu sangue flue, meu sangue ri, meu sangue chora,
 E se derrama como o vinho d'um festim.
 Não há frauta que toque mais desoladora.
 Ninguém o vê correr, mas ele não tem fim.

Possuisse, ao menos, eu, o dom de transformá-la
 Numa folha, no alóes, no vento frio, no mar,
 Ela que inda é mais fria e branca do que a opala...

Mas nada, nem sequer ao menos, eu, torcido
 O tronco nu, o gesto doido, o pé no ar,
 Hei de ver Salomé dansar como S. Guido !

MCMII.

FOGO SAGRADO

Ao pôr do Sol — que é uma falua
 De vela para o Pesadelo...
 Calção de rendas amarelo
 Fino gibão, cabeça nua,

Ei-lo! Não sei que setestrelo
 Cobre-o! Não sei que azul flutua!
 Montado num ginete em pêlo
 A par e passo com a lua!

Seguiu, ligeiro, ligeiro;
Passam cavalo e cavaleiro
Um rodamoinho de escarcéus ! . . .

E' como um ciclone violento!
Olhai ! . . . Que vão o Sol e o Vento
Arrebatá-lo para os Céus!

Abril — 1900

UM CASAL

Andam ambos os dois de braços dados; ela
E' uma mulher sutil — e nem feia e nem bela.

Onde um vai, outro vai. Como todo casal,
Às vêzes vivem bem, às vêzes vivem mal.

Queime, porém, o sol, caia a chuva em torrente,
Eles saem a pé, quotidianamente.

E tal como quem não conhecesse ninguém,
Numa cidade estranha, ambos caminham, sem

Cessar, inquietamente, apressados e a êsmo,
Cada um a ruminar, a sós, consigo mesmo . . .

Mas, com uma tão completa indiferença que
Um olha e nada vê, outro finge que vê.

Ela traja roupão de veludo, e não perde
A elegância vulgar de uma luneta verde.

Êle usa de calções, chapéu de pluma, e enfim
Tem o porte e o ar de um velho espadachim...

E no meio da turba incolor, e sem arte,
Correm continuamente, assim, por toda parte.

E errando, como dois fantásticos jograis,
Vão, como todo o mundo, a êsses salões triviais,

Ao entérro, ao bailado, à ópera, ao entrudo,
À taverna, ao café, ao parque, enfim, a tudo,

A saracotear, até pela manhã,
O minuete, a valsa, o bolero, o cancan...

De resto, nós, também, como se fôsse uma ária
Monótona, nós dois, oh! alma solitária,

Não rolamos, ai, nessa onda banal,
Tão exquisitos, como o fúnebre casal ?

Fevereiro — 1912

NUMA HORA DE DOR

— Meu coração, porque é que bates,
Tão apressadamente, assim ?
Não me vou ferir em combates,

Não me vou bater em duelo,
Pôsto que eu seja um espadachim,
Em prol de tudo quanto é belo!

— Meu coração, porque tão langue,
Porque tão langue, tu te vais ?
Eu não vou derramar meu sangue,

Por êsse caminho, assim a êsmo
Embora que eu não seja mais
Do que uma sombra de mim mesmo...

— Pois, porque bates, enervada,
Desordenadamente,vê ?
Eu não tenho medo de nada,

Nem da boa, nem da má sorte...

— Porque é que bates, pois, porque,
Se eu não faço caso da morte?

Quando tiver de vir, que venha,
Da mais profunda, estranha paz,
Dentro de fria, alva estamenha...

Há de encontrar-me, como um justo,
Pálido, sim, pálido, mas
Sem o menor receio ou susto...

Que entre por essa porta larga,
Que venha simples, ela só,
Simples, util, solene, amarga;

Ponha-me o pé sobre a garganta,
Calque-me bem, como uma planta,
Herva ruim, maldito pó !

ÚLTIMA VOLÚPIA

Às vêzes, junto a mim, uma pálida imagem
Chega, e vendo-me triste, a lágrima a fulgir
Nos olhos, donde já voou tôda a coragem,
Faz o gesto de quem me mandasse partir...

E eu de pronto obedeço a ordenação. Que a espada
Corte e faça rolar, entre jogos florais,
Esta cabeça, pois. Nada me importa, nada.
Não me defenderei. Eu não combato mais.

Mas que não seja aqui, fora da natureza,
Que tenha de cair sob o golpe fatal;
Seria uma tristeza, infinita tristeza,
Acabar, como um clown, em pleno carnaval !

Todos os animais, quando é chegada a hora
Suprema de partir para a estranha região,
Quer seja ao pôr do sol, quer ao romper d'aurora,
Demandam, por instinto, o horror da solidão...

Este, pelo sombrio e espesso vale anseia,
Aquêle desprezando o caçador mendaz,
Ao galho seco atinge, e ao cérro nu se alteia,
Onde possa dormir o último sono em paz.

Todos fogem. Ninguém, onde já foi um forte
E soberbo animal, quer revelar apôs,
Na máscara senil e ferrenha da morte,
O espasmo de pavor e a hediondez feroz.

Enquanto a mim, conheço um simples logarejo
Ermo, onde o sol de inverno é um vinho de prazer,
E uma fina volúpia, e um exquisito beijo,
Longo beijo de amor, que faz adormecer...

Como seria bom, nesse ermo que procuro,
Ver o sono descer mais doce do que a luz,
Como se fôsse um manto inconsútil e puro,
Caindo sôbre mim, sôbre os meus ombros nus...

Eu sentiria, então, ao fundo do horizonte,
Fugir-me a vida, como uma vela sutil,
E um ósculo pousar de leve em minha fronte,
Ósculo virginal dessa manhã de Abril...

E morreria, assim, sem tremores de febre,
Sem assombro, nem dor, sem queixa, nem pesar,
Como há tempos eu vi sucumbir uma lebre
Sôbre êsse feno, e aí nesse mesmo lugar!

ARVORE

Quem me dera, Senhor, velas ao vento,
Velas ao largo, de embarcar agora;
Iria quase um pouco sonolento,
Mas feliz de embarcar e de ir-me embora.

Tudo quisera ver, por um momento,
Nesse barco vogando mar em fora,
Através dos meus óculos de aumento;
Que linda viagem! que manhã sonora!

O Destino, porém, vários matizes
Possue, para iludir; o deus astuto
Aqui plantou-me, e eu criei raizes...

Árvore, eu me consolo, e não reluto,
Vendo como os meus ramos são felizes,
Quando florescem, para dar o fruto!

AO CAIR DA TARDE

Agora nada mais. Tudo silêncio. Tudo,
 Esses claros jardins com flores de giesta,
 Esse parque real, esse palácio em festa,
 Dormindo à sombra de um silêncio surdo e mudo...

Nem rosas, nem luar, nem damas... Não me iludo.
 A mocidade aí vem, que ruge e que protesta,
 Invasora brutal. E a nós que mais nos resta,
 Senão ceder-lhe a espada e o manto de veludo?

Sim, que nos resta mais? Já não fulge e não arde
 O sol! E no covil negro d'este abandono,
 Eu sinto o coração tremer como um covarde:

Para que mais viver, folhas tristes do outono?
 Cerra-me os olhos, pois, Senhor. E' muito tarde.
 São horas de dormir o derradeiro sono.

1920.

DOR

Ao Andrade Muricy

Noite. O céu, como um peixe, o turbilhão desova
 De estrélas a fulgir. Desponta a lua nova.

Um silêncio espectral, um silêncio profundo
 Dentro de uma mortalha imensa envolve o mundo.

Humilde, no meu canto, ao pé dessa janela,
 Pensava, oh! Solidão, como tu eras bela,

Quando do seio nu, do aveludado seio
 Da noite, que baixou, a Dor sombria veiu.

Tôda de preto. Traz uma mantilha rica;
E por onde ela passa, o ar se purifica.

De invisível caçoila o incenso trescala,
E o fumo sobe, ondeia, invade tôda a sala.

Ao vê-la aparecer, tudo se transfigura,
Como que resplandece a própria noite escura.

E' a claridade em flor da lua, quando nasce,
São horas de sofrer. Que a dor me despedace.

Que se feche em redor todo o vasto horizonte,
E eu ponha a mão no rosto, e curve triste a fronte.

Que ela me leve, sem que eu saiba aonde me leva,
Que me cubra de horror, e me vista de treva.

Que me abrace, e me prenda, e me aperte, e me
[torça,
Como um grilhão doirado, êsse Hércules de fôrça.

Que me arranque, feroz, como faz um abutre,
A carne de que vive, o pão de que se nutre.

Que pálida e mortal, voluptuosa e langue,
Mate a sède febril nas fontes de meu sangue.

Que me carregue tão vertiginosamente,
Como um tronco que rola ao sabor da corrente.

Sou teu: Morde-me, pois, àvidamente, como
Se eu fôsse um exquistio, um raro e ácido pomo...

Embriaga-me de ti, forte e furioso vinho,
E atira-me, depois, nesse redemoinho

De ventos, a ulular dentro de uma gehena,
Como leve, sutil, doida, inquieta pena.

No meio de voraz tempestade de máguas,
Arrasta-me através das urzes e das frágoas.

Afoga-me de vez no fundo d'este oceano,
Do oceano sem fim do sofrimento humano.

Calca-me sob os pés, esmaga-me a cabeça,
Que eu morra como um cão, e que desapareça...

Tu, sempre, para mim, mesmo apesar de tudo,
Envolta nesse manto escuro de veludo,

Dentro d'esse fulgor de imperatriz suprema,
Em cuja fronte brilha um áureo diadema,

Gentilíssimo algoz, e senhora absoluta,
Que tens nas mãos reais a taça de cicuta,

Divindade cruel, monstro delicioso,
— Serás o meu desejo, o meu eterno gôzo!

Janeiro de 1918.

PALAVRAS A UM RECÉM-NASCIDO

Acabo de escutar o trémulo vagido
Dêsse pequeno · ser, dêsse recem-nascido.

E' mais um que nos vem do misterioso seio
Da vida, sem poder contar para que veiu.

Já que veio, porém, saudemo-lo. E' um risonho
Beijo, uma flor, um poema, um fruto, um astro,
[um sonho !

Venha para fazer conosco a travessia
Dêste raivoso mar que espuma noite e dia.

Que venha conhecer como o destino é rude,
Como o destino trai, como o destino ilude.

Se aquêle que, ao nascer, trouxe funesta estréla,
Pode bater-se em vão, não consegue vencê-la,

Venha para sofrer, desde o raiar da infância,
O desejo, o furor, o ciúme, as raivas, a ânsia

De não poder domar a formosura eterna,
Mais rebelde e feroz que a própria hidra de Lerna.

Venha para o amor, pois o amor é como
Um raro, um saboroso, um exquisito pomo,

Que, pálido e a tremer de sede e fome, a gente,
Como um lobo voraz, morde sôfregamente...

Venha para sentir com que febre se arranca
Lá do fundo do peito o amor, que é uma arina
[branca,

Para embebê-la, após, soluçando de anseio,
Soluçando de dor, dentro de um outro seio...

Venha para assistir a essa comédia linda,
Encantadora e vã, que nunca mais se finda,

A comédia em que o riso, a lágrima disfarça,
E onde cada um de nós entra como comparsa.

Mas o que mais diverte, o que mais vale a pena,
E' de ver Pierrot e Colombina em cena.

E' de ver todos dois nessa fúria divina:
Ou Pierrot se enforca ou mata Colombina!

E que venha saber, entre doidos anelos,
Como se vão por terra os mais altos castelos.

Onda leve de um mar, que, às vezes, causa medo
Venha se esfacelar de encontro a êste rochedo,

Em rúgidos que irão, como uma espumarada,
Morrer em poeira, em susto, em cóleras, em nada...

Venha para viver esta vida inquieta,
A vida de um artista, a vida de um poeta.

Sim, venha para ter um destino, meu filho,
Um destino sem glória, um destino sem brilho.

E sorver, pouco a pouco, a taça de cicuta,
E bater-se e lutar, porque a vida é uma luta,

E é no meio febril de ódios, que se consomem,
De batalhas brutais, que um homem se faz homem.

E, quando então chegar, mais rígida que a sorte,
Mais cruel do que o amor, a passo e passo, a morte,

E tenha de partir e tenha de ir embora,
Por esse espaço além, por esse mundo em fora,

Mas com tanto pesar, mas com tamanha máguia,
De esquecer êste horror, mais duro que uma frágua,

Onde estão a tremer, atirados e a êsmo,
Sangrando e a palpitar, pedaços de si mesmo;

De deixar a canção leve do mês de Outubro,
Mês de abelhas e sol, mês delicioso e rubro,

Mês que rescende mais e que tem melhor cheiro
Que o sândalo e a rosa e a flôr do jasmíneiro,

Mês que faz ressurgir, por entre ramos de hera,
Os velhos troncos nus em verde primavera,

Mês de indolências, mês de sonhos e desejos
E delírios pagãos de abraços e de beijos,

Que, ao despedir-se, pois, mesmo apesar de tudo,
De ser um cavaleiro e não ter tido escudo,

De ser um viajor que andou sempre sózinho ,
Um pobre viajor, perdido no caminho,

A galope, a correr atrás de uma esperança,
De uma sombra, que foge, e que nunca se alcança,

— O seu último adeus, o adeus de despedida,
Seja abençoando o amor, seja abençoando a vida!

1920.

SONETO

No album de D.^a Annita Philipowski

Conheço que não sou o homem que se procura,
O herói moderno, o herói vibrante, o herói do dia,
Que num largo esplendor de brônzea envergadura,
Com desdenhoso olhar a crença repudia.

Pode ser que também não passe de uma pura,
E de uma inquieta, e de uma doida fantasia,
De quimera banal, e de grande loucura,
O vinho que me exalta, a fé que-me inebria.

Sei que é belo exclamar que não existe nada;
Que a flor das ilusões, como rútila espada,
A dúvida voraz ceifou pela raiz...

Sei de tudo; porém, sob o céu que nos cobre,
Sinto, elevando as mãos, e humilde como um pobre,
Que no seio de Deus adormeço feliz !

CHRISTE, AUDI NOS

A Dario Vellozo

“Meu Senhor, meu Senhor Morto, a teus pés feridos,
Junto ao teu coração, que sangra e luz, cnsim
Eu me prostro, e ajoelho os meus cinco sentidos
— Cinco feras, Senhor! Tem piedade de mim!

— “*Tu desejas que aos céus, e como estrélas de ouro
Vá teu Verso insculpir a Mágua e a Dor cruel,
Para que o mundo, ouvindo o deslumbrante côro,
Do teu Orgulho veja a Tórre de Babel.*

*A ânsia mortal contens de uma árvore maldita,
Que, estéril, sob o sol, flor nem fruto produz,
E, prêsa à terra, em vão os braços torce e agita:
Sugam-lhe a seiva e a polpa as venosas au luz.*

*Buscas, mas só porque do "novo" o aroma exala,
O crisântemo azul de uma Quimera vã... ”*

“Surdo”! Senhor, sê surdo. E’ o Demônio quem
[fala!
E’ o Blasfemo! E’ Satan!... Livra-me de Satan!

Creio. Desejo crer. O Invisível fulgura...
A Ciência é um pobre monge estudando o abc.
Dêsse Enigma Feroz e dessa Luz Obscura
Tremo. Quem sou? quem és? Um Mistério!...
[Porque? ”

— “*Mentes. Tudo isso é pura obra do teu Orgulho.
Tu não crês!*” —

“Oh! Cruel, cala-te! Eu hei de crer.
Hei de crer, apesar dêsse negro marulho
Do teu ódio crescente, abominável Ser!

Hei de crer nessa Mãe Misericordiosa,
Que à minha sede o peito oferece do Bem,
Pois vi rolar, rolando em vaga tonitruosa,
Tudo quanto eu amei nos escombros do Além!...
Hei de crer...”

— “*Não crerás! não hás de crer mais nunca!
A descrença, infeliz, é como o bronze cru:
— Não torce. Eu arranquei a luz dessa espclunca...*”

“Oh! Maldito Satan!”

— “*Maldito serás tu!*”

“Tem piedade, meu Deus, da lóbrega miséria,
Do veneno animal e da infâmia feroz
De quem te pede, oh! Justo, a paz do Sonho etérea,
Com angústia no olhar, com soluço na voz!

Do óleo santo do teu perdão magoado ungi-me.
Dá-me forças, Jesus! dá-me alento, Senhor!
Para que eu não sucumba ao peso do meu Crime
Antes de ter gozado o verdadeiro Amor!...”

— “Alma, dentro de ti mora um triste coveiro,
Mudo e gelado, como em um tanque a boiar...
Sentes-lhe o peso enorme!...”

“Eu faleço. Cordeiro!
Vinho, divino Vinho! embriaga o meu Pesar!”

— “Sobre o teu coração dobra angustioso o Remorso,
O Desespéro grasma um rouco Canto-Chão.”

“Em vão, em vão, Senhor, em vão é que eu me
[esforço
Para deixar de ouvir o clamor da Aflição.

Eu sou triste, Senhor! Triste é a minha existência.
Minha tristeza é bem como a lepra de Job.
Não resplandece mais a real magnificência...
Tem piedade de mim, Meu Senhor! Estou só.”

— 1897 —

CREIO !

Eu creio. Pude crer. Ah! finalmente pude,
Rompendo das paixões o espesso torvelinho,
Vibrando de prazer as cordas do alaúde,
Ver a estréla da fé brilhar em meu caminho!

E sinto-me tão bem dentro d'este alvo linho,
Que até me refloriu a graça e a saúde;
Ando quase a voar, sou quase um passarinho,
E penso que voltou a flor da juventude...

Que doirada ilusão! que divina loucura!
Só me arrebata o olhar a luminosa altura,
Onde fulgem de amor todos os astros nus...

Beijo embriagador! Oh! fogo que me abrasas!
Quanto me faz febril a idéia de ter asas,
E de poder fugir para a infinita luz!

DE COMO VIM CAIR AOS PÉS DE DEUS

Tu sabes, oh! Senhor, dêsse caminho errado,
O caminho por onde eu tenho caminhado.

Sabes que fui, também, como um judeu errante,
Judeu de coração mais duro que o diamante.

E jamais entendi, fulgindo sobre a face,
Que outra lágrima vã dos olhos borbulhasse,

Que não fôsse, em furor, sob o clarão da lua,
A de um satiro nu por uma ninfa nua...

E como Salomão, magnífico e profundo,
Cuja pompa de sol foi a maior do mundo,

Rei que amava o perfume, a vida heróica e rude,
A púrpura, o ideal, a força, a juventude,

O delírio do luxo, a flor das coisas fátuas,
O vinho e a mulher, os poemas e`as estátuas,

E era, como em geral é todo fino artista
Um grande sensual e um grande pessimista,

Eu ia por ai, nesse redemoinho,
Vertiginoso e atrós, rolando o meu caminho,

Entre o ressoar de mil trombetas de vitória,
Ebrio de orgulho e com sêde voraz de glória,

Ardendo, toda em febre, a ambição que delira,
Só por querer cingir diademas de safira:

— Quando um dia, Senhor! por entre a cavalgada,
Em marcha para a morte, em marcha para o nada,

Sem que soubesse como, eu vejo, de momento,
Em revolta se erguer um rijo pé de vento.

Ao vê-lo, assim, de pé, macabralesco drama,
Tudo se alarma, e grita, e desespera, e clama.

Em doido turbilhão fantástico, a poeira
Envolve, aturde, e cega a natureza inteira.

Torcendo-se de dor e rugindo de mêsio,
Verga-se, até cair, frenético, o arvoredo.

Rolam, sinistramente, as nuvens pelo espaço.
Relampeja. O trovão, como um surdo ameaço,

Ribomba. O mar furioso. Arroxear o horizonte.
Fogem asas sutis. Soluça a água da fonte,

Nada pode tocar que não convulsione,
Por onde quer que passe, o rígido ciclone,

O vento a se carpir, num infinito chôro,
Uivando como um cão, uivos de mau agouro.

Que bárbara tragédia e que tragédia bela!
Tudo se abate, e cai, e rola, e se esfacela.

A última claridade, a escuridão, de um sôrvo,
Engole-a: foge o mar, a vela ansiada, o corvo;

Foge a pomba, o lacrau, a víbora daninha,
A gaivota, a coruja, o morcego, a andorinha;

Foge a formiga, o verme, a folha, o escaravelho...

— Vim cair a teus pés, trémulo e de joelho!

LOUVADO SEJAS TU

Louvado sejas tu! grande Semeador,
Que semeias a luz e ao mesmo tempo a dor;

E semeias a rosa, e semeias a máqua,
Cujo soluço é como o de uma fonte dágua...

Do modo por que me vês, de coração a nu,
Direi: Semeador, louvado sejas tu,

Que semeias a flor, e semeias o vento,
E a sombra do silêncio, e o véu do esquecimento,

E me cobres de horror, e me fazes sofrer
Esta glória, esta morte, esta ânsia, êste prazer,

Louvado sejas tu, que dessa imensa altura
Torces meu coração, com tamanha amargura,

Que me atiras aqui, dentro dêste pesar,
Mais profundo, Senhor, mais profundo que o mar,

E onde, cego de dor feroz, que me lanceia,
Desapareço como um simples grão de areia.

Louvado sejas tu ! o sofrimento é luz,
O sofrimento é amor, santíssimo Jesus!

Beija-me, Solidão, embala-me, Abandono,
Emabala-me, de manso, eu vou dormir meu sono.

Embala-me que eu vou dormir, de uma só vez,
O meu sono voraz, sono de embriaguez.

Eu vou dormir, dormir um sono tão profundo,
Como êste meu pesar, queinda é maior que o
[mundo.]

Ondas, ondas do mar, ondas que me levais,
Quando eu adormecer, não quero acordar mais.

Quero dormir, Senhor, um sono de tal sorte
Que seja como se fôsse um sono de morte.

Vento, chora por mim teu desespêro, irmão,
Teu desespêro, Vento, é como um canto-chão.

Cipreste, canta o hino da ansiedade,
O teu hino feral parece a tempestade.

E que bom de morrer, quero dizer dormir,
Ouvindo a chuva sôbre a telha-vã cair...

Oh! que anseio! oh! que anseio! oh! que anseio!
[oh! que anseio!
Abre-me o seio, Dor! Sepulta-me em teu seio!

Abril — 1920

POR MARIA

Se te posso pedir qualquer coisa de leve,
Qualquer coisa ideal, qualquer coisa de puro,
Como se fôsse a luz, como se fôsse a neve,
Eu que não sou senão um pobre verme obscuro;

Se me elevando assim, como uma verde palma,
Para êsse claro céu, para êsse azul sem fim,
Eu posso por alguém, alma desta minha alma,
Pedir, melhor do que se fôsse para mim;

Se a prece tem o dom exquisito e singelo,
O dom de penetrar no mistério profundo,
E tudo que fôr bom, e tudo que fôr belo
Atrair para quem eu ame neste mundo;

Se te posso pedir que faças um destino,
Que eu desejava que fôsse ouro sôbre azul,
Como uma rosa pede o orvalho matutino,
Como a palmeira pede a viração do sul;

Se te posso pedir por essa creatura,
(E por quem mais pedir, se não pedir por ela ?
Se não pedir por ti, minha doce ventura,
Oh! meu único bem, oh! minha boa estrêla ?);

Como quem pede o pão nosso de cada dia,
 O pão que resplandece, o pão que se bendiz,
 Eu te peço, Senhor, que abençoes Maria,
 E que ampares Maria e que a faças feliz!

1920.

ORAÇÃO DA MANHÃ

Amanheceu. A luz de um claro e puro brilho
 Tem a frescura ideal de uma roseira em flor:
 Antes de tudo o mais, ajoelha-te, meu filho,
 Ajoelha-te e bendize a obra do Criador.

Ajoelha-te aqui, e sorvendo êsse aroma
 De feno, e rosa, e musgo, e bálsamo sutil,
 Que vem do seio azul dessa manhã, que assoma,
 Na radiosa nudez de uma manhã de Abril,

Bendize a força, a graça, a seiva, a juventude,
 A hercúlea robustez daqueles pinheirais,
 Que resistem, de pé, dentro da casca rude,
 Aos mugidos do vento e aos ríjos temporais.

Ama essa terra como um fauno que por entre
 A silva agreste vive; ama tudo o que vês;
 Todos somos irmãos, filhos do mesmo ventre,
 Filhos do mesmo amor e da mesma embriaguez.

Abraça os troncos nus, beija êsses ramos de ouro,
 Ajoelha-te aos pés dos que te querem bem:
 Que riqueza, Senhor, que limpido tesouro!
 Que grande coração que o arvoredo tem!

Pede a Deus que conhece os bons e maus caminhos
Que conhece o passado e conhece o porvir,
Que te aponte de longe os cardos e os espinhos,
E que te estenda a mão, quando fôres cair...

Que te faça correr, oh! pobre criatura,
A vida, sonho vâo, coisa leve e fugaz,
Como um rio, através de uma floresta escura,
Corre límpido, nu, silencioso, em paz.

Que te importa o clamor da glória, que se perde
Como fumo no ar, se apagado entre os teus,
Mais obscuro, talvez, que aquêle ramo verde,
Podes viver feliz, com a graça de Deus!

Há ventura melhor do que entre essas ovelhas,
Vestindo a mesma lã, vendo com o mesmo olhar,
Poder se ajoelhar, como tu te ajoelhas,
Nesta rósea manhã, que é um luminoso altar ?

Não há nada tão bom, de força mais estranha,
Do que seja, meu filho, a simples oração:
A oração é capaz de erguer uma montanha,
E é mais leve que a luz, e mais suave que o pão.

Quando te punja a dor, quando te vença a mágoa,
Que, às vezes, sobre nós, como uma flecha cai,
Ajoelha-te e verás, os olhos rasos d'água,
Meu filho, como Deus é um verdadeiro pai !

Basta que a tua dor venha do fundo dalma,
Basta ergueres o olhar, basta ergueres a voz,
E logo tu hás de ver como tudo se acalma:
Oh! Jesus! oh Senhor! Tem piedade de nós!

Tudo freme ao sentir a impressão misteriosa
 Dessa mão que possue o mágico poder
 De entreabrir em silêncio o cálix de uma rosa,
 E fazer um leão, que ruge, adormecer.

Tudo a eleva e conduz, por êsse mundo a lora,
 Desde o fundo do vale à mais alta rechã:
 O pássaro que foge ao rosicler da aurora,
 A humilde flor do campo, a estréla da manhã.

Tudo, o orvalho, o silêncio, o perfume, o cicio
 Do vento a segredar o seu nome feliz,
 A sombra que perpassa, a folha, a fonte, o rio,
 Tudo a murmura e quer, tudo a exalta e bendiz.

E êsse aroma sutil erra em tudo disperso,
 E êsse raio de sol em tudo se introduz:
 Orar é se fundir no seio do univiso,
 E' se fundir em Deus, é se fundir em luz!

Março — 1919.

ORAÇÃO DA NOITE

A Nestor Victor

Já de sombra se encheu o vale, que murmura,
 Já se envolveu na treva a montanha, e o mar,
 Ao longe, não é mais do que uma nódoa escura...
 São horas de dormir; Maria: vem rezar.

Ajoelha-te aqui, em face das estrélas,
 E em primeiro lugar, minha filha, bendiz
 A luz, que te criou formosa entre as mais belas,
 E que te fêz alegre, e portanto feliz.

Em seguida, bendize a terra e aquêles pobres
E mansos animais, e tôda a criação:
A ovelha que te deu a lã, de que te cobres,
O boi que te ajudou, hoje, a ganhar o pão.

Abençoa também as árvores, o ramo
Carregado de fruto, as aléias em flor,
Onde correste mais ligeira do que um gamo,
A fronte a rorejar em gotas de suor.

Resa por todos e por tudo, porém resa,
Principalmente, pelos bons, que são os teus,
Na verde catedral, chamada Natureza,
Única onde se podeinda falar com Deus.

Resa por todos os lutadores, Maria,
Que andam de arado em punho e de enxada na
[mão],
Cavando, sabe Deus, o pão de cada dia
Com que amargura, mas com que resignação!

Vê que silêncio tem a noite, e quão secreta
E misteriosamente, a lua apareceu,
Descabelada, assim como uma Julieta,
Doida, a correr, atrás d'um pálido Romeu...

Vai, bendize essa paz, abençoa essas águas,
Que murmuram, à noite, églogas ideais,
Como uma ninfa que soluçasse de mágoas,
Entre um vale de murta e um bosque de rosais...

Finalmente, abençoa a carícia do sono
Que eu já vejo descer sobre os teus olhos nus,
Inda mais leve do que uma folha d'autono,
Mais leve do que o som, mais leve do que a luz.

Suga como um vampiro êsse doirado vinho,
 Que nos faz esquecer tudo de uma só vez,
 E é o caminho mais curio, e o melhor caminho,
 E o manto que nos cobre a dor e a nudez!

Abril de 1912.

QUANDO JESUS NASCEU

Naquela noite, nos arredores de Belém, em pleno campo, pastores, cansados de vigiar os seus rebanhos de ovelhas, tinham adormecido, quando um dentre êles, que ficara acordado, avistou, pairando sobre a pequena cidade, no alto da colina, uma estréla, cuja luz fenomenal o encheu de verdadeiro assombro.

O Pastor

E' noite ou dia ?

Uma voz sonolenta

Estás seguramente louco:
 Falar em dia, quando anoiteceu há pouco!

Outra voz sonolenta

Se doido não estás, realmente, suponho
 Que então sonhando estás, como um doido...

O Pastor

Não sonho,

Nem doido estou também...

Outra voz sonolenta

Dorme, meu pobre amigo.

O Pastor

Incrédulos, olhai, vereis o que vos digo.

Outra voz sonolenta

Dorme !

Outra :

Deixa-me em paz. Deixa-me no abandono
Dêste repouso vâo. Eu tenho muito sono,
Só desejo dormir e mais nada. O rebanho,
O meu rebanho andou num alvorôço estranho;
Não sei que tinha...

O Pastor apontando para Bethlém

Olhai para essa maravilha...

A primeira voz sonolenta

Mas tu o que vês, enfim ?

O Pastor

Um estréla que brilha...

A mesma voz sonolenta

Pasmoso caso é ver uma estréla fulgindo...
Quantas não fulgirão por êsse espaço infindo!

O Pastor

Sim, mas nenhuma tem a claridade enorme
Que tem aquela. E' como o sol nascente...

A mesma voz sonolenta

Dorme!

O Pastor

Incrédulos, olhai, olhai que luz doirada,
Que fina luz ideal sobe por essa estrada,
Que vai ter em Bethlém, e os cerros ilumina,
Os cerros, e o céu, os campos, e a colina...
Olhai: nunca vereis mais lindo panorama;
Parece que Bethlém se fundiu todo em chama...

Um Pastor despertando

Oh! que sono inquieto o meu! que sono inquieto!

Outro Pastor despertando

Eu quase não dormi.

Mais outro

Sonhei que era um inseto
Que andava a rastejar no lodo imundo, quando
De súbito me achei com asas e voando...

Mais outro

Que irá nos suceder?

Mais outro

Sei eu contar? No mundo,
Tudo em redor de nós é um segredo profundo.

Mais outro despertando inquieto

Hoje, os galos estão todos cantando em côro.

Mais outro

E que timbre de voz! E' ouro, é feito de ouro!

Os galos continuam a amiudar o canto.

Mais outro

Parece a própria luz límpida e radiosa.

Mais outro

A luz do alvorecer de uma manhã de rosa.

Mais outro despertando inquieto

Assim como se fôsse um ébrio que delira,
Vibram dentro de mim as cordas de uma lira.

Um Pastor levantando-se

Oh! que ânsia de fugir através dêsses montes!

Um Pastor levantando-se

Tenho sêde do azul de novos horizontes...

Outro Pastor levantando-se

Quero voar, subir por êsse espaço a fora...

Mais outro

Mas que vejo, Senhor, lá vem rompendo a aurora!

Uma mulher chegando

E' o milagre, meu Deus, é o milagre infinito!
Bendito seja, pois, Nosso Senhor!

Outra mulher chegando

Bendito

Seja o seu nome!

Outra mulher chegando

Amen !

Outro Pastor levantando-se deslumbrado

Que maravilha estranha!

Outro Pastor levantando-se deslumbrado

A vinha e a oliveira, o vale e a montanha
Vêde: lá vemi correndo...

Mais outro

Extraordinária cena !

Mais outro

Cena fenomenal !

Mais outro

Em pleno azul, em plena
Florescência de luz rósea e desconhecida!

Mais outro

E através dessa luz como é curiosa a vida!

Mais outro

Estou cego de luz !

Mais outro

Que esplêndida ventura !

Outro

E' o êxtase !

Outro

O delírio !

Outro

O espasmo !

Outro

A loucura !

Outro

Nasci para viver na fantasmagoria !

Outro

E' noite, é meia-noite, e parece que é dia !

Outro

Ser tocado por ti, ó asa do mistério,
 Asa leve e sutil, asa do espaço etéreo,
 Sempre foi para mim um secreto desejo:
 Oh! anseio! oh! tremor! oh! exquisito beijo!

*Todos levantando-se, destumbrados,
 de mãos erguidas para o céu :*

Louvado sejas tu! E' a graça, é o pão da graça,
 Que baixou sobre nós, sobre esta humilde raça.

O primeiro Pastor

Nunca, desde que existo, achei a natureza,
 De tão rico esplendor e tão rara beleza.
 Tudo vive, e palpita, e murmureja em festa:
 A cascata, o arroio, as fontes a floresta.
 Tudo em ouro gorgeia, e reverdece, e canta:
 O ninho, a rosa, o verme, o lago, a fera, a planta.
 Tudo freme, e ondeia, e corre e se desliza:
 A água, a vida, o aroma, a côr, o som, a brisa,
 Tudo para o espaço abre o lábio risonho,
 E foge para a luz, e voa para o sonho...
 Tudo vai para Deus, miraculosamente,
 Num enlêvo sem fim, num êxtase inocente:
 As árvores em flor, os pássaros, os ramos...

Dando um passo adiante

Vamos, amigos meus, vamos depressa...

Todos correndo :

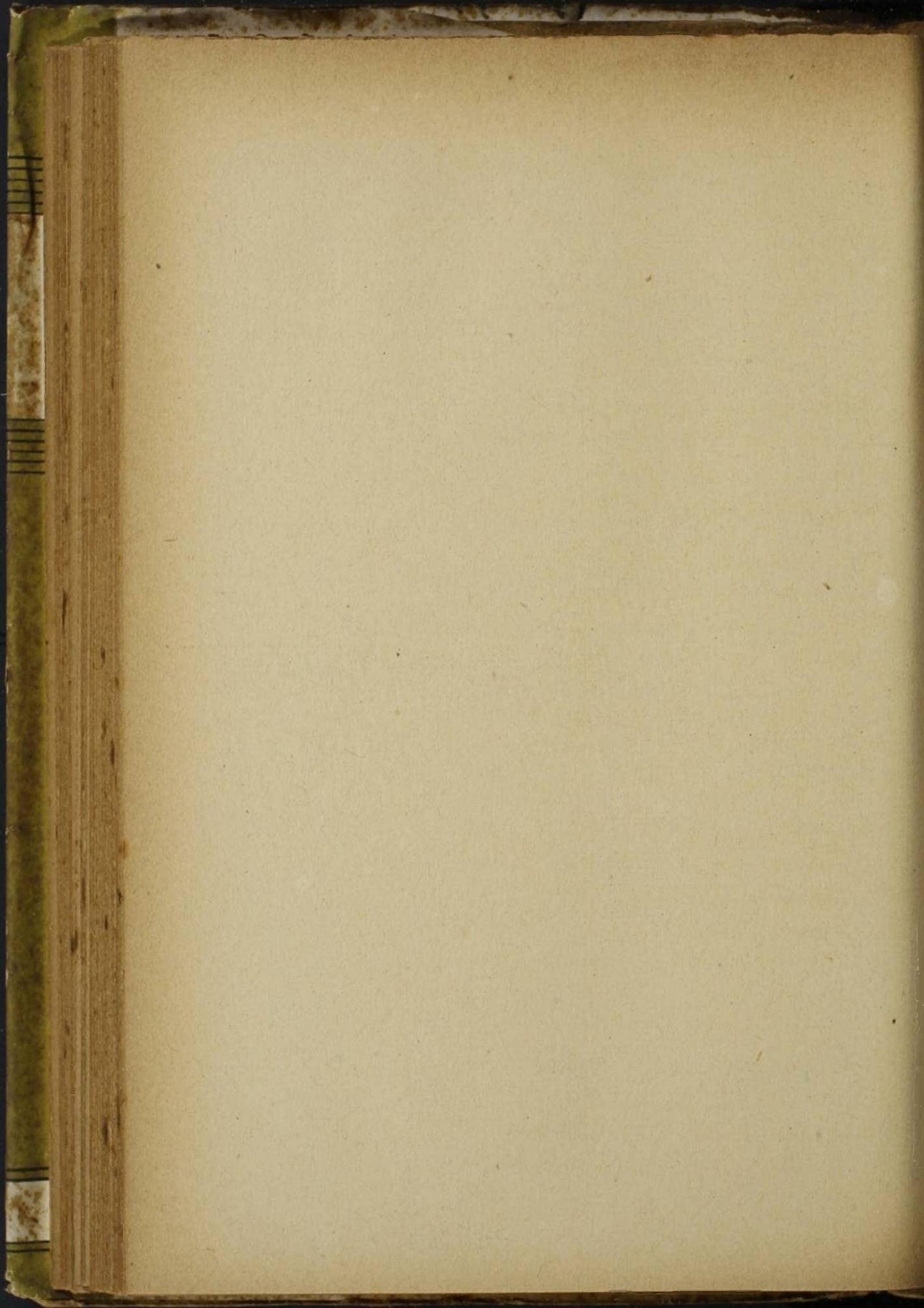
Dezembro de 1917.

Vamos!

MÚSICAS

*“Eu, quando estou para compor,
sinto uma disposição musical”.*

SCHILLER.



MÚSICA INTIMA

Não sentisse eu a par desta tristeza,
Da espessa bruma de melancolia,
Que na minha alma se derrama e pesa,
Um fundo de doçura e de harmonia;

Não fôsse ao lado meu quando a aspereza
Rude de steppes atravesso o guia
Que me conduz como uma estréla acesa,
Que faz da noite horrenda um claro dia;

Hino não desse o fundo da miséria,
Não se tornasse o horror em canto aberto,
Em música santíssima e aérea!

E eu não sei se vencerá-te, perdida,
Tórrida areia, aspérrimo deserto,
Infinito deserto desta vida!

DOLOR

Morreste, velha, que íntima agonia!
Como um agoiro o vento ulula e chora!
E ao ar da noite lúgubre e tão fria,
A minha alma tristíssima descora...

Nas longas noites de melancolia,
 Não mais hei de te ouvir a voz sonora,
 Que no profundo côncavo entreabria
 Da minha vida um resplendor de aurora!

Passado, em cada pedra escuto a fala
 Da infância, que o meu peito despedaça...
 E a pedra, às vezes, inda eu vou beijá-la!

E o vento chora músico e funéreo...
 Como esta vida se consome e passa!
 Atrás, todo o caminho é um cemitério!

OÁSIS

Minha alma é como um áspero instrumento
 Áspero som vibrando discordante,
 E nem o chôro banha-lhe o tormento
 Pela aridez dêste deserto errante.

Eu vou me consumindo lento e lento
 Por este mundo, trêmulo, ignorante,
 Como uma folha que se agita ao vento
 Voando em torno de um abismo hiante.

E vejo-te... ó meu sonho radiosso!
 Vejo-te e sinto dentro, em cada fibra,
 De primavera um hálito odoroso...

E róseo sonho me deleita e morde.
 Ouvindo o amor, que como um arco vibra
 Fundo em meu peito voluptuoso acorde!

TURBAT COELUM TEMPESTAS...

Ao Dr. Ubaldino do Amaral

O sol no ocaso. O olhar enevoado
De pranto, e em triste resplendor coberto
Meu ser, espio: o astro do passado
Treme, agnisa e morre no deserto...

Chamaste-me e eu segui o teu chamado,
Segui-o, errando, por caminho incerto,
Atraido do cántico sagrado
Que era longinquo e que eu ouvia perto.

A vida fui gastando em vãs ternuras,
E sonhos vãos! E agora, à escuta, paro,
Paro e comprehendo tôdas as loucuras...

Tu me fugiste e apenas como grata
Lembraça entornas teu perfume raro
Que me embebeda, e me estrangula, e mata !

SE SE MORRE DE AMOR !

Se se morre de amor! não fôsse a vida
Amor! e a gente a ti não te enxergasse,
A boca não te visse e esmorecida,
Zambra, não visse o sol da tua face.

Se se morre de amor! diz, querida,
Dize tu se não mata o amor que nasce
Que a gente aspira em febre e enlouquecida
Como um veneno acaso se aspirasse,

Tudo vive de amor ardente e em gelo,
Tudo falece deslumbrante e belo,
Homem, Deus, ave, flor, tudo sufoca...

Num beijo, fundo, longo e delicioso,
Morres tu, beija-flor, pleno de gôzo,
Alma plena de amor, fervente e louca!

TU...

A Edmundo Bittencourt

Eu não direi que tens como as estrélas
Nos olhos brilho e todo esse perfume
Das deusas, nem que és bela entre as mais belas
Nem que teu rosto um resplendor assume.

Não! és vulgar; contudo eu amo aquelas
Calmas feições, aquele olhar de lume
Doce, as mãos brancas repassando pelas
Tranças, e os braços onde a renda espume!

Morro por dar-te um beijo em tua boca,
Por abraçar-te o corpo fico triste,
Fico numa ansiedade quase louca!

E se entre os homens rio satisfeito,
E' porque nesse dia me sorriste
E essa lembrança me perfuma o peito!

CANÇÃO NOVA

A Eduardo Chaves

Amo e o amor agora
E' bom, é suave, é santo,
Não é como o de outrora,
Como o de outrora não me queima tanto.

E' verdade que morde,
E põem de fibra em fibra,
O doce e fundo acorde...
Mas de que modo delicioso vibra!

Que bem e que doçura!
Como eu adoro tudo,
A vida como é pura
Canto, soluço, de joelho e mudo!

Tudo em redor sonoro,
A luz é como um hino,
O teu cabelo louro,
Cheiro-o, palpo-o no ar macio e fino.

E se os teus olhos fito,
Que embriague celeste
Se entorna, que infinito
Prazer o coração me funde e veste!

Que divina loucura!
Que grito ou voz suprema
A inefável doçura,
Ora diria que me encanta e algema!

Aves, parai, e ouvi-me
 Estrelas, céu radiosso,
 O amor como é sublime,
 Como o amor deslumbrá-me de gôzo!

SUB UMBRA...

A *Edmundo Lins*

Cheio de espúmea cólera, de humana
 Raiva, pejado o coração, procura
 O homem vê se as paixões tôdas engana
 Se de algum modo o seu tormento cura.

E foge da medonha luta insana
 Da vida, foge, e busca na espessura
 Fresca da mata, ao doce olor que emana
 Dela, consolo ao mal que tanto dura.

Triste, em silêncio, quase aos pés de bronca
 Rocha correndo clara espumarada
 Vê que brame e se torce e rola e ronca...

E entre a mudez, o sussurrar das águas
 Como que vai tornando a dor calada,
 Ensurdindo as cóleras e mágoas!

PAPÉIS VELHOS

A *João Cândido Filho*

De novo as velhas páginas tu fitas, •
 Vagas, sem ritmo e luz, nem florescência,
 Louváveis só por terem sido escritas
 Na quadra sideral da adolescência.

É lês e a cada frase vã meditas,
Sentindo aquela doce e grata essencia
Das lembranças de um século infinitas...
Que brinquedo foi pois esta existência ?!

Nada contam-te os versos, no entretanto
Lendo-os, um choque súbito te prende
E te transporta para antigas eras...

Doiram-te sóis, e aos teus ouvidos canto
Longo vem do passado que recende
O olor ideal de velhas primaveras.

HISTÓRIA TRIVIAL

A Marcos Dolzani

Uma ave estranha e rara,
À madrugada, por costume, tinha
Pousar n'um cedro para
Ver alguém que à janela sempre vinha.

Quase desfalecia,
Quando à janela súbito, doirado
O seu perfil surgia
Rindo por entre o livre descampado...

Nas mãos dessa princesa
Para viver a liberdade dera,
Queria até ser presa,
Ela que andava na infinita esfera.

E vendo-se tão feio,
Este ser entre o doce passarelo,
Alegre e triste e cheio

De um indizível e secreto mês,
 Fugia lasso e aflito
 Da luz, mordido de acercado ciúme
 Quase a soltar um grito,
 Buscando a noite, a solidão, o cumé
 De altíssimas montanhas,
 Abjeto ser como era, que loucura
 De ter paixões tamanhas,
 De querer inspirar uma ternura!
 E à noite ao infinito,
 Às estrelas, ao céu profundo e vasto
 O réprobo maldito
 Mostrava o seu amor eterno e casto!
 Um dia veio vê-la,
 E de um moço êle viu-a pelo braço...
 Como se fôsse à estréla
 Mais alta o vôo dirigiu no espaço...
 Voava estremecendo,
 N'um mixto de prazer e de alegria...
 Que dor ser tão horrendo!
 Que prazer em sofrer como sofria!
 E repentinamente
 Os dois viram cair, ao pé da porta,
 Como um coração quente
 Ainda, uma ave que caía morta!

NOSCE TE

Olha no espelho e a tua face como
 Murcha verás! e quando o rosto engelha,
 Quando a frescura rórida de um pomo
 Perde, que mágoa a gente achar-se velha!

Olha-te bem, e rápido, em assomo
Triste, e ridículo hás de vêr de esguelha
Espiando-te a rir dêsse teu momo:
“A que monstro êsse monstro se assemelha ?”

E amas e crês que ela te amasse, doudo,
Ela, uma deusa, cujo rastro deixa
A luz esmorecida e o espaço todo!...

Outros amem-na, esconde-te no fundo
Tu de uma brenha, e sem nenhuma queixa,
Ouve o murmúrio que lhe faz o mundo!

AMAZONA

A J. F. Maciel Filho

Passas no teu cavalo, minha dona,
E na célere marcha triunfante,
Estremece e ressoa tôda a zona
Da movédiça terra circunstante.

E tanto o teu espírito se entona,
Que nem o meu abalo nesse instante,
Viste mais que o da terra, ó amazona,
Mais profundo, maior, mais arquejante.

E foste. Eu bambo caio sobre o solo,
Soluço em febre, desespero, rolo
E prevendo a loucura já eminente

Distraio a vista, e vem-me a sensaçao:
Que inda um monstro voraz subitamente
Há de arrancar, comer-me o coração!

PARTIDA

A Leoncio Correia

E parto e vou por êsse mundo em breve...
 Que desconsôlo punge-me, criança !
 Não deixar sôbre ti nem a mais leve,
 Nem a mais vaga, mais sutil lembrança !

E hão de fundir-se, pois, flocos de neve,
 Todo êste amor e tôda esta esperança!...
 E embalde a gente tanto sonho teve,
 Que por sonhos o bem nunca se alcança !

Aqui ao menos sempre esta fugace
 Idéia vinha de encontrar-te, embora
 Nunca eu te visse, nunca eu te encontrasse...

Mas distante!... Com que saudade agora
 Hei de viver, se a minha vida nasce,
 Vem do teu ser, em tua boca mora ?!

DENTRO DE UMA ALCOVA

A Francisco Brant

Só eu percebo o cheiro nestes dias,
 Que pela sala e corredores vaga
 Espalhado e me faz melancolias
 Tão finas e tão fundo me embriaga !

Só eu percebo estranhas simpatias !
 E esta acerba doçura que me alaga,
 E que ficou do tempo em que sorrias,
 Criança, e agora nunca mais se apaga !

Aqui dormiste, aqui passaste em sonhos
Tua exquisita e delicada infância,
Os teus dias sonoros e risonhos!

Um não sei que de vago me tortura!
De toda a parte sobe uma fragrância
Carregada de sonhos e loucura!

COMÉDIA AMOROSA

A Vladimir Matta

Como um consôlo fútil e risonho
Às minhas penas, de amorosa flama
Faço comédias intimas... suponho...
Suponho por exemplo a ardente trama:

Alguém me vendo pálido e tristonho
Docemente aproxima-se e me chama:
“Deixa êsse modo lúgubre e medonho,
Louco, ela quer-te, a deusa, louco, te ama !”

Trêmulo escuto, trêmulo, assombrado...
E o sangue sinto de prazer e frio,
Frio e febre de súbito mosqueado...

Bate-me o coração, queima-me a face,
Bêbedo e louco, exulto e choro e rio,
Como se um vinho perfido tomasse!

NESTE MONTE

A Domingos Nascimento

Foi neste monte, foi, enchendo todo o espaço,
 Que o perfume sutil, o rastro de teu passo
 Perturbou-me e te vi como vê-se uma aurora...
 E enxergando de novo êste lugar agora,
 Entre a luz, sob o céu, trêmulo eu ajoelho,
 E adoro e beijo o ar, onde passa êsse velho
 Olor da minha vida, olor do meu passado,
 Que perfuma e que faz como a um altar, dourado,
 O meu peito esplender, santíssimo e formoso,
 No mais doce fulgor angélico do gôzo!

Como eras bela e como eu te amava, criança,
 Iludido a sonhar na mais doce esperança!
 Eu via a estréla, o céu, o prado, o vale e a serra,
 Deslumbrados a olhar-te e a estremecer a terra
 À cadêncio do teu andar melodioso
 Que faria por certo o mar o mais iroso
 Doce, um hino estender puríssimo e sagrado!
 Tudo escravo de ti, tudo a teus pés curvado!

E eu humilde e feliz, triste e desconhecido,
 Arrasado de amor, esplêndido e ferido,
 Eu via-te passar, como um pobre, à vidraça
 De um palácio de luz, vela dentro quem passa,
 Ouvi a música e sente aquêle intenso aroma,
 Que o sobreexcita e vence e tantaliza e doma,
 E à casa volta enfim ébrio e cambaleando,
 Num resplendor de luz o coração sangrando,
 Alma cheia de dor, cheia daquela imagem,
 Amoroso e feroz, humílimo e selvagem!

Eu queria viver escondido ao teu lado,
A sonhar, a sonhar tristíssimo e pisado...
A ouvir a tua voz harmônica, indizível,
Àquela som nascia um mundo de impossível!
Queria ver se quando abrias tua boca,
A estréla não ficava a ouvir-te quase louca!
E a aurora o que faria ao ver-te, flor, de leve,
O perfume sentindo às tuas mãos de neve,
Ao teu sangue cantando entre o azul da veia
Como um raio de sol de súbito lanceia
O tenro azul do céu, aquece-o, aromatiza?
A aurora beijaria a tua pele liza!
Beijaria-a tremendo e ávida e convulsa,
Louca, triste, a chorar, amaldiçoada e expulsa,
Num beijo, um beijo só, num beijo eterno, eterno,
Vindo do céu à terra e da terra ao inferno!
Como havia de andar eu queimado e de rastro!
Meu pobre coração,vê-lo-ia esmorecendo,
Esbafido a teus pés, ó fulguroso astro!
Dulcíssimo e feliz e súplice e morrendo!

E enxergando de novo este lugar agora
Onde vi-te surgir, como vê-se uma aurora,
Entre a luz, sob o céu, trêmulo eu ajoelho,
E adoro e beijo o ar, sorvo este aroma velho...

HISTÓRIAS SEM FIM

Ao Exm. Sr. Dr. Brazilio Machado

Amo-te e vivo desassossegado,
Vivo em mágoa e prazer, vivo cantando,
Quase que choro, às vezes, deliciado
Pelo tormento voluptuoso e brando.

Tudo me é caro: a roupa, o cortinado
Do teu leito, o lugar por onde eu ando
E onde estiveste; e não te vendo ao lado
Meu, como fico trêmulo esperando!

Aí meu amor tão doce e dolorido!
As sensações as mais deliciosas
Sinto e tenho o meu corpo enfebrecido...

Como eu te quero e como me torturas!
Atrais-me e matas fundamente e gozas
Rindo das minhas íntimas loucuras !

II

Com que prazer e bem, com que doçura,
Papagueando, eu ouço-te, embriaga...
O meu ouvido se deleita e apura
Num regosijo de prazer que alaga.

Tu me fitas de um certo modo em paga
Dó que te faço, como quem procura
Interessar-se, atendes-me com vaga
Bondade excelsa de íntima ternura!

Pode não ser amor o que me deixas
Em rever no teu riso, pouco importa,
Não tenho mágoas e não tenho queixas...

Sempre o teu ser dulcíssimo me agrade,
E eu verei sempre descerrada a porta
Dos vagos sonhos de felicidade !...

III

Ela me quer! eu tanta vez comigo
Mesmo, disse, no amor que me trespassa,
Pois que ninguém sorri com tanta graça
A outro, se de él se sente amigo.

Disse em verdade, mas agora o digo:
Ela não quer-me! pois quem ama passa
Alegre um dia, caia chuva ou faça
Sol, afastado do seu doce abrigo?

Ela não ama, embora o diga, embora
Finja mostrá-lo, quem por essa flama
Vive queimado não descansa uma hora!

Ai! quem amando pode estar contente,
Mesmo um minuto que él esteja ausente,
Um minuto afastado de quem ama!

IV

Hoje por mim tão açodadamente
Passaste, flor, e nem sequer me viste.
Porque êsse modo tão indiferente,
Que eu não mereço, e que me deixa triste?

Porque queres tu ver-me descontente,
Se todo o bem, toda a alegria existe
Quando queres. Ao teu olhar tremente
Mágoas se vão, e nada te resiste?

Penas de amor! se esforce embora todo
Mundo por não senti-las, sempre as há de
Sentir por êste ou por aquêle modo!

Que em amor — a mais íntima ventura,
 Há sempre um fundo de malignidade
 — Gôzo acerbo e cruel que nos tortura!

V

Que riso alegre e cheio e satisfeito
 Temi ela agora para aquêle. Terno
 Olhar lhe volve doce, estuando o peito,
 Como uma pomba por um sol de inverno!

Eu não revelo o meu cruel despeito,
 Não mudo a côn, meu rosto não consterno,
 E finjo tudo por maneira e jeito
 Que ninguém desconfia dêste inferno!

Chego mesmo a aplaudí-los e falando
 Aos meus amigos dêsse amor eu falo
 Como se fôsse de um amor qualquer...

E no entretanto só Deus sabe quando
 Finjo, se eu posso! e como eu não estalo,
 Como eu suporto o amor dessa mulher!

VI

Vamos, minha alma, deixa os ermos, goza,
 Deleita os olhos pelos descampados
 Alegres, sobe a escada luminosa
 Por onde sobem os que são amados...

Sejam teus sonhos, sonhos côn de rosa!
 Ela viu-te sofrer e repassados
 De tanto amor, tão triste e piedosa
 Olhares deu-te e como foram dados!

Alimenta-te pois dessa lembrança,
Sonha, sonhando, subirás à estréla
Mais alta da ventura que se alcança...

Ama-a, que os astros ouvirão teu canto,
E hão de doirá-la para melhor vê-la
Da luz divina de que brilham tanto!

VII

Breve hei de ver-te, parto... que esperança
O coração me agita! que doçura!
Ver-te! afinal minha alma agora alcança
Uma coisa de súbita ventura!

Com que volúpia aspiro — esta lembrança!
Do teu vago perfil com que ternura
Recordo os traços, pálida criança,
Amada, sonho, doce formosura!

Fui amei-a, e quem ama nunca deixa
De amar e sempre o seu amor recorda
Por mais que faça ou queira ou vire ou meça...

Nunca se esquece! e aquêle amor que um dia
Vibrou-nos, sempre há de vibrar a corda
Estremecida por essa harmonia...

VIII

Tornas de novo à casa onde há dois anos
Tu habitaste, e como está mudada!
Como os dias são feros e tiranos,
Como esta vida é amarga e desolada!

Ela era infante, e moça é agora, insanos
 Vão-se os dias! e vive requestada...
 De um surdo pranto vai-te carregada
 A alma, batida pelos desenganos!

Para que pois voltaste? Que saudade
 Tiveste, velho? E' morto o teu passado,
 E' morta a tua rósea mocidade!

Ah! desta casa onde ninguém te chama
 Foge!... se fôste em algum tempo amado,
 Ninguém hoje mais quer-te, nem mais te ama!

IX

Ela agora é quem manda, ela agora é rainha,
 Já não posso querer, há de ser pois a minha
 Loucura eterna e vã, meu suplício mortal,
 Desejo e raiva e dôr e delicia infernal.
 Cadeia onde eu entrei sem o mínimo esforço,
 E que me prende quanto eu mais grito e me es-

[torço.]

À vez eu digo não amo-a e a vingança atroz
 Deixa-me logo que eu ouço-lhe a doce voz,
 Que a ironia sutil estranhamente soa,
 Por onde eu sinto bem que a vida se me escoa.

Ela ri, e êsse rir que eu devera odiar
 Mata-me de prazer, embora a meu pesar...
 Preciosa taful, ridícula divina,
 Já não posso mentir, teu amor me domina!
 Eu sou coisa e sou teu, leva-me onde aprouver
 Teu capricho febril de fermosa mulher!

Hás de arrastar-me, sei, fatídica beleza,
Como a folha que vai sabor da correnteza,
Atirada de encontro ao pedregulho, vã,
Batida e sem saber em que parte amanhã
Há de o corpo adormir e adormi-lo com vida,
Que a vereda onde vai é tão brusca e comprida !

X

Como tu és soberbo e grande! a lava
Do amor não fez-te nem um mal, em vago
Sonhar azul transpõe a chama brava,
Sem que ela ao menos levemente tisne
A alma tua que nunca foi escrava!
Passas a vida como um branco cisne
Por sobre um lago!

Como és livre e feliz! que bom se eu fôsse
Assim feito, eu que já nem sei se vivo!
Coração, onde nunca pois formou-se
A tempestade das paixões, sagrado
Deus orgulhoso, ah! sabes quanto é doce
Desta miséria nunca ser tocado,
Não ser cativo!

Ignoras como eu sou covarde, como
Arrasto o brio indignamente, minto
A mim mesmo, iludindo-me que domo
Este amor, quando o amor mais me governa!
Como a raposa eu olho aquele pomo
E despreze-o, abatido, em dor eterna,
Que só eu sinto !

O ciume róe-me, a inveja me tortura,
 O despeito me sangra, e acaso ouvindo
 Certas palavras rio, que loucura!
 Dentro Deus sabe como estou! Se eu digo
 Que ora palpito de feliz ventura,
 Logo depois, minutos, contradigo:
 E ando mentindo!

E ridículo e torpe à beira cismo
 Do longo rio fúnebre da mágoa,
 Abalado de um negro pessimismo,
 Blasfemo, em febre, trêmulo e covarde,
 Amoroso daquêle estranho abismo,
 Olhos que vêem como é muito tarde,
 E cheios dágua !

Como és livre e feliz! que bom se eu fôsse
 Assim feito, eu que já nem sei se vivo!
 Coração onde nunca pois formou-se
 A tempestade das paixões, sagrado
 Deus orgulhoso, ah! sabes como é doce
 Desta miséria nunca ser tocado,
 Não ser cativo!

(A consciência falando)

XI

Para acalmares a paixão do louco,
 Eu dou-te este conselho...
 (Naturalmente acalmarás um pouco)
 Olha para um espelho...

E de pena de ti eu não te digo
Coisas de mais valia,
Que dariam no teu amor, amigo,
Um choque de água fria...

Quem és e donde vens para pensares
Em ter pois uma espôsa ?
Olha, viaja pelos largos mares
E pensa n'outra causa !

Por fôrça queres êsse vão tormento,
Ridículo não ama...
A estrêla nasce para o firmamento,
O sapo para a lama !

Se muito apraz-te, meu querido, adora
A flor, o ninho, a estrêla...
Perfuma a flor apenas uma aurora,
Não hás de aborrecê-la...

A estrêla vive muito longe... Espera
Tu inda tens mais uma:
Ama o raiar da nova primavera,
Que canta e que perfuma!

Ama essa enquanto podes inda amá-la
Porque depois... o inverno...
E é melhor que prepares tua mala
E que vás para o inferno!

XII

Desço ao inferno. E' noite. Amor me guia...
Transponho a porta tenebrosa e logo
Vejo os sêres perdidos... alumia
A cena horrenda o pavoroso fogo...

Este blasfema, aquêle as mãos ardia
 Na chama, e outro como em desafogo
 O coração sangrando remordia...
 Eu assombrado a amar nada interrogo. . .

E vejo mais um que se estorce e brama,
 Outro que verte copioso pranto,
 Outro que a amada ternamente chama... .

Todos o horrer dêsse suplício varam,
 Gritam, soluçam e padecem tanto,
 Ah! simplesmente porque muito amaram!

XIII

Cada vez mais distante vou ficando
 Do teu amor, aurora.
 Que coisa estranha e rara vai-se dando
 Entre nós dois agora!

Vejo bem que o teu riso já não brilha,
 Como d'antes brilhava...
 E êsse teu rosto já não fulge, filha,
 Naquela mesma lava!

Teu coração pulsava quando eu vinha
 De longe ver-te, amor.
 Era meu o teu riso e era minha
 Tua alma aberta em flor!

E entanto como me parece tudo
 Mais belo e mais ardente,
 Quando agora gelado e triste e mudo
 Fala-me indiferente!

Que doçura dos lábios! que brilhantes
Olhar e riso, ó sorte!
Quando gelados são! e ai! fôsscm antes
Gelados pela morte!

XIV

A tua voz me irrita e encoleriza,
Salto, se a escuto; o teu andar me abala,
Sensualmente me remove e pisa...
Não quero ouvir-te andar, ao pé de mim não fala!

Essa música atroz me tantaliza,
Enlouquece-me, o peito quase estala,
A ouvir-te a voz que aos outros suaviza...
Ironia cruel! a boca fecha e cala!

Ah! que lécucura e que suplício horrendo!
Quanto mais alto a voz
Elevas, tanto mais eu vou sofrendo!

Gritando, brusco, em desespêro, ardente,
Quero fugir a essa doçura atroz,
Alucinadamente !

XV

Afastado de ti mais docemente
Posso gozar da vida, minha rosa,
Mais terno o amor me vem, menos ardente,
Mais a paixão me fica deliciosa.

Nesta de inverno sonolenta e vaga
Manhã, sózinho, eu ando ao sol nascente,
E ao sol mesmo a minha alma se embriaga
E se espreguiça tão felinamente!

Afastado de ti mais docemente
 Vivo, não tenho essa tortura, rosa,
 Mais terno o amor me vem, menos ardente.
 Não morde como a víbora ciosa!

Não mordε; o peito não me sangra; ao dia
 Preguiçosos e lentos meus desejos
 Vagam, e o sol me beija e acaricia
 Como se fôssem os teus próprios beijos.

A mágoa mesmo tem uma harmonia,
 Um encanto tão íntimo e tão terno,
 Que se difunde na melancolia
 Vaga, de sonho, como o próprio inverno.

Afastado de ti mais docemente
 Posso gozar da vida, minha rosa,
 Mais terno o amor me vem, menos ardente,
 Mais a paixão me fica deliciosa.

XVI

Como eu adoro aquela criatura!
 Tudo que eu faço e canto e ora lobrigo,
 E eu ora penso é só pela ternura,
 Que eu faço e penso e vejo e canto e digo!

Entrou-me n'alma como uma loucura
 Este amor e por êle contradigo
 Tudo, bebo, sorrio e de tortura
 Choro, a existência a um tempo amo e maldigo.

Que veneno exquisito dentro d'alma
 Trago eu agora! que cruel veneno
 Que me enlouquece e tantaliza e acalma!

Vês-me rindo ou chorando, em sonho ou pranto.
Crê, se eu à mágoa e ao riso me condeno
Contraditório, é por amar-te tanto!

XVII

Sentiste acaso a raiva do ciúme
Que norte e sangra o coração de jeito
Que em chaga fica todo o nosso peito,
Sem que uma gola no entretanto espume?

O coração que torna-se desfeito,
Quando acerado e venenoso gume
Da saudade o devora, não presume,
Ah! não comprehende ainda êste despeito!

Só comprehende-o aquêle que sentiu-o
Numa tarde, amoroso, impressionado,
Queimando em febre, tiritando em frio!

Raiva de amor que tanto nos torturas,
E nos sangras e róis como a um danado,
Vibora, ó mais hedionda das loucuras!

XVIII

Bate-me o coração cheio de medo,
E eu pela noite enluarada e fria
Olho, pensando, como de um degrêdo
Alguém pensando e temeroso espia.

Os cãis uivam, ramalha o arvoredo
E eu a sentir a lívida agonia
Da esperança que morre-me tão cedo
E pela qual apenas eu vivia.

Onde viver agora ? Onde repouso ?
Amor é falso, morde e bebe o sangue
E após nos deixa, rápido, ardiloso!

Onde viver, ó mundo que nos cansa !
Sob o pavor da morte e tendo exangue
Dentro, no peito, a última esperança ?

TORMENTA

Chova, escureça e trema a natureza,
Ronque o trovão, depois de alegres dias,
Passados sóis, a cólera, a tristeza
Extendam asas torvas e sombrias !

Com raiva se desencadeie a presa
Tormenta e em fúria pelas serranias,
Em fúria e louca e desgrehada e acesa
Se despedace em hórridas orgias.

E em toda a noite a triste e desolada
Voz da chuva ! e a gente ouvindo cheia
De medo e pasmo o ronco da trovoada,

E o uivo do vento, lúgubre, infinito,
Que n'um soluço prolongado anseia
No coração da natureza aflito !

ESCULPE-A !

Toma o cinzel e rasga a pedra nua,
Com raiva e dor, rasgando o próprio peito,
Morde-te e chora e que o teu sangue flua
Como um caudal de púrpura desfeito...

Essa paixão roaz, ardente e crua
Só pode ser expressa dêste jeito:
Esculpindo no mármore que tressua
A bela imagem dêsse ser perfeito.

Esculpe-a, pois, e que ela viva trema,
Suspire... e a vejas como em doido gôzo,
Tua, e divina, e esplêndida, e suprema!

Só dêsse modo poderá tua alma,
Descarregado céu tempestuoso,
Ter o descanso, a desejada calma!

DEPOIS DE UMA LEITURA

A Olavo Bilac

Desaparece dêste mundo, deixa
Que o mundo goze quem poder gozá-lo.
Tu não! os olhos tristemente fêcha,
Vai para o fundo e tenebroso valo!

Vai, que a tua alma em tudo encontra a queixa
No mundo todo já não tem regalo.
Por mais que o mundo ansiosa ela remexa,
Sonde, escalpele, abalo sobre abalo...

Viste ainda há pouco o cândido e risonho
Céu por aquela sã filosofia,
Mas tudo aquilo não é mais que um sonho!

Tudo aquilo tão belo como é vã!
O Bem nos enche de melancolia,
O Bem, o sonho, que desolação!

IDADE DE OURO

A Rodrigo Octavio

Poetas de um tempo de ouro mais triunfante,
Mais doce... como a vida vos corria
Entre os deuses, da taça inebriante
Bebendo a longos sorvos a alegria!

Rieis de Vênus, que era a vossa amante,
E de Vulcano... e em meio da ambrosia
Das deusas nuas pelo bosque adiante
Amorosos andáveis todo o dia...

Nós se dos nossos deuses, ai! queremos
Nos rir, das próprias ilusões zombamos
E gelados, de súbito, trememos...

Tristes ficamos, vendo um deus exangue,
Um deus que chora como nós choramos,
Em copiosas lágrimas de sangue!...

APLAUDITE VULGUS !

Aquêle cante pela tuba de ouro,
E o povo aplauda-o, e o povo todo creia
Que ele é, por excelência, o mais sonoro
Espírito, que a nós se patenteia !

A mim me atire para o sumidouro
Das nulidades, nem sequer me leia,
Ou lendo, faça-me escarninho côro
A estranha mofa de misérias cheia.

Faça-me tudo! A humilhação me eleva,
Fere, ensanguenta, por um labirinto
Conduz-me em riso e chôro, em sol e treva...

E' quando injusta a cólera me morde,
E o desprêso sarcástico, que eu sinto
Sonhos e sonhos do mais puro acórde.

IN EXTREMIS

A Rocha Pombo

I

Agora finalmente percebendo
Tudo eu vou, vou chegando à extremidade,
Agora enfim, agora enfim comprehendo
Todo êste vazio, tôda a realidade!

Consumido e febril, por êste horrendo
Caminho marcho de esterilidade,
Aberto o olhar agra, aberto e vendo
Deste vazio a hedionda imensidade...

E eu quando a infância trêmulo seguia,
 Quando meus olhos pela primavera
 Punha, sonhando, como é que eu não via,
 Como não enxergava êste medonho
 Charco? D'onde é que eu venho e quem eu era,
 Cego, envolvido no vapor do sonho?!

II

Não choro e nada mais eu faço: morta
 Ela está! e eu não sinto mais as dores,
 Glória, futuro, nada mais me importa,
 Vãos orgulhos, estrépitos, clamores!

Perdido! agora nada mais transporta
 A minha alma misérrima, senhores,
 Transpenho sem tremer aquela porta,
 Vêde, como me afundo nos horrores!

Chamai-me, pois, de bêbedo ou devasso,
 E sobre mim todo o sarcasmo ponde,
 Não estou preso mais por nem um laço...

Nada mais neste mundo ambiciono,
 E apraz-me até fitar o lugar onde
 Hei de dormir o derradeiro sono!

VÃS REVOLTAS

Este pode, é feliz, se a cólera o domina,
 Se a dor o punge e vence em doido desespero,
 Rebelar-se e gritar contra a força divina
 De um deus que é onipotente e é horrível e é fero.

Pode irônicamente erguer-se contra a sina,
Dizer que Deus é mau e é pior do que Nero,
Que Ele mais do que o rei teve a fome canina
Dos horrendos painéis — o velho Deus austero !

Mas eu contra quem posso arremessar a queixa,
As minhas mágoas vãs, esta febre intranquila,
Agonia cruel, que há tanto não me deixa ?

Contra quem? a não ser contra mim mesmo, creio,
Contra este inútil ser, destrutível argila,
Até que volte ao pó, ao mesmo donde veio !?

CORAÇÃO

A Octavio do Amaral

Bates de novo, coração! não creio,
Fico mesmo a escutar-te, estranho, absorto,
De novo bates, trêmulo, que anseio!
E eu que te cria inteiramente morto!

Como pois é possível? Porque meio
Ressurges? Que delicias e que pôrto
De uma doçura viste acaso cheio,
Animado de um íntimo confôrto?

És semelhante à própria natureza,
No inverno morta, pela bruma espessa
Coberta, amortalhada de tristeza...

E quando menos, quando não se espera,
Florescem campos e do seio dessa
Desolação rebenta a primavera!

PASSADO

A Guimarães Passos

Não me faleis daquele perfumado
 Dia, não mais me recordeis, oh! quanto
 Sofro! a noite em que nós de braço dado,
 Trêmulos fomos, trêmulos de espanto!

Bois ruminavam pelo descampado,
 Lembra-me bem! de ponto a ponto, o canto
 — Como um clarim — dos galos o cerrado
 Ar, saudoso e util, vibrava tanto!

Este vidro de essências aspirai-o,
 Vêde que quanto mais a gente o aspira
 Mais quer e cai num súbito desmaio.

No passado, senhora, não mexais,
 Que êle bem como a essência nos delira,
 Nos mata e o coração não satisfaz!

UM DEUS

Cômico deus, ó velho deus sagrado
 Das Indias, boca de ironia, rosas
 Na fronte, e abjeto, e fero, e debochado,
 Dos vãos com pérfido atrativo gozas!

Quando aos teus pés o povo ajoelhado
 Ncto e mulheres beijam-te formosas,
 E te adoram, eu triste e supliciado
 Escuto aquelas preces fervorosas...

E logo tremo de rancor, e logo
Quero esmagar-te, múmia estranha e louca,
Paixão cruel em que me estorço e afogo...

Avanço e paro, apaixonado, aéreo,
Atraído por tua horrenda boca,
Estrangulado pelo teu mistério!

Fevereiro — 88

EM REDOR DA CARNE

Nus os teus pés, calçados em chinelos
Finos, raiados de arabescos, vejo,
E essa nudez inspira-me um desejo
De beijar-te dos pés aos cabelos.

Dispo-te tôda em pensamento: belos
Contornos palpo — coxas de um lampejo
Marmóreo avisto, e subo e toco pelos
Quadris e ventre, sôfrego e sem pejo.

Nos seios paro, e em torno do pescoço
Faço um círculo ardente, e pelo moço
Seio desço outra vez nervoso e mudo...

E giro e fico tonto nessa louca
Espiral de desejos, quero tudo,
O corpo, os seios, o pescoço e a boca!

Fevereiro — 88.

ASAS

A Wenceslau de Queiroz

Vamos! abri-vos, claros horizontes,
 Nós queremos libérrimo deserto,
 Correr por sobre os elevados montes,
 Aos largos raios dêste sol aberto.

Que seja a vida de caudais torrentes,
 De loucuras e sonhos — descoberto
 Plaino, onde batam corações frementes,
 Ou precipícios, sem caminho certo.

Deixai-nos espraiar a mocidade
 Pelas florestas e por vastos mares,
 Amplos céus, ampla luz da imensidade...

Clarins ouvindo pela madrugada,
 Haustos bebendo os vigorosos ares
 Como selvagem, trépida manada!

SOLIDÃO

A Horácio de Carvalho

Como a tremer eu volto e desolado
 Ao meu retiro, dentre os homens trago
 O fél cruento do desamparado,
 Vinho terrível com que me embriago!

E a ti te encontro morno e derramado
 Luar, caindo como um triste afago
 Por sobre a solidão e o descampado,
 Num murmúrio de sonho estranho e vago...

Ouço latidos... a saudade ganha
Meu espírito, em choque, ah! como pois
Vindes, lembranças, de uma dor tamanha,

E ó solidão, ó lúgubre e antigo
Campo, estrélas e lua, horrendo sois,
Mas sois entanto um coração amigo!

AO VENTO

Eu vinha de casa quando
Encontrei-a, bem diversos
Pensares arquitetando
Em versos.

Fiquei n'um louco alvorôço
Aovê-la, e mudado logo
Ante aquêle corpo moço,
Em fogo...

Fiquei nervoso, imprudente,
Que nada mais é preciso
Para deixar-me doente
Que um riso!

Que paixão maldita! e em breve
Temo de deixá-la aflita
De raiva, o diabo a leve,
Maldita!

Em breve êsses teus cabelos,
Tua face, tua boca,
Não hei de, formosa,vê-los,
Ó louca !

Não hei de vê-los e quanto
 Mais tocá-los ou beijá-los!
 Tormentos que não têm pranto...
 Estalos !

Deliciosa, implacável,
 Carne em que não ponho um beijo,
 Serás mais o irrealizável
 Desejo !

Essa docura da pele,
 Que me alegra e tanto me ama,
 Atraente me repele
 E inflama !

Porque vi o teu pescoço,
 Porque sorriste-me, grata?
 Eu vivo dêste alvorôço
 Que mata!

E vibrando todo o dia,
 Hei de passar consumido,
 Em febre e dor e alegria
 Perdido !

AO VENTO

Ah! que saudades eu trouxe
 Da vossa casa, senhora,
 Antes eu nunca lá fôsse,
 Não 'stava tão triste agora!

Vossa palavra, princesa,
 Cantava por vários ramos:
 Quando êle entrou: que frieza!
 Que horror! que horror! Nós calamos,

Como afastei-me sentido,
Tão desclado e vibrando
Pelo caminho no ouvido
Tinha a sua voz cantando...

Abalado, em sonhos vinha,
Alegria passageira!
Ah! flor, não podeis ser minha,
Por mais que eu procure ou queira !

Nasci para amar-vos, vejo,
E entanto, adorada e casta !
Dêsse lugar que eu desejo
Tudo me repele e afasta...

E neste leito me atiro,
E apago tremendo a vela,
Que vago e triste suspiro,
Que delicia pensar nela !

Como a vida é pois! aquilo
Que em mim é revolta imensa,
Para ela é um fato tranqüilo
Em que talvez já nem pensa!

APÊLO

A Nestor Victor

Chama-me o dia fora: "Oh! vem, desperta,
Como eu perfume! quanto sonho trago!
A tua infância sonorosa, aberta,
Trago-a contigo, em cânticos a alago...

Alma tristonha, ó alma vã, deserta,
 Vem, em meu seio florescente afago
 Os desclados e da estrada incerta
 Onde êles pisam o remorso apago...”

E eu sem coragem de ir lá foravê-lo,
 Fico calado e vagamente inquieto,
 A ouvir-lhe o doce e apaixonado apêlo...

Não vou, não vou, que basta-me a loucura
 De aspirar-lhe de longe o olor secreto,
 Que longe mesmo fere-me e tortura!

LENDÔ UM POETA

Tuas sonoras poesias leio,
 Tão belas são! a cada verso pasmo.
 Que cada verso é límpido gorgorio,
 Que me arrebata em doce entusiasmo!

Toco ao delírio! Que prazer! receio
 Até gozá-las! A delicia, o espasmo,
 Encontro, a febre e o divino anseio,
 Desde a' ingenuidade até o sarcasmo!

Porque êsse enrêdo fácil, estupendo,
 De histórias belas eu também não canto,
 Como se acaso não scubesse amar?

Eu sinto tudo e entanto vou dizendo
 Casos diversos dos que adoro tanto,
 Dêsses que eu nunca saberei cantar!

A UMA TRANSEUNTE

A Emilio de Menezes

Passas na rua, eu vejo-te, que belos
Olhos! Em plena florescência avanças,
Túmidos seios, turbidos cabelos
Descem negros, elásticos, em tranças...

Em qualquer dia nessa boca, pelos
Teus embrcos, pelas tuas carnes mansas,
Há de dar beijos fundos e colhê-los
A voraz boca da paixão que lanças!

E hão de gastar-te, formosura, como
Colhe-se e come um saboroso pomo,
Deusa, flor imortal, em ouro e luto...

Vida humana ridícula! parece
Em tudo a vida semelhante a um fruto:
Nasce, perfuma, colhe-se, apodrece...

A...

Hoje, o dia passei-o em febre: pelo
Bosque vaguei dulcíssimo e calado,
Ouvindo aquela mansidão; o apêlo
Da ave ressoando o bosque lado a lado...

Bebi; zombando do burguês aovê-lo
Em caminho de um longo povoado,
Fí-lo dansar como urso e de camelo
Chamei o reverendo delicado...

Mas agora do férvido tumulto
 Que me assalta e povoa enfebrecido,
 O que mais doce e mais distinto vinha:

Era a delícia do teu branco vulto,
 A docura da tua mão na minha,
 A tua voz cantando-me no ouvido!...

MAZURKA

Eu quando escuto os lânguidos compassos,
 Trêmulos, vagos, doces, caprichosos,
 Dessa Mazurka provocante, os traços
 Eu cuido logo ver de uns amorosos...

Logo suponho ver alguém nos braços
 De cutro levada pelos deliciosos
 Sons, delicada, em abandono, lassos
 Os nervos — e ambos moços e formosos!

E essa música enerva-me como essa
 Vã lembrança espalhada de um perfume
 Antigo e que de súbito apareça...

Mazurka estranha no meu peito o gume
 Embebés cheio da saudade espessa
 E exquisito quebranto do ciúme!

O VINHO

Deixa as mágoas tão vãs! Que importa ao mundo
 Que sofras, pária, que padecas, bruto!
 Raciocina, vê claro, e vê bem fundo,
 Que verás quanto horror nos causa o luto!

Imbecil, tu verás quanto é jocundo
Rir, embora êsse riso estranho e astuto
Esconda o pranto pérfido e profundo
Como ao veneno o saboroso fruto.

Se de outro jeito tu não podes, bebe,
Que o vinho traz ao coração perdido
A mocidade' florescente de Hebe...

O vinho as próprias mágoas nos amorna,
Nos torporiza o pranto mais sentido,
E a dor mais funda cínica nos torna!

SERENATA

A Dias da Rocha

Desce a canoa em leve murmúrio
Ao luar...
Mal as águas chacoalha. Pelo rio
Desce a canoa em leve murmúrio...
Acorda e vem-na olhar...

Acorda... dentro, sob o céu tranqüilo,
Minha flor,
Ouve-se um canto, acorda, vem ouvi-lo,
Acorda... dentro, sob o céu tranqüilo,
Cantam teu próprio amor !

Vem, que ela vai-se pela correnteza,
Vai-se e adeus,
Não voltará mais nunca com certeza!
Vem, que ela vai-se pela correnteza...
E leva sonhos teus!

Olha, deslisa sob essa janela
 Onde está
 Teu quarto, oh! abre-a, escuta a canção bela,
 Olha, desliza sob essa janela,
 Escuta, escuta já...

Murmura a noite... os galos vão cantando,
 Longe vão...
 Quanto amor e saudade estão vibrando!
 Murmura a noite... os galos vão cantando...
 Ai! que desolação!

Acorda... dentro, sob o céu tranqüilo,
 Minha flor,
 Ouve-se um canto, accorda, vem ouví-lo,
 Acorda... dentro, sob o céu tranqüilo,
 Cantam teu próprio amor!

Fala a canção de amor e que saudade
 Pois contém,
 E' tôda a nossa bela mocidade!
 Fala a canção de amor e que saudade
 Ah! do perdido bem!

E' nosso amor que vai rolando às águas
 A tremer,
 Tão carregado de profundas mágoas!
 E' nosso amor que vai rolando às águas...
 Onde ele irá morrer ?

Vem, que ela vai-se pela correnteza
 Vai-se e adeus,
 Não voltará mais nunca com certeza...
 Vem, que ela vai-se pela correnteza!...
 E leva os sonhos teus!...

Passou, agora mal se escuta, triste
Como, ó flor,
Estás, se por ventura o canto ouviste!
Passou, agora mal se escuta, triste
Como ficaste, amor!

NO BOSQUE

A Luiz Mariano de Oliveira

E' meio-dia... O bosque silencioso
Entro. Atravessa-o lado a lado o pio
Fresco das aves. Canto rumoroso
Chiam cigarras no calor do estio.

Deito-me à sombra de copada rama,
E a antiguidade que se me desenha
Sinto que ao longe me convida e chama.

Porque deusas não vejo em perfumoso
Bando — esta nua ao pé de claro rio
Outra n'agua a imergir, outra de gôzo
Levada por estranho murmurio ?

Ah! que os meus olhos o prazer extremo
Não tenham de gozar-vos e eu não tenha
Tôda a delicia dêsse amor supremo!

FÉRIAS

A meus irmãos

Pelas férias sorrindo a criança aos seus lares
 Volta presto e feliz atravessando os mares.
 Em casa o abraça o pai, abraça e o abençoa;
 A mãe, essa, meu Deus! essa corre, essa vca,
 Chorando e rindo sem saber mesmo o que faça,
 Tanto o beija e o quer, tanto o chama e o abraça!
 De uma que eu sei o caso é mais raro e mais triste,
 Tão infeliz foi ela! e ela já nem existe!
 Quando o filho chegava estremecida e doce,
 Como se aquela vez a derradeira fôsse,
 Tendo no olhar um quê de desespéro e brilho,
 Cingia ao coração seu pequenino filho!

Filhos, aproveitai essa quadra risonha,
 Essa quadra ideal com que depois se sonha!
 Abraçai e bejai a vossa mãe, uni-a
 Ao coração, fitai-lhe o rosto bem, que um dia,
 Não distante talvez, ao crepúsculo, quando
 Ela morta estiver, em vão a ireis chaimando,
 Em vão! e quanto mais fôr-se tornando oculto
 Esse vulto de amor, esse adorado vulto,
 A saudade mais funda há de arrasar os vossos
 Peitos, ressoando até à medula dos ossos.

POEMA

O vento afeia e gela e assombra e corta
 Sombria ncite! eu a tremer o escuto
 E fecho vacilante a estreita porta...

Entra meu peito o mêmô vago e astuto,
 Como que tenho alguma coisa morta
 No coração aflito, aflito e em luto...

Procuro e em torno encontro o horror do nada,
O desespéro lívido e cruento
Da minha vida inútil e passada.

Vão-me vivo enterrando, lento e lento,
Na coya horrível e desesperada,
À sinfonia lúgubre do vento...

E deixo-me abismar no teu risonho
Carinho, abismo flóreo e perigoso,
Ó engano dulcíssimo do sonho!

E a senhar eu me lembro que êste gôzo
Também tiveste, ó pobre coração!
Também sonhaste um sonho venturoso
Cheia do medo e da desolação!

CANÇÃO TRISTE

A Jayme Balão

De que serve se ter um coração suave,
Um coração de pomba,
Pomba que só nascer ao azul foi levada,
Se a vida, a nossa vida é como um canto de ave:
Canta-se à madrugada,
Ao pôr-do-sol se tomba!

De que serve se ter! tu tiveste e morreste!
E a vida que tormento!
Eu que criei imortal o teu amor supremo,
O teu imenso amor, o teu amor celeste,
Chamando-o agora tremo,
Vejo-o levado ao vento!

Fôsse naquele tempo azul e abençoado
 Das simples esperanças,
 Em que depcis da morte abre um céu de esplendores
 E eu cria como tu, velho, no imaculado,
 No Deus que fêz as flores,
 E como vós, crianças!

Fôsse naquele tempo! e talvez eu sentisse
 Muito menos a mágoa,
 Porque à tristeza vinha acompanhar o sono,
 E talvez o pêsar mais docemente eu visse,
 O olhar quase risonho,
 Embora cheio dágua!

Veria, porque, enfim, eu tinha como certo
 Tua alma em raics de ouro
 Vivendo, e havia até uma volúpia estranha,
 Um prazer em chorar, pois, sabendo que perto
 Estavas, meu tesouro,
 E vias dor tamanha.

Mas agora que eu sei e conheço a verdade:
 A treva, o horror, o escombro...
 Que uma lágrima cai num golfão sepultada,
 Que depois desta vida há uma eternidade:
 O nada, o nada, o nada;
 Nada cheio de assombro!

Digo pois: de que serve um coração suave,
 Um coração de pomba,
 Pomba que só nascer ao azul foi levada,
 Se a vida, a nossa vida é como um canto de ave:
 Canta-se à madrugada,
 Ao pôr-do-sol se tomba!...

ILUSÃO

A Gonçalves Maia

E aos nossos todos vem a mesma imagem,
A mesma idéia sobre essa partida
— A morte, que nós cremos uma viagem,
Que de certo não foi por toda a vida.

Não é impossível ! Foste a uma paragem
Longínqua, sem nos dar a despedida,
Algum lugar inóspito e selvagem,
Mas de improviso voltarás, querida!

A cada instante, sútilmente, a porta
Vejo-te abrindo e vou quase falando:
— E diziam-me que ela estava morta ! . . .

Não se prolongue mais ansiedade !
Eu sei que é um sonho mau que vai passando,
Que isto não é por certo a realidade !

NA TREVA

A Raymundo Pereira

Não sei como, mas sinto que uma fresta
De sol — aberta sobre um azul doce,
E por onde os meus olhos além desta
Carcassa viam, súbito apagou-se !

E a negridão naquele ponto resta !
E desde que essa treva assim formou-se,
Nevrose singular ! como se fôsse
Um peso, falta de ar me opreme e infesta !

E' tua ausência, mãe! tua ternura
 No meu peito fermenta em febre surda,
 A morte, o desespôro e a loucura...

Odiosa e banal incoerênciâ!
 Que ironia de quem quer que nos urda
 A comédia burlesca da existênciâ!

REQUIES

(Leconte de Lisle)

Como o exilado eu vou longe d'aquêles que
 Eu amava e da vida a luz deixo mais casta
 Do encantado país que nunca mais sevê.
 Sobre a colina altiva onde o caminho afasta
 Paro, e vejo fugir no horizonte dormente
 Minha última esperança, e choro amargamente.

Ó desgraçado! crê nessa muda agonia;
 Nada mais florirá, mocidade, alegria,
 À lembrança cruel do teu feliz passado.
 Vê, é melhor por certo a nova angústia ainda,
 E deixa sepultar-se em sua noite infinda
 O amor e o prazer de que não tens gozado.

O tempo não cumpriu as promessas divinas,
 Não tornarás a vér florir tuas ruínas;
 Busca o repouso, pois, sem que ninguém te chame,
 E lembra-te de que, na sombra recolhido,
 Neste mundo não há mais um só ser que te ame.

A vida é feita assim, devemo-la sofrer.
O fraco sofre e chora, e fica o doido furioso,
Mas o mais sábio ri, vendo que há de morrer.
Homem busca o lugar, teu último repouso,
E aí, da terra e céu sem a menor saudade
Permanece, infeliz, por toda a eternidade!

LUXÚRIA

Quando estou perto desta criatura,
Sinto não sei que comoção estranha,
O meu corpo amolece na tontura
Deliciosa e lúbrica e tamanha!

A boca atrai-me, o olhar se me afigura
Um abismo! Que beijo! Como assanha!
Morro por apertá-la na cintura,
E morro da volúpia que me banha!

A cabeça me pesa, os olhos tenho
Quase adormidos, quase desmaiada,
Pálido fico, carregado o senho!

Quando eu a deixo, fico, ó loucos danos!
Trôpego, bambo, trêmulo, abalado,
Como se eu fôra um velho de cem anos!

SCHOPENHAUER

A Gomes Cardim

Não me assusto de que falasse dêsse
Abismo, cheio de perfidia e danos,
E soerguendo pela ponta os panos
A torpeza do mundo descrevesse.

Nem que miragem rútila de enganos
 Fôsse o caminho que no mundo vê-se,
 E que no cumé a morte se conhece
 Desconhecida dos primeiros anos;

Nada me assombro disso; mais ou menos
 Conheço a hediondez d'este vazio,
 Cujas próprias doçuras são venenos...

Assombra-me, porém, que estando à beira
 Do abismo, êsse filósofo nos queira
 Falar, e fale tão a sangue frio!

HIPOCRISIA

A Victor Ayrosa

Custa sempre fingir... e se êste finge
 Coragem, sendo, por sinal, covarde,
 Afrouxa logo o ânimo e restringe
 Os ímpetos bravios, cedo ou tarde;

A coroa de louros que outro cinge
 Falsa, emurchece; aquêle em febres arde
 De raiva, e se contém, como se tinge,
 Vêde, o seu rosto, sem fazer alarde!

Tudo que é falso, pois, nos causa e pouco
 Dura — mentir, chorar... a natureza
 Isso permite simplesmente ao louco...

Maior, porém, de tôda a hipocrisia:
 E' quando estando doido de tristeza,
 Alguém finje estar doido de alegria!

MÊDO DO INFINITO

Sôbre a montanha estava em certo dia.
Era quase ao morrer do sol... defronte,
Dos lados, aos meus olhos se estendia
A vastidão do lúgubre horizonte.

Infinito aos meus pés, tremendo, eu via,
Infinito por sôbre a minha fronte,
E a Verdade a fugir-me à luz sombria,
À pavorosa luz do sol poente...

Súbito um mês veiu-me... esmagado
Até quase à loucura deslumbrado,
Fico, imóvel, suspenso, aflito, aflito...

Que não há mês que enlouqueça tanto,
Como a indizível contorção de espanto,
O extraordinário *Mês do Infinito!*

TENTAÇÃO

A *Alberto de Oliveira*

Depois da chuva mais brilhante o dia
Vei. Por tôda a natureza, pelas
Ervas, no céu, nos pássaros, havia
Um murmúrio dourado como estrélas...
O arco d'aliança ia beber na fonte...
Pombas, no prado umedecido, insetos
Bicavam. Cabras a descer do monte
Vinharam marrando. E os bois pasciam quietos.

O santo os olhos de través da gruta
 Lança, e aquela jovial frescura
 Sente em delicia... aspira o ar... escuta...
 Que nova vida cheia de doçura!

Como um leopardo, ao sol, os membros lassos
 Extende, que preguiça deliciosa!
 Agora livre dos crueis cansassos
 Como do sol puríssimo êle goza!

E a natureza assim disposta aos sonhos,
 Voa em busca de amor, amor procura,
 Ó delicados dias tão risonhos!
 Ó passageira, ó límpida ventura!
 — Ah! que saudade da formosa amada,
 Que saudade dos beijos que tomava
 N'aquela boca doce e perfumada,
 D'aquêle corpo leve que apertava !

Vinde! êle agora êsse teu beijo espera,
 Beijo tão doce, tépido carinho,
 Que dentre os vinhos capitosos era
 O mais suave e capitulo vinho!
 E num delíquio cai, ela o rodeia,
 N'um abraço macio estreita-o, toma,
 Beija-o e no beijo dado à boca cheia,
 Transporta-o logo para a eterna Roma.

Entra o salão esplêndido de brilhos,
 Baixelas de ouro fulvo no tapete,
 Sobre as colchas do Oriente, e nos ladrilhos
 Do chão, refletem. Hora do banquete.
 Ciatos de ouro, cálices de agata,
 Jarros de murrha, a pedraria ardente,
 Em forma extravagante hidras de prata,
 Tudo brilhava prodigiosamente.

E éle atônito vê-se entre os convivas
Da elegância romana. As bailadeiras
Da cítara ou do pífano lascivas
Ao som quebraram trémulas, ligeiras...
E segue a orgia... As damas recostadas
Sobre os sofás, mostrando os seios brancos,
Roçam-se ebrias pelas almofadas,
Olhando avidamente os saltimbancos...

Elas bebiam vinhos opalinos
De Chio... inebriantes de perfumes,
Ao som dos mais deliciosos hinos,
À claridade dos mais vivos lumes.

Afrouxa a luz dos candelabros... morno
Silêncio reina... olhar semi-cerrado,
Pisado, as damas têm... e o nu contorno
Claro dos braços beija o olhar molhado
Dos homens... Pára a cítara, o saltério
Pára, na embriaguez apetecida,
No bem-estar da sombra e do mistério,
Que predispõem a amar, que a amar convida...

.....

O santo acorda... Em derredor morria
O sol... a natureza nos retiros,
Como um pássaro às asas se escondia
Num murmúrio extremo de suspiros...
Como a sombra da noite que vem perto
Dentro do coração lhe vai crescendo
A sombra da tristeza de um deserto
Vasto, medonho, lívido, tremendo!

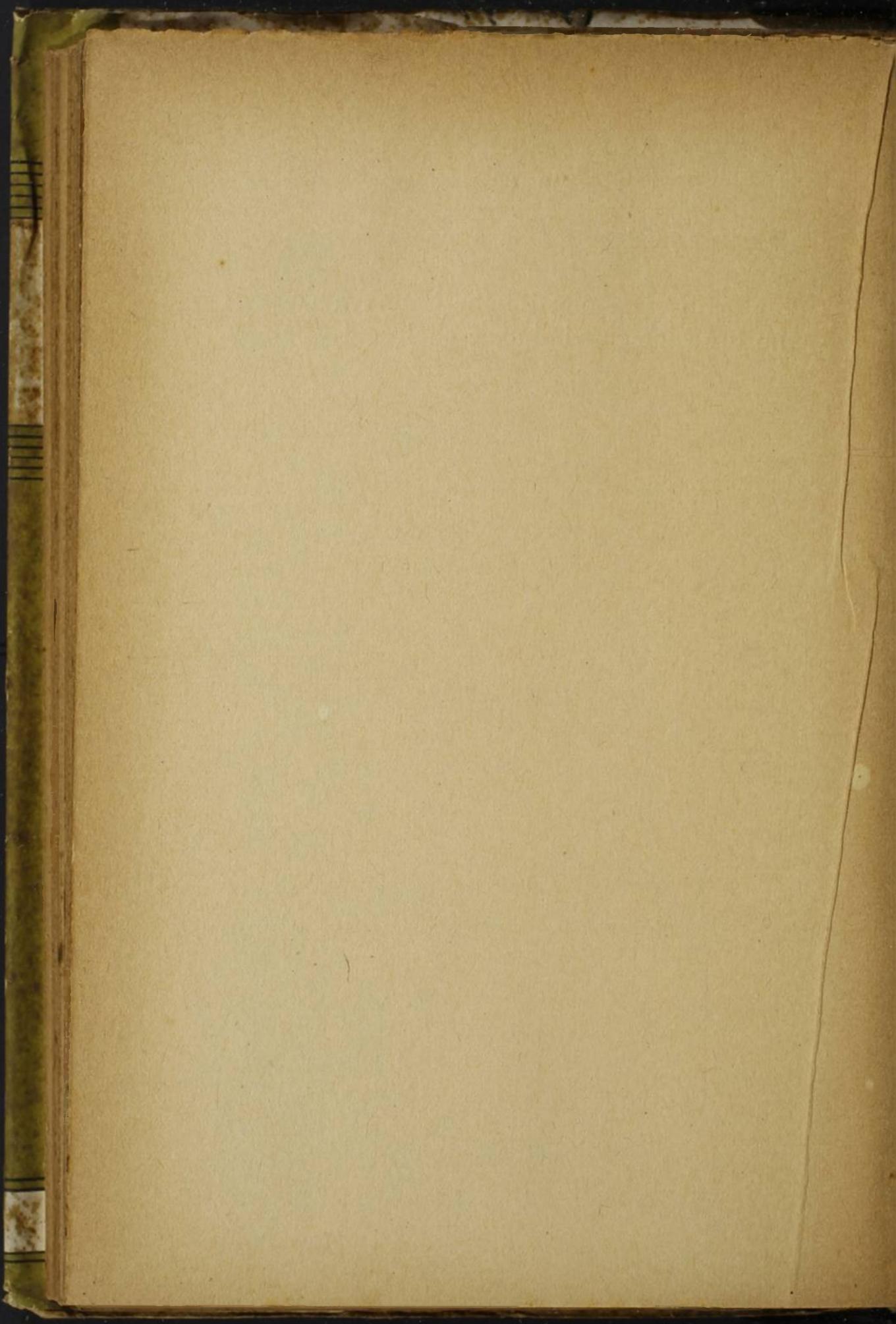
Viver! viver porque? Se aflitamente
Bate-lhe o coração dentro do peito,
E êle triste e nervoso olha e pressente
Um como agouro pelo céu desfeito...
De que valeram pois noites e noites
De vigílias e dor tão torturadas,
O corpo dolorido dos açoites,
Exposto à tirania das nortadas?

De que valeram pois? Se êle sentia
Como qualquer mortal sua alma pensa
Para essa estranha e louca covardia
Do amor que roi como a pior doença!
Se êle apesar de si tinha saudades
De um beijo e de um abraço, êle que os olhos
Continuamente nas imensidades
Punha dos céus, tão longe dos escolhos!

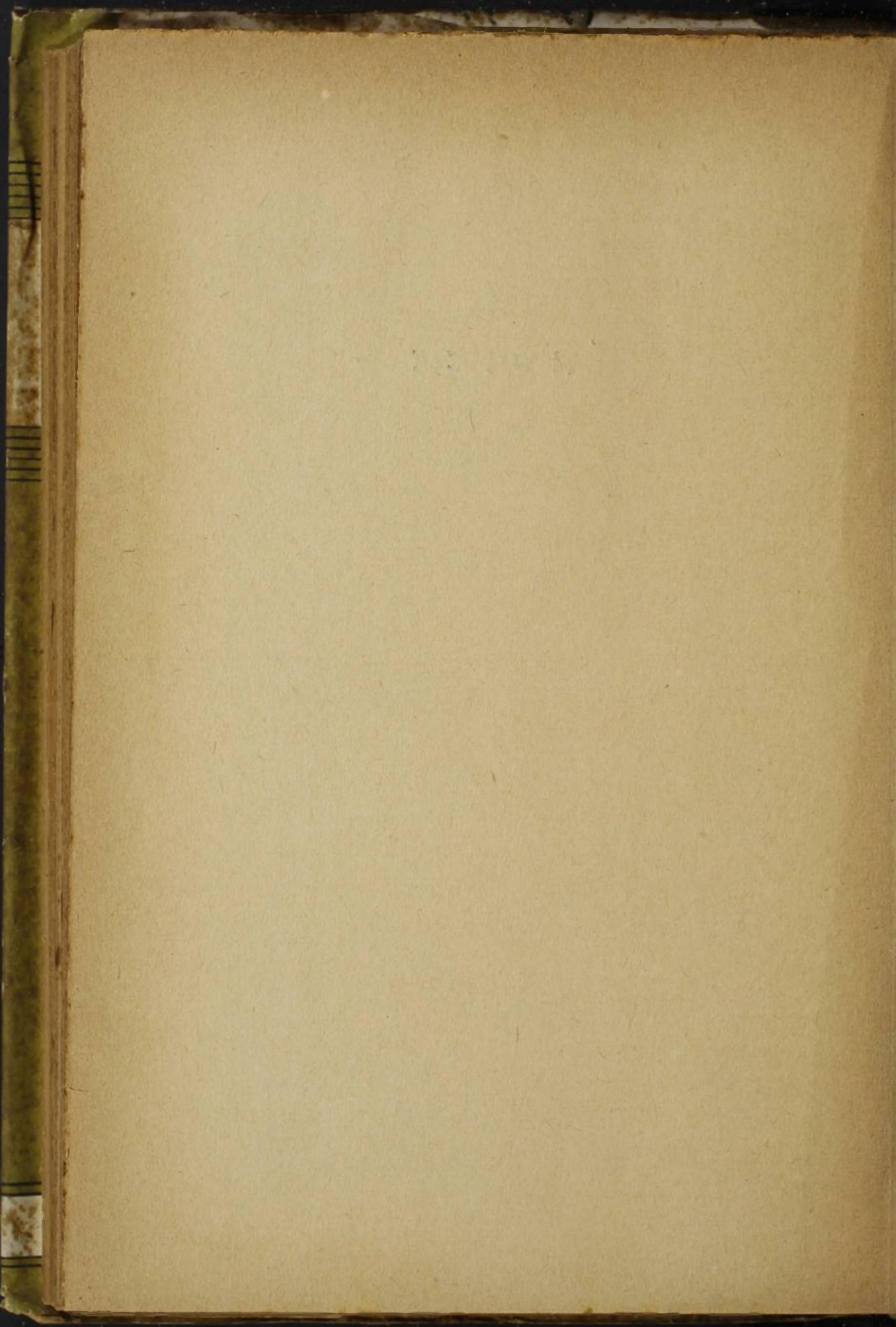
Não pudera vencer o incoercível
Demônio — a tentação da carne — e agora
Como mísero estava, que terrível
Loucura o toma, em raiva, grita e chora...
Ah! não poder vencê-lo! Despedaça
A roupa, chora, estrangulado, aflito,
Impotente e feroz, negra desgraça!
Antes morresse o mísero maldito!
E dilacera a carne, e bate o peito
De encontro à fria rigidez da gruta,
Sangra-se, roja, em lágrimas desfeito
Na ânsia mortal de uma tristeza bruta...

E de cansada dorme essa alma escrava:
E sonha o céu aberto e delicioso
Numa fonte, que o peito lhe banhava
Como um luar suavíssimo e cheiroso!





ÍNDICE



A poesia de Emiliano Perneta (prefácio)	1
Pena de Talião	1
Setembro	75
Hércules	78
Estâncias	80
O Brigue	81
A uma desconhecida	82
Damas	83
A Felicidade	84
Para um coração	85
Soneto	86
Lá	86
De um fauno	87
Soneto	88
Fogo sagrado	88
Um casal	90
Numa hora de dor	90
Última volúpia	92
Árvore	93
Ao cair da tarde	94
Dor	94

Palavras a um recém-nascido	96
Soneto	99
Christe, audi nos	100
Creio	102
De como vim cair aos pés de Deus	103
Louvado sejas tu	105
Por Maria	107
Oração da manhã	108
Oração da noite	110
Quando Jesus nasceu	112
Música íntima	121
Dolor	121
Oásis	122
Turbat Coelum Tempestas	123
Se se morre de amor!	123
Tu	124
Canção nova	125
Sub umbra	126
Papéis velhos	126
História trivial	127
Nasces-te	128
Amazona	129
Partida	130
Dentro de uma alcova	130
Comédia amorosa	131
Neste monte	132
Histórias sem fim	133

POESIAS COMPLETAS 181

Tormenta	146
Esculpe-a	147
Depois de uma leitura	147
Idade de ouro	148
Aplaudite vulgus	149
Im extremis	149
Vãs revoltas	150
Coração	151
Passado	152
Um Deus	152
Em redor da carne	153
Asas	154
Solidão	154
Ao vento	155
Ao vento	156
Apêlo	157
Lendo um poeta	158
A uma transeunte	159
A	159
Mazurka	160
O vinho	160
Serenata	161
No bosque	163
Férias	164
Poema	164
Canção triste	165
Ilusão	167

Na treva	167
Requies	168
Luxúria	169
Schopenhauer	169
Hipocrisia	170
Mêdo do infinito	171
Tentação	171

**POESIAS
COMPLETAS
DE
CRUZ E SOUZA**

**Edição
rigorosamente
revista, com um
prefácio de**

Tasso da Silveira



Preço: Cr\$ 10,00

COLEÇÃO
“GRANDES POETAS DO BRASIL”

- 1 — Obras completas de *Fagundes Varela* — 1.^o volume.
- 2 — Idem — 2.^o volume.
- 3 — Idem — 3.^o volume.
- 4 — Obras completas de *Casimiro de Abreu*.
- 5 — Poesias completas de *Castro Alves* — 1.^o volume.
- 6 — Idem — 2.^o volume.
- 7 — Poesias completas de *Alvares de Azevedo* — 1.^o volume.
- 8 — Idem — 2.^o volume.
- 9 — Poesias completas de *Moacir de Almeida*.
- 10 — Poesias completas de *Gonçalves Dias* — 1.^o volume.
- 11 — idem — 2.^o volume.
- 12 — Poesias completas de *Cruz e Souza*.
- 13 — Poesias completas de *Laurindo Rabelo*.
- 14 — Poesias completas de *Junqueira Freire* — 1.^o volume.
- 15 — idem — 2.^o volume
- 16 — Poesias completas de *Emiliano Pernetta* — 1.^o volume.
- 17 — Idem — 2.^o volume.

Preço de cada volume Cr\$ 10,00

A seguir — Poesias completas de:
Claudio Manoel da Costa.

Pedidos á

Livraria Editora Zélio Valverde
Trav. Ouvidor, 27 - Caixa Postal 2956
Rio de Janeiro